



UFG

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

OZANIR REINALDO DE LIMA



PERCEPÇÃO DE PAISAGENS: a topofilia e o olhar dos moradores na cidade de Catalão (GO)

CATALÃO (GO)

2014

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

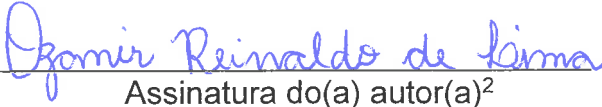
Nome completo do autor: Ozanir Reinaldo de Lima

Título do trabalho: PERCEPÇÃO DE PAISAGENS: a topofilia e o olhar dos moradores na cidade de Catalão (GO)


3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 13 / 02 / 2020

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

OZANIR REINALDO DE LIMA

**PERCEPÇÃO DE PAISAGENS: a topofilia e o olhar dos moradores na cidade
de Catalão (GO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto sensu em Geografia da Universidade Federal de
Goiás, Campus Catalão como requisito para a obtenção do
título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Ordenamento do
Território.

Linha de pesquisa: Estudos Ambientais

Orientadora: Prof^ª. Dra. Odelfa Rosa

CATALÃO (GO)

2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Reinaldo de Lima, Ozanir

Percepção de Paisagens [manuscrito] : A topofilia e o olhar dos moradores na cidade de Catalão (GO) / Ozanir Reinaldo de Lima. - 2014.

CXLII, 142 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Odelfa Rosa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Geografia, Catalão, Programa de Pós Graduação em Geografia, Catalão, 2014.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, símbolos, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Geografia. 2. Percepção de Paisagem. 3. Topofilia. 4. Catalão (GO). I. Rosa, Odelfa, orient. II. Título.

CDU 911



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 REGIONAL CATALÃO
 DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP - 75704 020
 Fone/fax: (64) 3441-5331. E-mail: mestradogeografia@gmail.com

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE

Ozanir Reinaldo de Lima

Aos dez dias do mês de abril do ano de dois mil e quatorze (10/04/2014), às 10h (dez horas), no Laboratório de Cartografia – Bloco B, Sala 01, Regional Catalão/UFMG, teve lugar a 69ª Sessão Pública de Julgamento da Dissertação de Mestrado de **Ozanir Reinaldo de Lima**, intitulada “**PERCEPÇÃO DE PAISAGENS: a topofilia e o olhar dos moradores na cidade de Catalão (GO)**”. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 012/2014 do Programa de Pós-Graduação em Geografia/CAC/UFMG, pelos Professores: Prof^ª. Dra. Odelfa Rosa (Orientadora UFG/CAC e Presidente), Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro (UFG - IESA – Membro Externo), Prof. Dr. Idelvone Mendes Ferreira (UFG/CAC – Membro Interno). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo a candidata respondido satisfatoriamente. Às ____ horas e ____ minutos a Banca Examinadora passou ao julgamento, em Sessão Secreta, tendo a mestranda obtido os seguintes resultados:

Prof^ª. Dra. Odelfa Rosa – Ass. *Odelfa Rosa*

Aprovada (x) Reprovada ()

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro – Ass. *Eguimar*

Aprovada (x) Reprovada ()

Prof. Dr. Idelvone Mendes Ferreira - Ass. *Idelvone*

Aprovada (x) Reprovada ()

Obs.: *Aprovada. Atender as recomendações da Banca.*

Presidente da Banca – Prof^ª. Dra. Odelfa Rosa - Ass. *Odelfa Rosa*

Resultado final: APROVADA (x) REPROVADA ()

Reaberta a Sessão Pública, o (a) Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a Sessão, da qual foi lavrada a presente Ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora, Mestranda examinada e pela Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia-CAC/UFMG.

Assinatura da Mestranda: *Ozanir Reinaldo de Lima*

Secretária *Priscila Querino de Lima*

Obs: O aluno deverá encaminhá-la para a Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia Regional Catalão/UFMG de até 45 dias, a contar da data da Defesa Pública, os exemplares definitivos da Dissertação, para arquivamento e devidos encaminhamentos, conforme as normas definidas pelo PPGGC/CAC/UFMG.

TERMO DE APROVAÇÃO

OZANIR REINALDO DE LIMA

PERCEPÇÃO DE PAISAGENS: a topofilia e o olhar dos moradores na cidade de
Catalão (GO)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão como requisito para obtenção do título de mestre em Geografia. Área de concentração: Geografia e Ordenamento do Território

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Odelfa Rosa (UFG/CAC)
Orientadora

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro
Examinador

Prof. Dr. Idelvone Mendes Ferreira
Examinador

Catalão (GO), ____ / ____ / ____

Resultado: _____

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Aos que cultivam sentimentos de amor e carinho para com a cidade de Catalão (GO), aqueles que ao andar pelos caminhos que conduzem as praças, ruas, avenidas, represas, bosques e morros percebem e vivem cotidianamente essas encantadoras paisagens. Aos que aqui passaram, e por algum motivo tiveram que partir, e todos aqueles que ainda virão.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Profa. Odelfa Rosa pela direção oferecida na orientação, pelo apoio e presteza;

A meu pai, José de Lima, que me incentivou nesta batalha e minha mãe Alice Flausino de Lima, obrigada pelo carinho e pela vida;

A minha família de forma geral, não citarei nomes, pois, exigiria espaço e tempo;

Ao Prof. João Donizete Lima, que colaborou quando solicitado, pelo auxílio incondicional a pesquisa de campo, meus sinceros agradecimentos;

Ao Prof. Ms. Valdivino Borges de Lima, pelo incentivo a continuação dos estudos desde a graduação, agradeço por sua amizade;

Ao técnico administrativo do Laboratório de Solos, Cleumar Tristão de Aguiar, pela sua enorme contribuição na pesquisa de campo, entre outras solicitações;

A técnica administrativa Priscila Querino de Lima, pelo profissionalismo e atenção na Secretaria do Programa, sempre se dispôs a colaborar no que foi preciso.

A minha amiga de Graduação, Mestrado, e de todos os momentos, Amanda Pires, que nunca negou auxílio nos instantes que precisei nos seis anos (quatro de Graduação e dois de Mestrado). Obrigada pela correção de minhas sinuosas linhas, normas da ABNT, enfim.

Ao Programa de Reestruturação das Universidades Federais – REUNI de assistência ao ensino, que colaborou com os custos desta pesquisa, possibilitando a participação em eventos, aquisição de livros, entre outras despesas que o estudo demandou;

Agradeço, de forma especial, aos sujeitos que se dispuseram responder os questionamentos da entrevista, pois, contribuíram enormemente para a concretização desse estudo.

Ao Luciano Vieira, pela colaboração para que concluísse essa etapa;

A todos os indivíduos que acreditaram na concretização desta pesquisa, o meu muito obrigado pelo incondicional apoio.

“... a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grandes janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, e cada segmento é riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras...” Calvino (1973).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal compreender a percepção da paisagem que os moradores de Catalão têm da cidade, embasando-se na topofilia. A área da pesquisa é a cidade de Catalão (GO) situada na Região Sudeste do Estado de Goiás. A sua escolha é devido, principalmente, à cidade encontrar-se nas últimas décadas com crescimento urbano acelerado, e as transformações na paisagem urbana tem acontecido de forma rápida e intensa, sendo que essas modificações iniciaram basicamente, posterior à década de 1990. Para o desenvolvimento do estudo assinala-se a problemática, e apresenta alguns questionamentos que auxiliaram na compreensão da percepção da paisagem da cidade na concepção dos sessenta moradores que foram entrevistados: como os moradores da cidade de Catalão (GO) percebem a paisagem urbana? Quais sentimentos e significados esses moradores atribuem à percepção da paisagem embasando-se nos fundamentos da topofilia? Que tipo de sentimentos os moradores tem da paisagem no que se refere ao lugar que vivem e/ou que frequentam? A partir dessas discussões, foram realizadas revisões de literaturas envolvendo às temáticas do estudo, pesquisas em bibliotecas, sites que trazem teses, dissertações, artigos que abordam a categoria de paisagem, paisagem urbana, percepção e topofilia. Na pesquisa de campo foi realizada entrevista semiestruturada com sessenta sujeitos, que teve como finalidade compreender quais as concepções dos entrevistados em relação à paisagem da cidade, para tanto, foi adotado alguns critérios para que os indivíduos participassem das entrevistas: ter idade superior a 18 anos, ambos os sexos e residir na cidade há mais de cinco (05) anos. Pode-se dizer que entender a visão que os moradores têm da paisagem da cidade em que vivem é uma maneira de adicionar valores às relações cotidianas que envolvem a cultura, os símbolos e os significados, por vezes considerados sem importância. Nessa perspectiva, compreender as questões subjetivas do ser humano é significativo para os indivíduos, e, inclusive para o grupo em geral. Estas ações apresentam-se com uma forma de atribuir estimas aos laços sociais presentes no viver, e que se manifestam nas relações de vizinhança, na convivência nas praças, bosques, feiras, e essas atitudes fortalecem os vínculos de amizade e traz à memória as lembranças do passado que certamente tem muito valor para a vida em sociedade.

Palavras-chave: Geografia; Percepção de Paisagem; Topofilia; Catalão (GO).

ABSTRACT

This research has as main objective to understand the perception of landscape that Catalan residents have of the city, thus, the demotic Assembly, on topophilia. The search area is located in the town of Catalan (GO) located in the Southeast region in Central Goiás State, Brazil. His choice is due principally to the city find themselves in recent decades with accelerated urban growth, and the urban landscape transformations have happened quickly and intense, with these modifications initiated basically, after the Decade of 1990. For the development of the study noted the problems, and presents some questions which aided in the understanding of the perception of the city landscape in the design of sixty residents that were interviewed: as residents of the town of Catalan (GO) realize the urban landscape? Which feelings and meanings these residents attach to the perception of landscape thus, the demotic Assembly in the foundations of topophilia? What kind of feelings you have residents of the landscape with regard to the place where they live and/or who attend? From these discussions, involving literature reviews were conducted at the thematic study, research in libraries, sites that carry theses, dissertations, articles that discuss the category of landscape, cityscape, perception and topophilia. In the field research was conducted semi-structured interview with sixty subjects, which had as its purpose to understand which the conceptions of respondents in relation to the landscape of the city, for both, was adopted some criteria for individuals to participate in the interviews: have aged over 18 years, both sexes and reside in the city for more than five (05) years. I guess you could say I understand the vision that residents have of the landscape of the city in which they live is a way to add values to everyday relationships involving culture, symbols and meanings sometimes considered unimportant. In this perspective, understanding the subjective human issues is significant for individuals, and even for the group in General. These actions are presented with a way to assign value to social ties present in the living, and that manifest themselves in the neighbourly relations, on coexistence in the squares, groves, fairs, and such attitudes strengthen the bonds of friendship and brings to memory the memories of the past that certainly has a lot of value to life in society.

Keywords: Geography; Perception of landscape; Topophilia; Catalan (GO).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Diferentes definições e abordagens do conceito de paisagem – 2011.	51
Foto 1	Catalão (GO): vista parcial da Praça Getúlio Vargas, “Praça do Coreto”.	74
Foto 2	Catalão (GO): vista parcial da Praça Getúlio Vargas, presença de sujeitos, o que contribui para manter as tradições das cidades interioranas – 2013.	74
Foto 3	Catalão (GO): vista parcial do “Morro da Saudade”, a partir do Ginásio Internacional, no primeiro plano tem-se a “represa do Haley” – 2013.	77
Foto 4	Catalão (GO): vista parcial do Morro das “Três Cruzes” – 2014.	74
Figura 1	Carta Imagem localização dos pontos escolhidos da pesquisa – 2013.	76
Foto 5	Catalão (GO): vista da Feira, dos trilhos da (FCA), corta a cidade – 2013.	77
Foto 6	Catalão (GO): vista parcial da Feira sentido Sul-Norte. Moradores fazendo compras de hortifrúti – 2013.	77
Foto 7	Catalão (GO): vista parcial da Praça “Marca Tempo”, Norte-Sul. Primeiro plano o local do relógio, referência ao “nome” da Praça – 2013.	80
Foto 8	Catalão (GO): vista parcial da Praça “Marca Tempo”, com a presença de indivíduos conversando, típico nas cidades interioranas – 2013.	80
Foto 9	Catalão (GO): vista parcial do Terminal de Coletivos, Norte-Sul – 2013.	82
Foto 10	Catalão (GO): vista do Terminal, sobre o Ribeirão Pirapitinga – 2013.	82
Foto 11	Catalão (GO): vista aérea “Represa do Haley”, sentido Norte-Sul – 2009.	84
Foto 12	Catalão (GO): vista parcial do “Clube do Povo” ênfase para a represa e ao fundo parte do urbano da cidade de Catalão (GO). Norte-Sul – 2013.	84
Foto 13	Catalão (GO): vista parcial do Ginásio Internacional de Esportes. A partir da Avenida João Neto de Campos – 2011.	87
Foto 14	Catalão (GO): vista parcial do Complexo Ecológico, Bairro “Monsenhor Souza”. Em segundo plano edifício sendo erguido, evidencia a transformação da paisagem urbana – 2013.	88
Foto 15	Catalão (GO): vista parcial do Complexo Ecológico, presença de sujeitos, Semana Santa PMC dispõe peixes serem pescados pelos moradores – 2013.	88
Foto 16	Catalão (GO): vista parcial da Praça Manuel Arcanjo, B. Ipanema, vê-se a prática de atividade física pelos frequentadores, sentido Sul-Norte – 2013.	91
Foto 17	Catalão (GO): vista parcial da Feira Camponesa: Bairro Ipanema – 2013.	91

Figura 2	Catalão (GO): localização do Município de Catalão – 2011.	99
Quadro 2	Censo demográfico de Goiás de 1950 a 2010.	101
Gráfico 1	Catalão (GO): faixa etária da população pesquisada – 2013.	106
Quadro 3	Catalão (GO): naturalidade dos entrevistados – 2013.	108
Quadro 4	Catalão (GO): tempo de residência na cidade dos entrevistados – 2013.	109
Quadro 5	Catalão (GO): bairro em que residem os entrevistados – 2013.	110
Gráfico 2	Catalão (GO): grau de escolaridade dos entrevistados – 2013.	111
Quadro 6	Catalão (GO): ocupação dos entrevistados – 2013.	113
Quadro 7	Catalão (GO): local de trabalho dos entrevistados – 2013.	114
Gráfico 3	Catalão (GO): meio de transporte utilizado pelos entrevistados – 2013.	115
Gráfico 4	Catalão (GO): paisagem urbana que mais agrada aos entrevistados – 2013.	117
Foto 18	Catalão (GO): “Represa do Haley” rampas de patinação e skatismo – 2011.	118
Quadro 8	Catalão (GO): sentimentos dos entrevistados em relação à paisagem da cidade – 2013.	120

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS.

ADUCAT – Adubos Catalão

CAC - Campus Catalão

CESUC – Centro de Ensino Superior de Catalão

CEF - Caixa Econômica Federal

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CRAC – Clube Recreativo Atlético Catalano

DEGEO – Departamento de Geografia

DIMIC - Distrito Mineral Industrial

ETA - Estação de Tratamento de Água

ETE - Estação de Tratamento de Esgoto

EUA - Estados Unidos da América

FCA - Ferrovia Centro Atlântica

FUNAPE – Fundo Nacional de Apoio a Pesquisas

GO - Goiás

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MCP - Movimento Camponês Popular

MMC - Mitsubishi Motors Automotores do Brasil S/A

MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores

NEPSA - Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais

PPGEO – Programa de Pós-graduação em Geografia

PMC – Prefeitura Municipal de Catalão

PROLICEN - Programa de Bolsa para Licenciaturas

REUNI - Reestruturação das Universidades Federais

RCM- Prestadora de serviços em manutenção técnica

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFG - Universidade Federal de Goiás

UNESP – Universidade Estadual de São Paulo

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: contexto histórico e social	20
2.1	A Geografia Humanística e Cultural: fenomenologia	30
2.1.1	Topofilia	39
2.2	A categoria lugar para a Ciência Geográfica	42
2.3	Geografia e paisagem: conceitos e discussões	48
2.4	Um olhar sobre o urbano: percepção de paisagem	60
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: caminhos da pesquisa	69
3.1	Seleção dos pontos para entrevistas: algumas discussões	76
4	CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO	97
5	A PAISAGEM URBANA DE CATALÃO: o olhar dos moradores	104
5.1	A população catalana e a percepção da cidade	105
5.2	Análise Topofílica da paisagem de Catalão	116
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS	126
	APÊNDICE	137

1 INTRODUÇÃO

“[...] as cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam outra coisa.” (Calvino, 1972).

A presente pesquisa traz reflexões sobre a temática urbana no contexto das relações sociais e culturais com embasamento nas capacidades perceptivas envolvendo a topofilia¹. Procura-se evidenciar os valores² de identidade que estão emaranhados no dia a dia dos indivíduos, os sentimentos diante a categoria de paisagem, tendo a cidade de Catalão (GO), como referência ao estudo. Essas significações são essenciais à vida em sociedade, pois, essas experiências singulares são capazes de integrar valores únicos à constituição das relações humanas em suas diferentes possibilidades de manifestação. Nos dias atuais, há uma maior preocupação, por parte da comunidade acadêmica, em estudar as problemáticas físicas, deixando de lado o cultural, o subjetivo do indivíduo, e as relações para com o lugar vivido acabam sendo pouco lembrados. Assim, as paisagens estão intensamente transformadas, seja no campo pelo incremento da agricultura e pecuária, ou nas cidades pela expansão urbana, principalmente, pelo crescimento desordenado.

O objetivo principal da pesquisa é compreender a percepção da paisagem que os moradores de Catalão (GO) têm da cidade, levando em conta a topofilia. Nessa perspectiva, apontam-se os objetivos específicos, que consistem em elaborar um aporte teórico metodológico ressaltando a importância da paisagem enquanto categoria de análise na Ciência Geográfica, entre outros elementos essenciais ao estudo. Identificar as relações e sentimentos topofílicos dos indivíduos em relação à paisagem da cidade por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas. E, determinar qual é a paisagem símbolo, ou seja, o marco visual

¹ Para Bachelard (1974), o termo topofilia “define-se por imagens de espaço feliz [...] e determinam os valores do humano nos espaços de posse, dos espaços defendidos contra as forças adversas, dos espaços amados”. “É o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico, abordando-o sob o ponto de vista das percepções, das atitudes e dos valores envolvidos.” (TUAN, 1980).

² Essa concepção de valor é abarcada pela Geografia Humanista, sendo que representou uma grande contribuição para esta área, que envolve os estudos de percepção na gestão da paisagem e do lugar (MELO, 2005).

como referência a paisagem urbana que mais identifica a cidade, de acordo com a percepção dos sujeitos entrevistados.

A partir da compreensão dos processos que modificam constantemente as paisagens no sentido anatômico, é possível, inclusive, que possamos entender os significados dos valores que os indivíduos podem adquirir ao longo de suas vidas, com as experiências diante da paisagem que vivenciam no cotidiano. A categoria de paisagem foi apreendida, nesse estudo, como cultura e torna-se de grande valor no sentido de contribuir com essas questões, pois, é nas paisagens e nos lugares que os indivíduos se movem e possuem suas relações como os demais grupos. Esses significados são compostos por várias perspectivas e configurações que podem ter resultados, interpretações e experiências subjetivas por que fazem parte de uma paisagem que está constantemente mudando suas formas. Isso dificulta o processo perceptivo diante das possibilidades do que é percebido pelos sujeitos.

Dentre as diversas maneiras para que a percepção da paisagem se concretize, tem-se que, a visão não deve estar restrita, estancada ou limitada, haja vista que a atitude de “ver” não constitui simplesmente uma forma superficial de perceber as imagens que estão postas diante de nossos olhos, é indispensável ir além, pois, existem diferenças fundamentais entre “ver” e “perceber”. Segundo Collot (1990), para que a percepção se concretize é necessário levar em conta alguns elementos, como: os aspectos biológicos, culturais, psicológicos, o ponto de vista do observador e a escala. A partir desses subsídios é que a percepção pode efetivar-se, e, nessas relações tem-se a possibilidade de envolver os sentimentos topofílicos e topofóbicos. O presente estudo traz um olhar cultural, no sentido de entender um pouco da categoria de paisagem nos dias atuais.

Posterior a essas discussões, é essencial que sejam ampliadas as possibilidades de perceber o que está presente no cotidiano. A gênese dessas experiências, interpretações e percepções revela-se nas representações sociais e culturais de uma determinada sociedade. As diferentes culturas, por exemplo, coexistem lado a lado evidenciando suas respectivas nuances diante do que os indivíduos têm possibilidades em perceber. Nesse sentido, as paisagens podem ser percebidas através de múltiplas interfaces e olhares integrantes do processo de construção da identidade e das experiências dos sujeitos ao longo de suas vidas. Dentre as inúmeras formas para compreender o espaço geográfico, destaca-se a percepção de paisagem no lugar vivido.

Através da percepção tem-se a possibilidade de resgatar sentimentos vividos, lugares visitados, paisagens admiradas ou que nos causam algum tipo de aversão. Existem caminhos que estão impregnados de apreços para os indivíduos, mas, em geral esses significados presentes no cotidiano, visto que não se tem ressaltado a importância dessas atitudes no sentido de valorizar a identidade do ser humano. A preservação e/ou compreensão desses apreços e significados são essenciais por que envolvem o legado cultural das narrativas das histórias de vida representadas através da percepção da paisagem. A categoria paisagem por outro lado, atualmente, tem ganhado evidência, o que tem contribuído para sua valorização, e evidencia-se com isso o enfoque da categoria em estudos que envolvem questões culturais da sociedade. Nesse entender, a percepção da paisagem pode ser associada ao contexto da dimensão da experiência de vida dos sujeitos.

Seguindo esse raciocínio, a paisagem possui múltiplas faces e funções misturando-se com a vida, com o desejo, com os sonhos da cultura do grupo ou do indivíduo em uma determinada sociedade. A percepção humana, sendo as atitudes, os modos de agir, os símbolos, os sentimentos são impregnados por paradoxos e identidades fragmentadas. Pode-se dizer que a paisagem sugere uma série de probabilidades para sua percepção, o que varia de acordo com a capacidade individual de cada sujeito em percebê-la, inclusive, considera-se a experiência de vida. Com isso, abrangem aspectos objetivos e subjetivos de mundo vivido que tendem a cristalizar imagens e estruturas das dimensões espaço temporais, visto que a realidade é constituída pelo concreto e ilusório, e isso determina características próprias entre a racionalidade e vice-versa.

De maneira geral, fatores como o desenvolvimento do conhecimento científico, têm possibilitado estudos abrangentes no campo da Geografia e demais ciências. Essas ações fizeram com que os indivíduos adquirissem significativos enriquecimentos na forma de pensar, pesquisar e utilizar novos métodos e abordagens com fundamental desígnio em apreender e interpretar a complexidade das relações que se colocam entre os seres humanos e o ambiente em que vivem. Através da visão que unifica o homem à natureza é que se têm procurado compreender o porquê da materialização de diversas formas dos arranjos espaciais presentes na superfície terrestre. Diante disso, a conjuntura atual, cada vez mais com procedimentos modernos, tem contribuído em desfavor do indivíduo em perceber as paisagens, visto que o tempo se torna escasso para esta ação.

Nessa perspectiva, apontam-se alguns questionamentos com vistas a compreender como a cidade de Catalão é percebida pelos seus moradores, dentre eles: como os moradores da cidade de Catalão (GO) percebem a paisagem urbana? Quais sentimentos e significados os moradores atribuem quanto à percepção da paisagem com embasamentos na topofilia? Que tipo de sentimentos os moradores tem da paisagem no que diz ao lugar que vivem e/ou que frequentam? Constitui atitude de essencial importância entender a percepção que os moradores têm da cidade que vivem, embora as possibilidades de compreensão das formas paisagísticas do espaço urbano em constante transformação, seja no mundo globalizado um desafio, mesmo assim, estabelece uma maneira de agregar valor ao lugar vivido.

A presente pesquisa é relevante para a Ciência Geográfica, pois, é essencial compreender, não somente as formas físicas das paisagens, mas o que representam em termos de valores culturais. O ato de perceber o que está presente no cotidiano pode acrescentar experiências positivas para a vida dos indivíduos em seus grupos, na cidade, no bairro, na rua, entre outros. Atualmente, vivemos em uma sociedade globalizada com aparatos tecnológicos moderníssimos, o que tem contribuído para que os sujeitos se distanciem do contato pessoal, e o diálogo tem sido intermediado por aparelhos eletroeletrônicos, não mais pela conversa como nos velhos tempos, nos bancos das praças, nas ruas em que residem, enfim, novos estilos de vida estão sendo estabelecidos a cada momento. A escolha do tema se deve principalmente, ao fato de que a paisagem é um limite visual do mundo moderno³, e está em constante transformação, seja no urbano ou rural, e o estudo propõe compreender essas relações, e as experiências de vida dos sujeitos carregadas de valores.

No que diz ao interesse pela temática, no ano de 2011 atuei como bolsista de Iniciação Científica no Programa de Bolsa Licenciatura (PROLICEN) no Projeto: *Geografia e práticas pedagógicas: o uso da fotografia para o estudo da paisagem*, e, no mesmo ano, foi finalizado o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Licenciatura Plena em Geografia, intitulado como: *O estudo da paisagem através da fotografia em Geografia: avenida Dr. Lamartine Pinto de Avelar em Catalão (GO)*, foi a partir desses estudos que instigou o interesse em estudar a categoria de paisagem. Para a construção do projeto do mestrado, foi realizada busca nos acervos (TCC's e dissertações) do Departamento de Geografia (DEGEO)

³ A modernidade envolve a modernização, seja econômica, política e social e o modernismo engloba a literatura e as artes, o que constitui o conjunto total do moderno. (GOMES, 2003).

e Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão (UFG/CAC), com finalidade de obter pesquisas que tratassem da temática, e, diante disso, foi observado que praticamente não havia estudos que aborda as questões culturais e subjetivas dos indivíduos. Em fins do ano de 2011 o projeto de pesquisa foi aprovado no PPGEO UFG/CAC, assim, foi dado andamento ao presente estudo.

Posterior a essas discussões, e para responder as questões propostas na problemática esquematizam-se as hipóteses como ponto de partida da pesquisa. O estudo procurou identificar como os indivíduos percebem a paisagem urbana de Catalão (GO) e quais tipos de relações têm com o lugar vivido. Para estudar as formas em constante evolução da categoria de paisagem, a percepção é uma aliada que pode fornecer informações imprescindíveis da dinâmica da paisagem urbana. A da compreensão da “evolução natural” da paisagem é possível compreender as significações que os indivíduos trazem consigo no que diz respeito aos sentimentos e valores presentes nas configurações das paisagens. É fundamentado nesses pressupostos, que o estudo buscou compreender as relações que estão emaranhadas no cotidiano, e muitas vezes consideradas sem importância. A seguir têm-se algumas exposições sobre a área da pesquisa.

A área escolhida para a pesquisa é a cidade de Catalão, situada na Região Sudeste do Estado de Goiás. A escolha de Catalão foi por que a cidade apresenta desenvolvimento urbano acelerado, cuja transformação da paisagem tem sido rápida, principalmente, posterior à década de 1990, dentre esse, outros fatores serão ressaltados. Através desse raciocínio, foi que surgiu a ideia em desenvolver um estudo no sentido de contribuir na compreensão da percepção que os moradores têm da paisagem urbana da cidade de Catalão. Pode-se dizer que a percepção é a capacidade de perceber os aspectos associados aos conceitos de mundo diante do que é percebido, e isto reforça o comportamento no cotidiano. A seguir um pouco da origem, os aspectos físicos, a economia, o social e o cultural da cidade.

A área escolhida para a pesquisa foi à cidade de Catalão (GO), situada na Região Sudeste do Estado de Goiás, no Planalto Central do Brasil, região de Cerrado, apresenta relevo predominantemente suave ondulado, algumas vezes, ondulado. A opção foi feita por ser uma cidade com desenvolvimento urbano acelerado e as transformações da paisagem tem sido intensa, principalmente, posterior à década de 1990, sendo que o contexto histórico mais amplo desse processo, consta na caracterização da área do estudo. Dentre esse, outros fatores

serão levados em conta, visto que, é essencial estudos no âmbito da Ciência Geográfica e no campo da Geografia Cultural para reforçar os laços de pertencimento a paisagem no lugar vivido, como os elementos componentes da cidade. A percepção pode ser entendida como a capacidade de perceber os aspectos associados aos pré-conceitos de mundo diante do que é percebido, e pode orientar para o entendimento do comportamento do humano no cotidiano.

Segundo o Plano Diretor (2002), a cidade de Catalão (GO) começou a ser ocupada a partir da terceira metade de século XVIII, quando a passagem da comitiva de Bartolomeu Bueno da Silva Filho, fez um plantio de roças para abastecimento de sua tropa⁴. O povoamento iniciou-se por volta de 1728 com a construção de um rancho para apoio aos viajantes que adentravam pela região. Nas imediações da cidade de Catalão, ficou um dos capelães da comitiva, sendo este, Frei Antônio, procedente da Catalunha (Espanha), alcunhado de “O Catalão”, junto com três companheiros construíram um ponto de pouso próximo ao “Córrego do Almoço”, atualmente, onde está implantada a área do Distrito Mineiro Industrial (DIMIC). Para o Plano Diretor (2002) por volta dos anos de 1828, o povoado de Catalão contava com cinco (05) casas de telha e vinte ranchos de capim. Em 1835 o arraial foi elevado à categoria de Vila, desmembrando-se da Comarca de Santa Cruz.

A seguir, exibem-se as seções e subseções: seção 1: **INTRODUÇÃO** constitui na exibição da temática, os objetivos, a apresentação da área de estudo, relevância da pesquisa e problemática; Seção 2: **EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: contexto histórico e social**; apresenta os caminhos na construção do pensamento geográfico; Posterior, as subseções: 2.1 **A Geografia Humanística e Fenomenologia**; aponta um pouco dessa corrente na visão de alguns autores. 2.1.1: **Topofilia**; trata desse termo no entendimento dos principais estudiosos; 2.2 **A categoria lugar: para a Ciência Geográfica**; aborda a importância da categoria sob o ponto de vista das experiências de vida; 2.3: **Geografia e paisagem: conceitos e discussões**; discutiu a categoria de paisagem e sua evolução; por fim a subseção: 2.4 **Um olhar sobre o urbano: percepção da paisagem**; que tratou da percepção da percepção dentre outros elementos.

Na Seção 3: **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: caminhos da pesquisa**; expôs as direções teóricas e práticas na realização do estudo, os registros fotográficos e a aplicação das entrevistas. 3.1: **Seleção dos pontos para entrevistas**:

⁴ Indivíduos montados a cavalo (mascates, boiadeiros, viajantes em geral).

algumas discussões; Seção 4: **CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO**, evidencia os aspectos históricos, físicos naturais, sociais e econômicos. Seção 5: **A PAISAGEM URBANA DE CATALÃO: o olhar dos moradores**; foi feita a análise dos resultados das entrevistas, que derivaram em gráficos, quadros e tabelas, e a seleção de fotografias. Logo, têm-se as subseções: 5.1 **A população catalana e a percepção da cidade**; 5.2 **Análise Topofílica da paisagem de Catalão**; aponta considerações sobre o resultado das questões abertas das entrevistas em (APÊNDICE). Por último, nas **CONSIDERAÇÕES FINAIS** foram feitas algumas exposições no sentido de arrematar a pesquisa. Em seguida, discute-se a consolidação da Ciência Geográfica na visão de alguns estudiosos com intuito de contribuir para a compreensão desse processo.

2 EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: contexto histórico e social.

“[...] quando se observa uma cidade, uma praça, um monumento, eles gritam uma mensagem inserida num texto não verbal, a espera de interpretação por parte de quem os observa”. (ROCHA, 2003, p. 30).

Nessa seção, é apresentado, de forma concisa, o processo de consolidação da Ciência Geográfica, suas principais correntes de pensamento segundo estudiosos, com a finalidade de compreender os desafios que estão postos no mundo moderno do século XXI. Para Bessa (2011), Estrabão, Ptolomeu e Aristóteles, sistematizaram⁵ a Ciência Geográfica, e, após Humboldt e Ritter foram os precursores dessa ciência, os quais prosseguiram os estudos e contribuíram para a evolução da Geografia. Até por volta do século XVIII, não era possível falar da Ciência Geográfica com integração. Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859) foram essenciais para a consolidação da Ciência Geográfica. Em seguida, Friedrich Ratzel (1844-1904) e Paul Vidal de La Blache (1845-1918), também deixaram seus subsídios nesse processo. Sendo que, sua cientificidade foi essencial para a compreensão dos problemas da época, hoje ainda presentes sejam de porte físico ou humano, e os estudos, nesse ramo do conhecimento estão cada vez mais aprimorando seus métodos e técnicas.

Segundo Alves e Neto (2009), não é viável explanar a respeito da vida e obra de Karl Ritter (1779-1859) sem mencionar a participação de Alexander Von Humboldt (1769-1859), em determinados momentos de sua trajetória científica. Apesar de divergirem em algumas questões metodológicas, apresentam um conjunto de ideias que os tornaram pertencentes a uma abordagem teórica da Geografia sistematizada, na qual o espaço era o foco central, sendo distintas das abordagens sociais e regionais da vertente francesa. Para Capel (2008), “O Cosmos⁶” (1845/1862) de Humboldt tem os mais variados elementos de concepções intelectuais e de atitudes, os quais podem ser observados sobre a vida de

⁵ BESSA, E. Correntes do Pensamento Geográfico. **Espaço da Geografia**, 18 jan. 2011. Disponível em: <<http://edivaldobessa.blogspot.com.br/2011/01/correntes-do-pensamento-geografico.html>>. Alguns estudiosos consideram que Estrabão, Ptolomeu e Aristóteles entre outros, os sistematizadores da Ciência Geográfica, porém, demais autores consideram Humboldt e Ritter como os antecessores da Geografia.

⁶ Principal obra de Alexander Von Humboldt (1769-1859) “O Cosmos” (1845/1862) ou “O Kosmos”, elaborou uma descrição física do mundo, uma condensação do conhecimento científico de sua época. Publicação em cinco volumes entre 1845 e 1862, o quinto foi póstumo e incompleto. Informações: <http://www.humboldt-foundation.de/web/humboldt-en.html>; [http://pt.wikipedia.org/wiki/Kosmos_\(Humboldt\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Kosmos_(Humboldt))

Humboldt. Destacam-se dois aspectos, que de certo modo contraditórios, em relação à formação científica com embasamentos no empirismo e com influência no materialismo.

Segundo Pena (2010), Humboldt (1769-1859) e Ritter (1779-1859) tiveram seus estudos voltados para os elementos humanos e naturais, analisaram as disparidades, os quais designaram de Geografia Física (Humboldt), em contrapartida, (Ritter) de Geografia Humana. Ainda que Ritter tivesse pontos de vista opostos a Humboldt, porém, o primeiro não concretizou grandes viagens desbravadoras, este foi leitor de interesse dos conhecimentos científicos da sua época. Ritter buscou perspectivas que associassem as sociedades e o meio natural com preocupação voltada aos detalhes do social humano. Segundo Pena (2010), Ritter foi influenciado pelo idealismo, e procurou atingir conhecimento do todo sobre a Terra, tendo a soma das partes como ponto de partida. Capel (2008) diz que Humboldt (1769-1859) e Ritter (1779-1859) são algumas vezes criticados. Porém, não podemos esquecer que o conhecimento científico na época abordava outra realidade.

De acordo com Moraes (1987), La Blache (1845-1918) trouxe uma nova visão para a Geografia, o que de certa forma condenou o pensamento geográfico tradicional, determinista na concepção de alguns autores, visando uma atitude igualmente humanizada e delineada dos estudos geográficos, sendo a Geografia Regional seu foco principal. Nesse apreender, novas discussões foram postas, ações estas que serviram de alicerce para os geógrafos de gerações que estavam por surgir. Pena (2010) afirma que o pensamento de Ratzel (1844-1904), teve papel significativo nas transformações paradigmáticas dentro das compreensões geográficas, o que nos leva a entender a ideia de vínculo entre os seres vivos e o ambiente no qual vivem, sendo Ratzel influenciado por Haeckel (1834-1919) biólogo, naturalista alemão, filósofo, médico, professor e artista que ajudou a popularizar o trabalho de Charles Darwin (1809-1882), e contribuiu com as expectativas do determinismo geográfico.

Para Capel (2008) há um comum acordo entre os estudiosos da Ciência Geográfica em considerar Alexander Von Humboldt como o criador da Geografia, levando em conta que a obra de Humboldt “O Cosmos” foi, sem sombra de dúvida, categórica na constituição de vários conceitos, principalmente os que envolvem a Geografia Física. Mesmo com o decorrer do tempo suas obras e figuras ainda permanecem presentes, quase como um evento isolado, **entretanto**, somente em fins do século XIX, a Geografia foi de encontro com

uma disciplina constituída, com plena cientificidade, e veio posteriormente se afirmar com garantia de uma Geografia sistemática.

[...] sua formação e sua atividade científica se basearam sempre no rigor das observações e na realização de numerosos experimentos. Quer se tratasse de suas observações botânicas, zoológicas, mineralógicas ou geomagnéticas ou de suas experiências a respeito do galvanismo e o eletromagnetismo, Humboldt procedeu, a todo o momento, com um impecável método científico. Por isso valorizou sempre o método empírico e indutivo, a respeito dos quais podemos encontrar numerosas declarações em seus textos. Para ele o espírito científico procede: 1) pela aplicação do pensamento às observações isoladas; 2) pela visão do espírito que compara e combina; 3) pela indução que nos revela as leis numéricas. Afirma no Cosmos, é possível dar um caráter elevado à descrição física do globo. (CAPEL, 2008, p. 34).

A constituição do projeto de Humboldt provém da tendência de três principais correntes de pensamento, sendo duas delas científicas, a botânica e a geognósia, e desse modo, à terceira de natureza voltada para a Filosofia e a Literatura, não esquecendo o idealismo e o romantismo alemão. Alves e Neto (2009) dizem que por volta do ano de 1793, Humboldt apresentou forte interesse pela influência que a natureza física tinha sobre o ser humano, concebia o espaço do homem como reconhecido pela sua percepção da natureza e buscava sua unicidade com embasamentos voltados aos seus aspectos físicos, porém, não tinha suas fundamentações em uma perspectiva antropocêntrica. Diante dessas observações, ressaltou a necessidade de unificar o estudo da natureza junto com a moral.

O método de Humboldt destacou-se através da concepção idealista da harmonia universal da natureza, sendo esta parte de uma expectativa geográfica. Posteriores a essas concepções percebe-se que Humboldt seguiu o método comparativo que reuniu suas constantes buscas as probabilidades como agente causador. Na visão de Capel (2008, p. 18) “[...] há comprovações de que ao menos desde 1794, Humboldt já considerava insatisfatório todo o sistema científico do século XVIII, baseado na realização de classificações”. Diante disso, percebeu através de seus estudos que a cientificidade não tinha sido alcançada. Até então, não existia uma preocupação maior em sistematizar o conhecimento para desenvolver teorias que abarcassem a Geografia Humana do Novo Mundo. Quando vinculava os problemas da influência entre o meio físico e o humano acabava por interferir nas relações que os inquietavam, principalmente, do ponto de vista dos fenômenos físicos.

De acordo com Capel (2008), Ritter era um idealista com educação voltada para a filosofia e forte afeição ao ensino, idealizava o mundo de maneira organizada de acordo com princípios e objetivos próprios, tendo a história como demonstração da pretensão divina. Alves e Neto (2009) expõem que a contribuição de Ritter para a Geografia é inegável, sobretudo, nas questões metodológicas como as comparações de diferentes regiões, além do antropocentrismo nas pesquisas geográficas. Para Capel (2008, p. 42) “[...] Ritter interessava-se no Universo enquanto o palco onde desenvolve as atividades humanas, e a superfície terrestre em suas relações essenciais com o homem”. Tinha ideais de transformação do espaço físico e das relações espaciais, as quais ocorreram, devido ao desenvolvimento da Ciência Geográfica. Essas ações ocasionaram a valorização do método experimental e a confiança ligada à consciência e aos enfrentamentos de problemas na busca pela cientificidade. Assim, Humboldt e Ritter foram essenciais para a constituição do pensamento geográfico no século XIX, ambos com valores singulares para a Geografia, Gómez Mendoza, Muñoz Jiménez e Ortega Cantero (2002) dizem que,

[...] el pensamiento geográfico del siglo pasado y, em particular, el procedente de Alexander Von Humboldt y de Karl Ritter expresaría tanto una sensible solución de continuidad respecto a los planteamientos anteriores como el surgimiento de perspectivas llamadas a configurar el soporte de lo que suele considerarse geografía moderna y científica. Em el siglo XIX se había asistido, según la valoración interpretativa de Jean Brunhes, al verdadero renacimiento iniciado precisamente por Humboldt y Ritter, y que conlleva la sustitución de la antigua geografía descriptiva, inventarial y enumerativa por una geografía – a geografía moderna definitivamente explicativa, sistemática y científica. (GÓMEZ MENDOZA; MUÑOZ JIMÉNEZ; ORTEGA CANTERO, 2002, p. 19).

Os ideais de Humboldt e Ritter, visto que, em seus pensamentos não nos deixam dúvidas que manifestaram afinidades e pretensões científicas individuais. Segundo Gomes (1996), a Geografia de Ritter era influenciada pelos conceitos românticos, a qual utilizava uma linguagem mais próxima da ciência racionalista/positivista do que a linguagem de Humboldt. Esse último, a despeito de uma eloquência por vezes poética tinha maior aproximação com a ciência racionalista, como era definida no século XIX. A construção desse processo, os caminhos embora divergentes, apresentavam vínculos comuns. Esses desacordos

se remetem, em efeito, a associação de novas afirmações do século XIX como os elementos que (re) definiram os projetos científicos da época.

Capel (2008, p. 89) afirma que “[...] há em Humboldt uma firme e explícita rejeição do idealismo, das concepções do universo fundadas unicamente na razão, nos princípios da filosofia especulativa”. Porém, a Geografia somente mais tarde tirou proveito dos princípios nas obras desses dois significativos nomes. Posteriormente, estudiosos, como Capel (2008), por exemplo, afirma que o decênio após a morte de Humboldt e Ritter foi permeado por crises e intensos períodos de paralisação do conhecimento geográfico. Para esse autor, a década de 70 do século XX forma uma lacuna no desenvolvimento científico da Geografia. Segundo Alves e Neto (2009) fazem-se necessárias mais discussões sobre a obra de Humboldt “O Cosmos”, pois, trata sem dúvida de um dos geógrafos mais importantes de sua época, o qual foi catedrático de Geografia na Universidade de Berlim.

Durante o processo da construção do pensamento geográfico, a Geografia, primeiramente, se materializou como ciência idiográfica de caráter descritivo, e esses estudos tiveram valores singulares para a sua constituição. De acordo que Moraes (1987, p. 22) a Geografia na época era vista somente como “[...] uma ciência empírica, pautada apenas na observação”. Com base na visão de Christofolletti (1985) foi somente a partir da observação que idealizou um instrumento do conhecimento geográfico por excelência nos estudos regionais, em específico, para a compreensão da paisagem. Dessa forma, estabeleceu-se de forma integrante e algumas restrições precisariam ser melhor representadas.

Posterior a essas discussões, tem-se a Alemanha como sendo berço da Geografia como ciência autônoma, que em seguida institucionalizou-se em demais países, constituindo-se nas Correntes do Pensamento Geográfico ou Escolas Geográficas. De acordo com Andrade (2006, p. 105) “[...] surgiram às escolas, uma escola alemã, uma francesa, uma britânica e uma escola americana”. De modo que, esse processo não apresentava compartimentos estanques suficientes em suas hipóteses e métodos. Por outro lado, estavam fortemente empenhados com os governantes dos países de procedência, embora com caráter nacionalista. Nesse sentido, tinham interesses basicamente nas questões físicas da superfície terrestre da época, sendo que os embasamentos dos quais dispunham não davam conta de abarcar os elementos necessários a sua cientificidade.

Segundo Bessa (2011) diz que o Determinismo Ambiental, teoria estabelecida no século XIX pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel, tratava as influências que as condições naturais poderiam exercer sobre o ser humano, e sustentava a discussão de que o meio natural os determinava, sendo que organizava o seu espaço para garantir a sustentação da vida. O Possibilismo Geográfico teve origem na França, com Paul Vidal de La Blache. Inserindo-se no pensamento político dominante, momento em que a França se tornou soberana, La Blache realizou estudos regionais para provar que a natureza exercia influência no humano, mas que tinha possibilidades de transformar e aprimorar o meio onde estava ligado.

A Geografia Regional ou Método Regional representou a afirmação dos aspectos próprios da Geografia, o espaço e lugar. O método era comparar regiões fundamentadas em critérios de similaridade e diferenciação. Sendo que as bases filosóficas foram desenvolvidas por La Blache (1845-1918) e Richard Hartshorne (1899-1992). O segundo não utilizava o termo região e o espaço era dividido em classes de áreas, nas quais os elementos homogêneos as determinariam, sendo que as discontinuidades causavam as divisões de áreas. Para Andrade (2006) é essencial ceder valor ao conhecimento geográfico, também dentro do período designado clássico, denominado de Geografia Tradicional. O tempo passou, inclusive, para as ciências e os obstáculos foram atribuídos a Geografia Tradicional, que teve fim somente após a Segunda Guerra Mundial, visto que, os instrumentos conceituais e metodológicos desse modelo não foram suficientes para resolver seus problemas. Em seguida, tem-se o período moderno com necessidade de reformulações, surgem outras preocupações com a inserção da Nova Geografia.

Nesse período, todo Universo estava em conflito nos mais diversos campos, e, apresentou uma série de enfrentamentos e grandes transformações com o término da Segunda Guerra Mundial, tanto na ordem política, quanto nos setores econômico e social, de modo que comprometeram visivelmente a organização do espaço, e, inclusive os incrementos tecnológicos. Camargo e Elesbão (2004, p. 14) acrescentam que “[...] a Geografia Tradicional sendo empírica e descritiva, já não dava conta de esclarecer a nova realidade imposta pelo modo de produção capitalista”. Foi essencial que surgisse uma “Nova Geografia” com a promessa de embasamentos suficientes para dar suporte dos acontecimentos até então desconhecidos no posterior Guerra. Sendo assim, o conjunto desses eventos instituiu uma ciência que contribuísse com as perspectivas que a época exigia.

Com todo poder e força surgiu na década de 1950 a Nova Geografia ou *New Geography*, (Geografia Pragmática, Teorética ou Quantitativa), manifestou-se posterior a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), primeiramente, com maior desenvolvimento em países como a Suécia, a Grã-Bretanha, em seguida os Estados Unidos da América (EUA), um país dotado de forte hegemonia que centralizava grande poder político, econômico e militar. Com fundamentos na visão de Andrade (2006), os E.U.A abarcou essa corrente com intensidade, e a partir desse momento o País alcançou maior aporte desenvolvimentista, sendo que a Universidade de Chicago foi o centro de difusão das principais ideias dessa corrente, que visavam amparar o conjunto teórico metodológico do qual o modelo necessitava.

Nessa perspectiva, a Nova Geografia surgiu também da necessidade de exatidão através de conceitos da Matemática e Estatística. De modo que excluiu o dualismo científico entre as ciências naturais e sociais, com isso, obteve maior rigor na aplicação da metodologia científica. Essa corrente sobressaiu na Grã-Bretanha e nos E.U.A, em fins da década de 1960 e meados de 1970 do século XX. Segundo Christofolletti (1985, p. 16) o título de Nova Geografia se refere ao "[...] conjunto de ideias e de abordagens que começaram a se difundir e ganhar desenvolvimento durante a década de cinquenta". Pode-se dizer a Ciência Geográfica sofreu enormes transformações em todos os campos no Pós Segunda Guerra Mundial. Sobre o contexto, Santos (2008) diz que,

[...] se ouvia falar frequentemente em uma Nova Geografia (New Geography) que se queria caracterizar por não ser apenas diferente, mas também em oposição e até mesmo em contradição com a geografia tradicional. A escolha da denominação não foi inocente. Os defensores dessa nova linha buscavam deixar clara sua distância em relação a uma geografia que, para muitos deles, não seria somente uma geografia ultrapassada, mas, sobretudo uma "não geografia". (SANTOS, 2008, p. 60, grifos do autor).

A partir desse entendimento, era necessário que a Nova Geografia, fortemente vinculada aos Estados Nacionais, se afirmar como algo novo, que fosse além de dicotomias e artifícios metodológicos propostos na Geografia Tradicional. Sendo que, posterior à década de 1960, a Nova Geografia sofreu duras críticas. No entanto, esses procedimentos, até esse período, não haviam permitido que a Geografia recebesse a importância almejada para alcançar maior adaptação em sua conjuntura científica que fora vivida na época. Devido às

transformações metodológicas impostas e atribuídas nesta corrente, a Nova Geografia passou a utilizar o método dedutivo para explicar a realidade.

Com fundamentos em (1987) tendo como finalidade principal atender às reivindicações da classe dominante da ocasião, a Nova Geografia teve seus fundamentos filosóficos no neopositivismo, pois, tinha necessidade de estabelecer teorias de localização com o objetivo de organizar o espaço, através de processos de extensão e de crescimento da indústria, delineadas a partir do regional para o universal. Diante disso, esses debates aconteceram para contribuir com as discussões científicas e acatar as questões ideológicas do desenvolvimento do Capitalismo. No sentido de contribuir com o assunto, Santos (2008) ressalta que a corrente neopositivista recorre a caminhos que,

[...] a procura de uma linguagem Matemática em Geografia era o resultado de uma busca de cientificismo que a Geografia já havia tentado, sobre outras roupagens e em outros momentos. Os métodos matemáticos são os mais precisos, os mais gerais e os mais dotados de um valor de precisão. Tudo isso seria obtido por uma combinação onde as análises de sistemas e os modelos e o uso de estatísticas seriam uma peça fundamental. Acredita-se responder também a uma preocupação de vigor onde a noção de causa e efeito se impunha, com a ajuda de modelos lineares elaborados tanto para avançar como para recuar. (SANTOS, 2008, p. 65).

De maneira geral, a linguagem matemática distinguiu a Geografia Tradicional da Nova Geografia, a qual permitiu através do seu conjunto metodológico, que os geógrafos trabalhassem legitimamente em um campo científico. Para Fabrini (2005), os geógrafos passaram a desenvolver técnicas quantitativas e realizar trabalhos através do uso de deduções lógico matemáticas utilizando cálculos computacionais, e isso, viabilizou as generalizações e possibilitou a construção de leis e teorias. É notável o valor que a Matemática representou na conquista de novos horizontes para a Nova Geografia. Gómez Mendoza, Muñoz Jiménez e Ortega Cantero (2002, p. 110) afirmam que “[...] la situación del lenguaje matemático em la concepción analítica del conocimiento geográfico – centralidad epistemológicamente inevitable – se explica por su conducción de ‘suporte lógico’ del razonamiento científico”.

A Nova Geografia no Brasil apresentou maior impulso posterior à década de 1960, durante o regime ditatorial. Foi uma época expressiva na divulgação deste modelo nos cursos de Geografia, em especial na Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) de Rio Claro e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no Rio de Janeiro. Para Andrade

(2006) o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi o suporte essencial para o desenvolvimento da Geografia Quantitativa, sendo o mesmo aparelhado com uma série de informações estatísticas o que permitiu a materialização de novos métodos e, conseqüentemente, o fortalecimento dessa corrente.

Acrescenta-se que as transformações do pós-guerra não cessaram nos anos de 1970, igualmente, ocasionaram forte adensamento das tensões sociais ocasionadas pelo desemprego tecnológico e estrutural, os conflitos pelo uso e posse da Terra e a ditadura militar alojada em vários países. Concomitante a isso, a Guerra do Vietnã, a crise do petróleo, a descentralização das indústrias dos países desenvolvidos para os subdesenvolvidos, dentre esses, outros sérios problemas ambientais levaram os geógrafos a debater essas desordens dentro da Ciência Geográfica. Corroborando com o assunto, Gómez Mendoza, Muñoz Jiménez e Ortega Cantero (2002) dizem que,

[...] las sensibles transformaciones producidas em amplios sectores del conocimiento a partir de los anos cincüenta-transformaciones afectarían decisivamente al campo del conocimiento geográfico – han podido ser valoradas como uma verdadera “revolución científica”-la más grandiosa desde el nacimiento de la teoría atómica contemporánea”, [...] posibilitada, por el acercamiento profesional, durante la segunda guerra mundial, de diversos y, em principio, heterogéneos campos del saber. (GOMÉZ MENDOZA; MUÑOZ JIMÉNEZ; ORTEGA CANTERO, 2002, p. 96).

Com o desenvolvimento do Capitalismo no pós-guerra, a Geografia Quantativa apresentou os primeiros sinais de crise em seus postulados. De acordo com Andrade (2006) no Brasil, o momento marcante da reação contrária à Nova Geografia teve impulso, especialmente, no III Congresso Nacional de Geografia, realizado em Fortaleza em 1978. A Segunda Guerra Mundial ocasionou marcantes transformações na superfície terrestre e nas relações do homem vivendo em sociedade, entre essa e a natureza, com essas mudanças procurou-se novas possibilidades e expectativas para o conhecimento geográfico. Andrade (2006) diz que foi um momento marcante e de críticas à Geografia Positivista e Neopositivista. O Movimento de Renovação adentra com vigor na procura pela democratização da sociedade.

O surgimento da Geografia Crítica ou Marxista na França em 1970, depois Alemanha, Brasil, Itália, Espanha, México entre outros, tendo maior força na Espanha,

França, Brasil e Alemanha com o Movimento de Renovação na década de 1980. O termo Geografia Crítica no Brasil, é de Milton Santos, estudioso que publicou os primeiros trabalhos. Esta corrente assinalou o rompimento da neutralidade no estudo da Geografia e propôs engajamento com o social, econômico e político. Visou uma leitura crítica frente aos problemas e interesses que envolvem as relações de poder e as causas sociais. Ocorreu então o distanciamento da Geografia do empirismo, surge com isso o deducionismo. Esses processos ocasionaram inovações no ensino da Geografia, por uma educação que incitasse a criticidade e trouxe aproximação com os movimentos sociais: ampliação dos direitos a moradia, o acesso a Terra e educação de qualidade, o combate à pobreza, entre outros.

De acordo com Andrade (2006) posterior surgiu outras correntes do pensamento geográfico, que se estruturaram posterior ao Movimento de Renovação da Geografia, sendo posterior a década de 1970, do século XX, tais como, a Geografia Humanística, a Geografia Idealista, entre outros. Nesse sentido, essas vertentes realizaram fortes críticas à Geografia Tradicional e à Nova Geografia. Diante disso, tais abordagens enriqueceram muito a Geografia, tanto no campo teórico quanto no conceitual, e esses fatores promoveram um dinamismo científico relativamente forte, visto que a Geografia Crítica teve maior aceitação e repercussão em se tratando de Brasil.

A corrente de pensamento Geografia Humanística ou Humanista e cultural, tem como uma de suas finalidades valorizarem a experiência de vida dos sujeitos, para compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos lugares, ou seja, a cultura dos grupos sociais. Segundo Bessa (2011) para cada indivíduo, para cada grupo, existe uma visão de mundo, que expressa às atitudes e valores. É a conjuntura pela qual estima e organiza seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona. O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, com valor afetivo individual. A percepção visual, o tato, o movimento e o pensamento combinam para dar sentido característico e permite reconhecer e estruturar a disposição dos objetos. Para a Geografia Humanística, as paisagens, os lugares e os indivíduos fisicamente distantes podem estar afetivamente muito próximos.

Afinal, tem-se a Geografia Ambiental, corrente de pensamento que expõe os aspectos espaciais da interação entre humanos e o natural. Requer o entendimento dos aspectos tradicionais da Geografia Física e Humana, como o modo que a sociedade conceitua o ambiente vivido. De acordo com Moraes (1983) essa corrente surgiu do elo entre a

Geografia Física e a Humana, resultado da ampliação da espacialização destes dois campos. Sendo que a relação do ser humano com o ambiente tem mudado em consequência da Globalização, por exemplo, o desenvolvimento tecnológico, trás uma aproximação necessária para entender essa relação dinâmica e inconstante. Alguns exemplos de áreas da Geografia Ambiental são a Administração de Emergência, Gestão Ambiental, Sustentabilidade e Ecologia Política.

A partir dessas exposições, levando em conta os múltiplos desdobramentos, transformações, aberturas e (re) combinações que marcaram essas correntes de pensamento, a compreensão desse processo torna-se essencial sob diferentes linhas e posturas diante de enfrentamentos postos até os dias atuais. No que se refere às discussões dos caminhos da Ciência Geográfica, designaram-se paradigmas distintos, os quais foram entendidos de acordo com a visão de seus estudiosos. Sendo assim, a incessante busca pelo aprimoramento do conhecimento científico, com rigor e precisão, faz com que as abordagens teóricas e metodológicas constituíssem em procedimentos dinâmicos para o desenvolvimento e solidificação das ciências em seus respectivos âmbitos. A seguir apresenta-se uma subseção com contribuições de renomados autores que tratam da Geografia Humanística e Fenomenologia. A pesquisa fundamenta-se em estudiosos que fazem essa discussão, tratando as questões culturais, de grande valia nas relações do ser humano com o lugar vivido.

2.1 A Geografia Humanística e Cultural: fenomenologia

Essa subseção fará alusão a corrente de pensamento Geografia Humanística⁷ ou Humanista, sua denominação vai depender da opção do pesquisador para o estudo, inclusive aborda assuntos sobre a Fenomenologia. Sendo que essas questões se constituem essenciais para o norteamento da pesquisa. Segundo Corrêa e Rosendhal (2003) foi Carl Sauer foi quem reforçou a corrente de pensamento Geografia Humanística, alicerçada em questões que envolvem a cultura no espaço, a ecologia cultural e as paisagens culturais. De acordo com Kozel e Sousa (2013) a Geografia Humanística se coloca como apropriação de procedimentos

⁷O surgimento da Geografia Humanística e da Geografia Cultural Renovada se deu de forma independente, a partir de pressupostos diferentes, havendo contatos mais estreitos entre essas abordagens somente a partir dos últimos anos da década de 1970. (HOLZER 1992).

herdados e atualizados, mas, que visam introduzir num momento de tensões sociais, novas possibilidades de transformações e de pensar a vida para além de fatores da reprodução econômica, colocando o homem e a cultura em primeiro plano.

Tuan (1982) diz que a terminologia “Humanista ou Humanística” se refere a uma tentativa de análise das ações e produtos da espécie humana a partir de uma concepção que expandiu a perspectiva científica cartesiana, incorporando os estudos da humanidade na leitura que abrange os mais variados assuntos. Por meio dos seus estudos em: “*Humanistic Geography*” ou “*Geografia Humanista*”, Tuan (1982) determina uma orientação humanista para a Ciência Geográfica. O autor diz que a finalidade desse campo disciplinar não era somente o vínculo na exploração de um assunto exclusivo, porém, visa alcançar uma nova leitura de todos os temas geográficos, inclusive, de construir conhecimentos científicos com caráter crítico, com embasamentos na filosofia sob um ponto de vista que propõe discussões dos fenômenos e relações dos seres humanos entre si.

Essa linha de pensamento merece o rótulo de “Humanista”, pois, trata dos significados e valores do ser humano no ambiente ao qual pertencem. Para Kozel e Sousa (2013, p. 48) “[...] a Geografia, partindo do campo da subjetividade humana, analisa o papel das experiências como objeto de representação do espaço e do lugar. Para tanto, busca realizar leituras acerca do universo simbólico e das paisagens que refletem as espacialidades das pessoas”. Concomitante a isso, Entekin (1980) traz a visão de que a valorização da percepção e das atitudes decorre da apreensão dos gostos, das preferências, das características e das particularidades dos lugares, inclusive no contexto ambiental, e nos aspectos que diz respeito ao encanto e magia dos lugares, em sua individualidade e distinção. Haja vista que esse enfoque preconiza o entrelaçamento entre os grupos e entre esses com o lugar vivido.

A partir desse entendimento, Holzer (1997) expõe que a Geografia Humanística é uma corrente do pensamento geográfico claramente diferenciado de uma Geografia Positivista e Estruturalista, cuja denominação está estritamente ligada à abordagem fenomenológica dada aos aspectos relacionados às vivências de mundo dos indivíduos. Têm adjetivos como, Geografia Comportamental e Geografia da Percepção, nesse sentido, Christofolletti (1985) menciona que a abordagem humanística na Geografia tem como apoio os trabalhos realizados por Yi Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relp e Powell. Para tanto, pode-se dizer que junto a esses acontecimentos surgiram no mundo movimentos que ressaltaram sobre tais eventos,

enquanto área do conhecimento nas ciências sociais, a Geografia pouco falava sobre os o ser humano, foi então que surgiu a inserção da Geografia Cultural. Assim, Castro (2013) diz que,

[...] a Geografia Cultural transforma a realidade observada, mas também interfere na visão, na postura e nos procedimentos metodológicos do próprio pesquisador. As paisagens passam a falar diferencialmente. Tratar das sociedades espacializadas, hoje, da forma que propõe a Geografia, com uma visão humanista e cultural, não poderia suscitar uma interpretação nesses moldes, ensaiando a visão complexa entre razão e experimentação? Para Claval, “os nossos sentidos falam-nos dos lugares, do encantamento que há nos jogos da luz e na fragrância dos seus perfumes” [...] talvez, essa geografia da generosidade, que considera fundamental a inserção do diferente e a alteridade, necessite dessa combinação metodológica. (CASTRO, 2013, p. 27).

Em se tratando da Geografia Cultural, Holzer (1996) afirma que em meados da década de 1960, na busca de uma renovação das linhas de pensamento e a partir das discussões de John K. Wright, David Lowenthal, os quais discutiram o fato de que a Geografia deveria abranger os vários estilos de observação e, inclusive envolver, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o aleatório e o dinâmico, o literal e o esquemático. De acordo com Castro (2013, p. 21) diz que “[...] com o resgate da Geografia Cultural, a qual colocada no centro do debate científico e filosófico atual faz parte da inserção nesse mundo em transformação”. A partir desse entendimento, tem-se a necessidade de uma Geografia que poderá contribuir para a compreensão dos anseios que envolvem os âmbitos culturais, sociais, econômicos da sociedade.

Pode-se ressaltar pelo meio das considerações de vários estudiosos no âmbito da Geografia Cultural, como exemplo, Claval (2013) ressalta que o papel do observador passou a ser o de estimular discussões, podendo este atuar frente às questões sociais presentes na sociedade. Segundo Castro (2013) Paul Claval foi o responsável por chamar a atenção para as formas de pensamento que são capazes de compreender as diversidades impostas no mundo atual. Nessa perspectiva, a Geografia Cultural ingressa no centro de vários debates, e esses procuram entender as novas relações que estão postas no meio vivido, com isso, pode estabelecer toda uma complexidade diante dessas relações no cotidiano.

Outro pesquisador importante foi Lynch (1960) intitulada: “*A imagem da cidade*”, mesmo o autor com formação em arquitetura, é uma obra muito significativa para

pesquisadores das mais variadas ciências, como: Urbanismo, Arquitetura, Geografia entre outras. Para Oliveira (2001, p. 19) “[...] enquanto Lynch tem sua visão voltada no sentido de procurar as necessidades práticas do desenho urbano, busca desenvolver uma metodologia que possa ser aplicada universalmente, e Lowenthal (1985) desenvolve uma renovação e ampliação do objeto da Geografia.” Apresenta-se um novo modo de pensar a Geografia, sob o enfoque cultural, no qual a natureza, a sociedade e a cultura são refletidas como fenômenos complexos, sobre os quais só poderá obter respostas a partir de experiências que se exibem na atitude de viver, que varia conforme o sentido que as pessoas dão à sua existência.

Nota-se um número cada vez mais crescente de estudos no âmbito da Ciência Geográfica voltados para o campo cultural, inclusive, a Geografia tem destaque em pesquisas que buscam envolver as questões de mundo vivido. Desse modo, esses estudos constituem-se como elementos que visam melhorar o entendimento dos significados e valores que estão inseridos no mundo subjetivo dos indivíduos, bem como a topofilia⁸, a topofobia⁹ e o topocídio¹⁰, fatores que envolvem a percepção, resultado das experiências agradáveis ou não, de suas paisagens valorizadas, e também aquelas que podem causar algum tipo de medo, sentidos por meio de olhares, odores e sentimentos.

Segundo Holzer (1996) é lançado o livro: *Topofilia: um estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente* de Tuan (1980), trabalho no qual o autor se fundamenta nas obras do filósofo francês Gaston Bachelard, este propõem que a Geografia se volte para uma nova forma de reflexão sobre a relação do homem com o mundo vivido. Destaca-se, nesse debate a pesquisadora Anne Buttimer, segundo Oliveira (2001) tem importância essencial na constituição da Geografia Humanista, tendo em vista o desenvolvimento de seus trabalhos. A partir de um olhar crítico, abordou questões sociológicas nos valores geográficos, avaliando as ideias de um ponto de vista filosófico, apresenta explicações sobre o existencialismo e a fenomenologia no futuro da Geografia.

⁸ Idem Nota 1.

⁹ A topofobia é algo imanente a topofilia, experiências de espaços, lugares e paisagens (enquanto considerados paisagem vivida), que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão, estão associados à questão dos sentimentos de negação aos lugares (TUAN, 1980).

¹⁰ O topocídio é um conceito proposto pelo geógrafo britânico Porteous, sendo contínuo processo de degradação ou aniquilação deliberada de lugares, paisagens naturais ou construídas ou monumentos valorizados. Porteous enfatiza o caráter traiçoeiro e secreto dos processos que conduzem ao topocídio, isto é, o desaparecimento definitivo de lugares e paisagens carregadas de sentimentos topofilicos. (AMORIM FILHO, 1996).

Com base nessas discussões, Relph (1979) diz que essa abordagem despontou como um marco ao ressurgimento da perspectiva cultural na Geografia, sendo instituída como uma nova Geografia Cultural ou Geografia Fenomenológica. Fundamentado em Rocha (2007) de acordo com alguns estudiosos do assunto, acrescenta que, com a finalidade de encontrar maior compreensão nos ideais da Geografia Humanista, sendo interpretada por bases teóricas nas quais são valorizadas as experiências, os sentimentos dos indivíduos, a percepção, em especial, a intersubjetividade e a compreensão dos sujeitos sobre o lugar que vivem, busca também entender os valores que estão entrelaçados no mundo particular dos sujeitos. No entendimento de Oliveira (2001) sobre a Geografia Humanista diz que,

[...] trouxe novas luzes e abriu novas possibilidades para a compreensão de se encontrar as respostas para a construção de valores e atitudes para se enfrentar os novos desafios que se instalam a cada momento. Os desafios atuais são: a crença infalível na ciência e na tecnologia; a coletividade baseada nos pressupostos insensíveis nas estruturas sociais; e erguer um edifício fundamentado na nova ética das relações humanas e ambientais. (OLIVEIRA, 2001, p. 23).

A partir desse entendimento, Holzer (1992) diz que o estudo da Geografia na abordagem fenomenológica tem como premissa, cada indivíduo possui uma percepção do mundo que pode ser expressa pelos valores e atitudes com o lugar vivido, em outras palavras, a Geografia Humanista busca a compreensão do contexto pelo qual o sujeito constitui o seu interior e o seu mundo, e nele mantém sua forma individual de relacionar-se com o grupo do qual faz parte. Segundo a compreensão de Tuan (1983) a Geografia Humanista, busca uma visão de mundo através do estudo das relações das pessoas com a natureza e do seu comportamento no espaço geográfico, bem como seus sentimentos sobre o lugar onde vivem.

Segundo Holzer (1999) além dos pressupostos da Geografia Humanista apontados, ressalta-se a importância da cultura no estudo geográfico. A partir das reflexões desses conceitos, principalmente dos estudos organizados entre os anos de 1925 e 1940, do século XX, os quais tiveram embasamentos em outras ciências com definições teóricas fundamentais para alicerçar essa linha de pensamento. Holzer (1996) diz que foi elaborada uma série de discussões sobre a cultura, a percepção, o mundo vivido, a paisagem, o lugar, entre outros. No que se refere à estrutura conceitual, a Geografia Humanística estabeleceu um aporte filosófico que está fortemente baseado na fenomenologia. Sendo que essas ações são

muito significativas para contribuir no entendimento de alguns fenômenos geográficos que evidenciam a consciência humana no sentido de valorizar questões subjetivas.

Parafrazeando Holzer (1997) a Geografia Humanista entende o espaço como o resultado obtido a partir de paisagens marcadas, construídas e instituídas de vontades, valores e memórias, as quais são fundamentadas em experimentos de mundo, referências sociais e redes de interação, o que deriva do conhecimento no entendimento do Universo e do autoconhecimento humano em relação aos seus sentimentos sobre o meio. Pode-se entender que a partir dessas exposições que o mundo vivido não se apresenta essencialmente como um todo homogêneo, ou como uma desordem, constituídas a partir de atividades individuais. Camargo e Elesbão (2004) dizem que os estudos da corrente humanista são baseados numa perspectiva de análise que leva em consideração a visão de mundo, a experiência de vida, os aspectos subjetivos dos indivíduos para entender suas emoções, seus sentimentos, seus desejos e fobias no que diz ao lugar vivido.

Inicialmente, essa corrente trouxe preocupações voltadas para as redefinições da noção geográfica, em especial, da categoria de paisagem. Visto que, essas inquietações ainda se fazem presentes, sendo que o ser humano se encontra na essência não apenas como observador, mas como parte integrante desse processo. Para Holzer (1996) a Geografia Humanista continuou a expandir até a década de 1980 do século XX gerando um ecletismo de propostas superando o público inicial de geógrafos culturais e históricos norte-americanos. A corrente humanista não deixou de receber críticas rigorosas pautadas em seus assuntos conceituais e metodológicos, as quais ressaltam que não havia procedimentos adequados, e estudos precisos, o que provocou alguns prejuízos. Posterior, surgem novas possibilidades, e também adesão de geógrafos sociais norte-americanos, históricos, urbanos e ingleses, além de sua difusão por países de línguas diversas do inglês. Suertegaray (2005) diz que,

[...] a partir dos anos de 1990 a Geografia Humanista adquire maior amplitude e se constitui hoje uma tendência expressiva que se distancia, em parte da fenomenologia Clássica e se aproxima do existencialismo, do marxismo e/ou se amplia numa visão que incorpora a cultura, as representações e seus significados. Nesta perspectiva, encaminha a leitura geográfica para uma compreensão Hermenêutica, onde o que se busca é compreender, interpretar o sentido do vivido, a partir dos significados criados, construídos, por consequência, materializados no espaço geográfico. (SUERTEGARAY, 2005, p. 5).

Para Oliveira (2002) as influências pós-modernas começaram a questionar as narrativas do discurso científico e estas ações colaboraram para a abertura de espaço para novas perspectivas e visões. Pressupõe um mundo que pode ser entendido geograficamente, onde, o homem possa sentir e conhecer a si próprio ligado. A Geografia Humanista traz o método fenomenológico em seus pressupostos e procurou superação dicotômica entre o racionalismo e o empírico, e entre o sujeito e objeto. Tuan (1980) ressalta que o mundo vivido pode ser abordado de acordo com três fenômenos inter-relacionados a partir da experiência humana, os quais se constituem polos de mundo: o espaço, como algo experienciado; a paisagem, sendo a superfície limitante do espaço; e o lugar, o centro de significado no espaço e na paisagem.

Nesta perspectiva, o espaço é visto como não geométrico voltado às questões que envolvem o humano, sendo que se define a partir das intenções e dos objetivos dos seres humanos, no sentido das ações referentes ao cultural. Nesses termos, pode-se dizer que é tarefa do geógrafo humanista compreender o comportamento humano para revelar a experiência vivida do cotidiano. A partir desse entendimento, Ribeiro; Lobato; Liberato (2009) ressalta que, embora tendo raízes mais antigas nos filósofos alemães Immanuel Kant (1724-1804) e Friedrich Hegel (1770-1831), tem no filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), mesmo que tenha sido um matemático por formação, foi o criador da Fenomenologia, posterior, o estudioso Husserl adaptou o seu instrumento metodológico. Sobre o assunto, Christofolletti (1985), diz que,

[...] a fenomenologia preocupa-se em analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, através da supressão de todos os preconceitos que um indivíduo possa ter sobre a natureza dos objetos, como os provenientes das perspectivas científica, naturalista e do senso comum. Preocupando-se em verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição das pessoas, a fenomenologia utiliza como fundamental a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo. Desta maneira, contrapõe-se às observações de base empírica, pois não se interessa pelo objeto nem pelo sujeito. (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 22).

Na abordagem fenomenológica, a Filosofia oferece subsídios para os fundamentos da Geografia Humanista sendo que a Fenomenologia tem como um dos principais desígnios entender a experiência de vida e os sentimentos dos sujeitos adquiridos com o decorrer do tempo. Estudiosos contrários ao humanismo apontam os geógrafos humanísticos pela falta de

cientificidade por tratarem de valores humanos qualitativos e subjetivos. Haja vista que, as influências pós-modernas começaram a questionar as narrativas do discurso científico, o que colaborou para abrir espaço para novas perspectivas e visões. Para a Fenomenologia os indivíduos valorizam e organizam o seu espaço e mundo, e nele se relacionam. Sobretudo, é um modelo oposto ao neopositivista, no qual é necessário comprovar e criar leis para atender seus próprios modelos.

De acordo com Holzer (1997, p. 122) “[...] o método fenomenológico é apropriado para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem [...] permite o reconhecimento e a descrição das essências das estruturas perceptivas”. Esse método trás a valorização da experiência, da intencionalidade humana e os seus respectivos valores alcançados com o tempo no lugar vivido, pressupõe inclusive, manifestações de mundo que podem ser entendidos através das possibilidades de conhecer a si próprio diante do lugar de origem. Sendo que o enfoque perceptivo incorpora a ideia fenomenológica de mundo vivido com suas diversas suas percepções, significados e valores que envolvem o cotidiano. Oliveira (2001) complementa esse debate, diz que há um retorno do interesse pelo estudo das paisagens em outro nível, não apenas descritivo ou fotográfico, mas com status de elementos que são essenciais para a leitura urbana.

De acordo com a concepção de Melo (2005) na abordagem fenomenológica os geógrafos humanísticos, preocupam-se com mais afinco com as relações do ser humano no dia a dia, igualmente, com a essência dos valores que estruturam o mundo social, inclusive nas dimensões estéticas e literárias dos significados referentes à natureza histórica das paisagens socioculturais. Nesses termos, é tarefa também de geógrafos humanísticos investigar as hierarquias do comportamento humano, seus sentimentos e anseios que podem revelar o resultado da experiência vivida que é delineada com o transcorrer do tempo. Em se tratando da realidade brasileira, o campo da Geografia Humanística tem adquirido cada vez mais seguidores, tanto pelas singulares obras literárias publicadas quanto pela estrutura e geograficidade que as mesmas apresentam. (LIMA, 1996; MONTEIRO, 2002).

Conforme a visão de Rocha (2007), em termos gerais a Geografia Humanística no Brasil é discutida por estudiosos que fazem parte de um grupo que proporcionalmente, é considerado pequeno em relação a outras perspectivas de estudos que envolvem o conhecimento geográfico. Oliveira (2001) acrescenta que, a Geografia Humanista no Brasil,

dentre os estudos que abordam diretamente a temática, teve ênfase, sobretudo, a partir da década de 1970, momento em que os trabalhos acerca dessa linha de pensamento foram traduzidos e publicados no País, e que constitui em um movimento que desenvolveu maior empenho, por parte de geógrafos preocupados com a busca de seu reconhecimento.

Entre as demais definições, o humanismo tem na Filosofia o aporte que visa descrever um fenômeno a partir da experiência de vida dos indivíduos, de acordo com o acontecimento no tempo e no espaço, e a maneira como o interpretam segundo as leis do seu conhecimento ou da sua consciência. Mello (1990) ressalta que a Geografia Humanista sugere que os estudos humanos podem ser baseados em ciências positivistas, as quais buscam entender as relações homem-meio apoiando-se no aporte teórico/filosófico de uma rede de tendências, sendo à fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica. Dentre estas tendências, a fenomenologia é a corrente filosófica de sustentação para grande parte dos estudos humanistas na Geografia. Cooperando com o contexto, Lowenthal (1985), diz que,

[...] a visão humanística é bem mais ampla do que a percepção ambiental: os geógrafos humanísticos tratam de visões, imagens e ideias do mundo que são compostas de experiências pessoais aprendizados, imaginação e memória, sendo que “os lugares em que vivemos aqueles que visitamos e percorremos os mundos sobre os quais lemos e vemos em trabalhos de arte, e os domínios da imaginação e de cada fantasia contribuem para as nossas imagens da natureza e do homem”. (LOWENTHAL, 1985, p.141).

A partir dessas ideias, compreende-se que muito se tem para refletir sobre o processo que envolve os conceitos e princípios sustentadores da Geografia Humanista. Como forma de pensar essas relações nas identidades culturais e nos sentimentos, essa abordagem apresenta-se como forma de apreender o espaço geográfico como espaço de vivência. De acordo com Oliveira (2001, p. 14) “[...] as pessoas percebem o seu redor, o seu meio ambiente, no sentido de aguçar a curiosidade em saber se a percepção geográfica varia e quanto; provocou, principalmente, um aumento de estudos e pesquisas sobre o assunto, contrapondo-se, assim, há uma quantificação estatística dessas relações”. É quase que por unanimidade considerar a importância da Geografia Humanista em estudos que envolvem o ser humano e suas relações culturais no/do lugar vivido.

Para finalizar esta subseção, têm-se os subsídios de Mello (1990, p. 99) que afirma “[...] a fenomenologia veio para resgatar o que por muito tempo os geógrafos

excluíram de suas abordagens, os laços de vizinhança, o conhecimento diário, a ligação entre os sujeitos e o meio em que vivem (topofilia), o elo no que diz aos espaços, lugares e experiências cotidianas”. A Geografia Humanística, sendo uma corrente que está embasada na Fenomenologia, tem contribuído para melhor entendimento do mundo vivido, os seus envolvimento no dia a dia, diferentemente de ciências que excluem as questões humanas, suas relações culturais com o lugar vivido e as paisagens percebidas. Claval (2007) diz que a cultura reflete aos outros, aspectos coletivos revestidos na dimensão social e na construção de sentidos atribuídos ao ser humano no lugar, ou seja, a cultura só tem sua existência por meio de indivíduos que a utilizam, enriquecem, transformam e a difundem.

Nessa perspectiva, perceber as paisagens através de suas variadas possibilidades de compreensão que podem ser definidas a partir das experiências de vida, dos símbolos impregnados de valores culturais, fatores esses que consistem em desafio para a Ciência Geográfica, visto que é somente a partir de estudos, discussões e debates, que a Geografia Humanista poderá desenvolver-se, e com isso, conquistar novos horizontes oferecendo suporte necessário aos seguidores, e também, aos que aplicam essa abordagem em suas investigações. Para tanto, é essencial que se mantenha suas características, inclusive, para ampliar e diversificar nossos olhares sobre essa abordagem.

Esse conjunto de significações e estimas não deixa de representar provocações no âmbito da Geografia do século XXI, em específico, para esse campo do conhecimento. A partir do que foi exposto, percebe-se uma multiplicidade de abordagens que se sobrepõem, e do mesmo modo, as verdades não são absolutas e o conhecimento é invariavelmente superado, isso abre perspectivas e leituras sobre as visões das relações entre o ser humano e as paisagens/lugares vividos. Logo, tem-se a subsecção que discute um pouco da topofilia, seu surgimento dentre outros elementos importantes para a pesquisa.

2.1.1 Topofilia

A expressão topofilia deriva da abordagem fenomenológica e da corrente humanista, expõe o geógrafo chinês Tuan (1980) com base nos estudos de Bachelard (1974). São dois importantes nomes que discutem a topofilia, e reflete em uma forma sucinta de

definir o sentimento de pertencimento dos sujeitos no que diz ao lugar vivido. O primeiro estudioso do assunto, em sua obra: *A poética do espaço*. Bachelard (1974) diz que a topofilia “[...] define-se por imagens de espaço feliz [...] que determinam os valores do humano nos espaços de posse, dos espaços defendidos contra as forças adversas”. Posterior a isso, Tuan (1980) em sua obra - *TOPOFILIA: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* – esses dois estudos - Bachelard (1974) e Tuan (1980) - constituem-se basicamente a direção da pesquisa em alusão a topofilia.

De acordo com Bachelard (1974) a topofilia é o estudo dos sentimentos e dos valores que envolvem os aspectos da cultura do ser humano. Tuan (1980) define esse termo como “[...] o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico, sob o ponto de vista das percepções, das atitudes e dos valores”. Para tanto, a topofilia pode ser definida em sentido amplo, inclusive, nas relações que envolvem os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente vivido, os quais podem diferenciar entre os sujeitos de acordo com a intensidade e expressividade. Tuan (1980) corrobora e diz que,

[...] a topofilia varia em amplitude emocional e em intensidade, estando relacionada, entre outros, aos prazeres visuais efêmeros, ao deleite sensual do contato físico ou, simplesmente, ao apego pelo lugar, seja por sua familiaridade, por seu passado representativo ou por evocar algum tipo de orgulho de posse. (TUAN, 1980, p. 286).

Essas relações envolvem o sentimento de apego pelo lugar vivido, sendo que esses valores concebem as lembranças do passado e constitui-se como orgulho dos indivíduos. Esta relação vem reforçar os sentimentos topofílicos através das experiências vividas. Bachelard (1974) diz que desde a antiguidade grega as questões referentes à imagem, imaginário e razão estão colocadas como essência de busca da verdade e do conhecimento, mesmo que às vezes podem entrar em conflito. Para Sócrates, Platão e Aristóteles, a verdade só seria possível através da experiência dos fatos, e o pensamento platônico via no mito um caminho para as verdades não demonstráveis, graças a sua imagem simbólica. Tuan (1980) fala que assim, como alguns sujeitos são relutantes em abandonar um velho casaco por um novo, outros, especialmente, com maior experiência de vida, relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas. O fato é que as visões de mundo estão representadas no simbolismo e nas variantes das experiências pessoais.

Pode-se dizer que a topofilia está presente nas relações cotidianas dos moradores com o lugar e no (re) conhecimento das atribuições no que diz à percepção da paisagem. Os sentimentos que se tem pelo lugar, ora determinados com o transcorrer do tempo pode gera sensações de acolhimento. Nesse sentido, a pesquisa busca entender a relação dos indivíduos no que diz as paisagens, os sentimentos de afeto para com os lugares. Esses vínculos ocorrem de modo abstrato, e pode despertar sentimentos diversos, visto que os sujeitos evocam a alma dos lugares, apreende e delinea suas condutas no sentimento adquirido pelos lugares do cotidiano, da nostalgia e das possibilidades em manifestar essas emoções. Para Claval (2001) o espaço acolhe as características de determinado tempo, assimilando-as e transformando-as sem cessar. Cada rua, cada bairro e cidade trazem a marca de milhões de histórias que compuseram a realidade de seus habitantes, independente da época em que viveram.

Segundo Bachelard (1974) a primeira casa que o indivíduo habita constitui a concha protetora e criadora de imagens que permanecem guardadas nas profundezas da alma ao longo de toda da sua existência, podem ser positivas ou negativas. Desse modo, o valor simbólico do lugar vivido fundamenta-se na topofilia para determinar o apego do lugar, enquanto experiência de vida expressas nas paisagens. Por sua vez, a memória alimenta-se de uma espécie de compilação de imagens presentes na lembrança, reconstituindo as relações do lugar, provocando uma série de sentimentos. Os elementos que compõem a natureza como os rios, as montanhas, os campos, as florestas e as construções humanas transformam-se em imagens, caminhos e representações na vida no dia a dia. Nota-se claramente que, quando os sujeitos falam de sua Terra natal, trazem-se as imagens de desvelo e fragmentos de lembrança que tem sentido único na compreensão dos lugares. Assim, a percepção, os valores contidos nessa relação mantêm intactas as visões distintas de mundo.

Entretanto, são nesses pressupostos que a pesquisa emprega a topofilia para procurar evidenciar os símbolos, os valores que auxiliem na compreensão das representações humanas sobre a paisagem e o lugar vivido. Concomitante a isso, a superfície terrestre não é sustentáculo somente como elementos que subsidiam as fontes de sobrevivências práticas e pré-estabelecidas nas relações do ser humano com a natureza. Haja vista que esses subsídios podem adquirem uma existência intelectual e configuram-se nas relações culturais, na memória, nas vivências e impregnam-se de significações e valores a atitude de viver dos sujeitos. Logo, a Ciência Geográfica possibilita apreender, por meio de estudos embasados na

topofila, aspectos estes que podem resgatar o passado, a história de si próprio, concedendo-lhes valiosas significações para as questões culturais da vida em sociedade. A seguir apresenta-se a subsecção sobre a categoria lugar para a Geografia.

2.2 A categoria lugar para a Ciência Geográfica

Torna-se essencial fazer algumas exposições sobre a categoria lugar, não somente sob a perspectiva da Geografia Humanística e abordagem fenomenológica, mas, buscar algumas considerações de estudiosos de outras Correntes do Pensamento Geográfico, embora de maneira concisa. Essa subsecção conta com as contribuições de Santos (2006, 2008); Carlos (2007a, 2007b); Tuan (1980, 1983); Claval (2013) dentre outros. Nesses termos, é praticamente impensável uma pesquisa que estuda a percepção de paisagem, a topofilia sem referir-se sobre a categoria lugar, sendo que a mesma possui vínculos com categoria paisagem e vice-versa. De acordo com Claval (2013, p. 99) “[... os lugares e as paisagens fazem parte da memória coletiva. A lembrança do que aconteceu no passado dá forte valor sentimental a certos lugares...]”.

Acrescenta-se que os lugares, sem dúvida, constituem as formas de existência dos indivíduos em uma determinada sociedade, e pode consolidar-se por meio de configurações sociais a partir da vivência e das experiências dos sujeitos diante das transformações intensas a que são submetidas às paisagens. As variadas formas de experiências que o ser humano adquire através de inúmeras ações entrelaçadas entre as leituras construídas a partir da percepção da paisagem, e pelas vivências em relação aos seus sentimentos e emoções, estas variam de acordo segundo intensidade e lugar. Sob esse enfoque, os elementos podem proporcionar comunicações que abrangem os símbolos identificadores dos indivíduos com o seu lugar de vivência, e são apreendidas, principalmente, através de suas experiências de vida. Têm-se então, os subsídios de Marandola Jr. (2012):

[...] “não há lugar como o lar”. Mas o que é o lar? Tuan (1983, p. 3) inicia uma de suas obras com essa indagação, em seguida, oferece a resposta: é a velha casa, o bairro, a cidade ou a pátria. A explicação aparentemente simples encobre uma infinita e complexa rede de sentimentos e entendimentos apropriados a propósito de que une os homens aos “seus”

nichos de proteção e convivência ou concepção simbólica [...] o tempo é vivido como memória, e por isso, memória e identidade adensam o lugar. A memória é a experiência vivida que o significa, definindo-o como tal. Não é a toa que pensar em lugar é mais fácil recuando no tempo: lugar de nascimento, lugar de lembranças, lugar de saudade, lugar de memória lugar de identidade [...] (MARANDOLA JR. 2012, p. 244, grifos do autor).

O autor acima evidencia a importância do lugar para o sujeito, processos que envolvem anseios e perspectivas. Bachelard (1974) afirma que a casa natal tem valor expressivo para o indivíduo, por que o lugar é um refúgio aos medos que por ventura possam se encontrar do lado de fora. Nesse entender, o lugar que o sujeito vive pode significar muito para ele, mas, para outras pessoas passar despercebido. Tuan (1983, p. 172) expõe que “[...] viver muitos anos em um lugar deixa na memória marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, experiências intensas de curta duração que modificam nossas vidas”. Pode-se dizer que o lugar é a oportunidade especial de cada evento, e ao tornar espaço envolve as marcas de origem e recebem características locais, e estes elementos contribuem na produção da sua história. Nesse contexto Tuan (1983) diz que:

[...] o visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. Em uma sociedade tradicional estável os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total; suas visões do ambiente não têm, talvez, muita importância. [...] em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar seus olhos para compor quadros. Ao contrário o nativo tem uma atitude complexa derivada de sua emersão na totalidade de seu meio ambiente. (TUAN, 1980, p. 72).

O autor discute a divergência de sentimentos existente entre os sujeitos que residem em um determinado lugar e os que estão somente em visita, pois, em relação ao viajante, parte-se da compreensão de que o lugar pouco representa ao seu ser, porque não possui nenhum elo referencial impresso ao respectivo ambiente. Já para o nativo, é no lugar vivido que acontecem as relações de coexistência entre os indivíduos do seu grupo, o que representa a experiência de vida carregada pelos sentimentos, pelos valores, pelas visões de mundo que são ao longo da vida adquiridas. Estas são algumas características essenciais no que diz às estimas individuais dos sujeitos vivendo em sociedade. O lugar que as pessoas se movimentam, individual ou coletivamente, tem significados únicos, com finalidade de construir uma realidade compartilhada. Assim, Bachelard (1974) diz que,

[...], com efeito, não encontramos nas nossas próprias casas redutos e cantos onde gostamos de nos encolher? Encolher-se pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só habita com facilidade aquele que soube encolher. Temos em nós, e esse respeito, todo esse estoque de imagens e lembranças que não confidenciamos facilmente. Na vida do homem, a casa afasta contingências multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso, ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, homem é colocado no berço da casa. (BACHELARD, 1974, p. 26, grifos do autor).

Dentre as várias possibilidades de entendimento da categoria lugar para a Geografia, tem-se a interpretação enquanto dimensão totalidade-espaco, sob a perspectiva de análise das relações sociais a partir de sua materialização espacial, visto que as atividades sociais podem ter o lugar como condição para sua realização. Segundo Carlos (2007a) as relações sociais realizam-se concretamente através de uma articulação temporal, o que ilumina o plano do vivido, ou seja, a vida no lugar em que se vive ganha novos significados. Entende-se que as reproduções das relações sociais se concretizam em um lugar apropriado para este fim, de acordo com necessidades do grupo no seu dia a dia. Esses elementos são capazes de se constituírem no lugar que é individualmente selecionado para os diversos fins, e é nesta medida que o lugar é organizado, inclusive na constituição da identidade sujeito-lugar.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a categoria de lugar se destaca como elo de pertencimento da vida no cotidiano, e possui relação estreita com a paisagem, esse processo age de acordo com os atores durante sua constituição. O lugar possui significados peculiares porque é o produto da transformação do meio pelo homem, e as intensas modificações nas formas da paisagem, provocam a descaracterização do lugar, visto que a constante busca pelo capital faz parte da vida em sociedade, e estas ações podem contradizer e refletir de maneira negativa nos elementos referentes à cultura, como os valores, sentimentos, anseios e memória. Carlos (2007a, p. 40) diz que “[...] o lugar, portanto, liga-se de modo inexorável à realização da vida como condição e produto do estabelecimento das relações reais indispensáveis a ela, mas a produção da vida e do lugar revela a necessidade de sua reprodução continuada”.

À medida que as relações entre os sujeitos são substituídas por atribuições meramente profissionais, o tempo cada vez mais escasso, o mundo globalizado contribui nessa relação complexa e age de forma negativa. Para Carlos (2007a), essas ações articulam

sobre essas perspectivas, as atitudes de desvendar os lugares, como são percebidos, os apegos existentes, que emoções emergem quando são pronunciados. O encantamento ou estranhamento das relações humanas é subjetivo para com o lugar, sua afeição é material e imaterial, e ocorre por meio da interatividade dos indivíduos de uma determinada cidade, bairro, praça, rua, enfim, é resultado da combinação desses elementos, e por ventura são particulares. Milton Santos (1995) assegura que “[...] o lugar permite ao mundo realizar-se, a oportunidade de uma história, ao realizar muda, transforma, determina a ação, é onde os seres humanos estão juntos vivendo, sentindo, pulsando, e que tem a força de sua presença¹¹”.

Sob esse entendimento, a Ciência Geográfica pode ser entendida com uma ciência complexa, que procura compreender a dimensão humana e física da superfície terrestre, devido a isso, seu objeto de atuação envolve vários procedimentos que podem não responder à mesma lógica. Sendo assim, a categoria lugar pode representar as essências, as significações que são facilmente percebidas, os sentimentos de ternura para com o lugar vivido. Nessa perspectiva, muito do que percebemos no lugar têm importância para a sobrevivência biológica, fatores esses que são fundamentais à vida e propiciam estímulos que estão enraizados na cultura. Em contrapartida, para o visitante de um lugar pode ser diferente, não consegue percebê-lo com a mesma magnitude de uma pessoa que ali reside há certo tempo. Para cooperar Tuan (1983) diz que:

[...] a cidade natal é um lugar íntimo. Pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encontro histórico, no entanto nos ofendemos se um estranho a critica. Não importa sua feiura; não importávamos quando éramos crianças, subíamos nas árvores, pedalávamos nossas bicicletas em seus asfaltos rachados e nadávamos na sua lagoa. Como experienciávamos um mundo tão pequeno e familiar, um mundo infinitamente rico na complexidade da vida cotidiana, mas destituído de aspectos de grande imaginabilidade. (TUAN 1983, p. 160).

O autor entende a categoria lugar sob a perspectiva de refletir o processo de constituição partindo da construção das relações sociais. A categoria de lugar nesse entendimento possibilita pensar o viver e o residir, suas formas de uso, e a coexistência dos seres humanos com os símbolos carregados de valores fundamentais à vida. Para Santos

¹¹ Conferência realizada no V Congresso Latino Americano de Geógrafos, Habana, Cuba, 31 de Julho a 05 de Agosto de 1995.

(2008, p. 161) o lugar define-se como “[...] funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente. O lugar pode representar o que há de completo valor nas coisas, por mais simples que possa parecer.” As recordações do lugar que vivemos, principalmente, quando éramos crianças tem muito valores imbricados. Com o decorrer do tempo, as transformações vão mitigando as imagens dos lugares. No âmbito da Geografia é essencial pensarmos essas relações para apreendermos o lugar que o humano vive e modifica. Seguindo essa linha de raciocínio, Santos (2008) observa que,

[...] hoje cada vez mais, os lugares são condição e suporte de relações globais que, sem eles (lugares), não se realizariam, e o número é muito grande. As regiões se tornaram lugares funcionais do Todo, espaços de conveniência. Agora nesse mundo globalizado, com a ampliação da divisão internacional do trabalho e o aumento exponencial do intercâmbio, dão se, paralelamente, uma aceleração do movimento e mudanças mais repetidas, na forma e no conteúdo das regiões. (SANTOS, 2008, p. 156).

Pode-se dizer que o lugar no mundo globalizado tem apresentado ao longo do tempo cada vez mais funções e definições. Para Santos (2006) o sentido da categoria lugar na Ciência Geográfica possui diferentes perspectivas, seu valor se distribui de formas distintas no espaço, visto que cada lugar em específico tem seu valor. Traz-se para a discussão a visão de Tuan (1983, p. 172) “[...] viver muitos anos em um lugar pode deixar na memória marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas.” O tempo vivido em um lugar poderá refletir em cada um, com mais ou menos afetividade. É pertinente dizer que o lugar é a oportunidade em especial, de cada evento, e este ao tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais, o real papel do lugar na produção da história.

Conforme Santos (2006) o endurecimento da cidade é paralelo à ampliação da intencionalidade na produção dos lugares, atribuindo-lhes valores específicos diante dos usos pré-estabelecidos. Os lugares podem transmitir valores às atividades, atribuir margem às novas modalidades, o que é resultado da combinação da ciência, da técnica, do capital e do poder, no processo de reprodução das cidades. Santos (2006) apresenta uma visão diferente da categoria lugar, relata que os lugares se distinguem pela capacidade desigual em oferecer rentabilidade aos investimentos propostos. Constitui uma visão técnica voltada para o ser humano na (re) produção da vida em sociedade, repleto de ambiguidades e constitui a própria

expressão, as quais são designadas em diferentes extensões. Sendo que dimensão geográfica do tempo mais externa é o mundo, mas, não sabemos qual a extensão do tempo mais interno. Seria o lugar? É uma hipótese a ser considerada, em contrapartida, mesmo que o método estabelecido pudesse permitir a posteriori, reconhecer esse tempo mais interno e pequeno, tal constatação também não seria de forma absoluta.

Carlos (2007b) diz que grande parte das Ciências Humanas, em particular, traz o enigma da redefinição do lugar que surge da essencialidade diante da globalização, nos dias atuais, e tais redefinições acontecem de forma mais acelerada do que em outros tempos da história. Nesse entender, não é possível pensar o lugar de forma singular, ele é uma noção que se desfaz, e tem sido descaracterizado diante da massacrante tendência ao homogêneo. Com base em Santos (2006) o lugar ganhou dimensão explicativa da realidade como densidade comunicacional, informacional e técnica, sendo que a globalização materializa-se no lugar e, com estas ações trazem-se novas possibilidades de perceber o mundo em suas múltiplas extensões, numa expectativa ampla, levando em conta que é no lugar que se vive o dia a dia e podem adquirir novas expressões nas mais diversas interfaces. Carlos (2007b) diz que:

[...] o lugar é à base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. [...] o lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que seja aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se com a produção da vida. No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social. (CARLOS, 2007b, p. 17).

Diante disso, entendemos que categoria lugar é essencial ao ser humano, pois, a completa ausência levaria à perda da constituição de sua identidade. Ao concentrar-se nas perspectivas de abrangência, tem-se a possibilidade em apreender a visão de mundo para interpretar suas manifestações no lugar vivido. Conforme Carlos (2007b) o lugar apresenta-se como mundo vivido, e integra inclusive a formulação dos problemas a partir de sua produção, isto é, como é determinada a existência social dos seres humanos. Parafraseando Santos

(2006, p. 218) “[...] o lugar é o quadro de referência pragmática de mundo do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio de ações expansivas, as mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”.

A categoria lugar pode ser definida como um marco referencial de significados, e, por influência dessas ações trazem fortes elementos para a comunicação nas diversas formas de linguagens, porém, é essencial que esses referenciais não sejam reduzidos a símbolos desnudos de sua essência espacial, por outro lado, corre-se o risco de tornar outra coisa, para a qual a palavra "lugar" passa ser no mínimo, inadequada. O ser humano apreendeu a falar dos lugares na tentativa de enveredar-se pelo imaginário, pelo mundo das descobertas, das fascinações e dos desejos exteriores e, inclusive, interiores. Ao viver num lugar, a essência se transforma em existência, o todo em partes, visto que a atitude de viver pode exibir os símbolos adquiridos ao longo da vida em um dado lugar. Sobretudo, entendemos que as experiências são valorosas e os significados permanecem impregnados no viver de cada um, e é desse modo que as histórias subjetivas são construídas com o perpassar do tempo.

Procurou-se nesta subseção abordar, embora de maneira sucinta, a categoria lugar sob o ponto de vista da Ciência Geográfica na visão de estudiosos como Carlos (2007b) e Tuan (1983) entre outros, que nos evidenciaram um pouco de suas visões e perspectivas de estudos em relação à categoria lugar para Geografia. Foi enfatizado o estudo das relações de pertencimento ao lugar vivido, a constituição da identidade dos sujeitos, entre outros assuntos. Estes processos constituem-se essenciais na compreensão dessa categoria, e compõem as marcas pela qual a paisagem urbana pode ser entendida levando em conta um cenário intermediado de significações, ideais, perspectivas e demais elementos que atuam diante no/do lugar vivido. A seguir têm-se discussões sobre a categoria paisagem na Geografia.

2.3 Geografia e paisagem: conceitos e discussões

Em seguida será realizada sucinta análise da categoria paisagem na Ciência Geográfica por se tratar de tema relativamente antigo, inclusive, por entender que sua compreensão é fundamental nesse estudo. Os debates que envolvem essa categoria na atualidade estão em evidência, posto que nas últimas décadas as complexidades sociais, culturais e econômicas estão em busca de respostas. No entanto, a categoria de paisagem é

estudada em diversas áreas do conhecimento, no âmbito da Geografia possui entendimento e diversas definições sendo que, estes podem contribuir no sentido de melhor apreender suas aplicações no que diz aos elementos geográficos, dentre as quais mencionamos a fauna e a flora, bem como, o homem paralelo às transformações ocasionadas pela sua ação na superfície terrestre, entre outros processos que envolvem essa conflituosa relação.

Em se tratando da Ciência Geográfica de maneira geral, a mesma adquiriu status de ciência somente em meados do século XIX. Posterior, no entendimento de Salgueiro (2001) em Portugal a palavra “paisagem” surgiu pela primeira vez em 1608, na Itália “paesaggio” também no século XIX, na Espanha “paesaje” é de 1708, e o registro mais antigo das línguas latinas é datado da década de 1550, do Francês “paysage”. De acordo com Collot (1990) até o final do século XVIII a paisagem era somente sinônimo de pintura. Nesse sentido, foi através da mediação com a arte que o sítio (o lugar) adquiriu estatuto de paisagem e permanece forte até os dias atuais.

Com base em Salgueiro (2001) a categoria paisagem foi evidenciada por Humboldt e constituída como disciplina acadêmica somente no século XIX, haja vista que é em fins do século XX que se perfilha um renascer do interesse pela figura da paisagem. Nesse sentido, teve maior reconhecimento só nas últimas décadas, a partir de estudos que apontaram e evidenciaram a sua importância, sendo que a categoria paisagem tem se destacado no campo Geografia, inclusive, em várias áreas do conhecimento, como Arquitetura, Urbanismo, entre outras. Ao fazer ponderações sobre as questões que envolvem a paisagem percebe-se que tem apresentado amplos debates entre seus estudiosos. Cada vez mais pesquisas estão sendo desenvolvidas visando abarcar as questões subjetivas de mundo, no sentido de evidenciar o que essas relações podem ocasionar nos indivíduos perante as transformações rápidas a que são submetidas à paisagem no/do lugar vivido.

A categoria paisagem tem alcançado nas últimas décadas novos significados, e esses fatores tem auxiliado no entendimento das ações físicas, sociais, políticas e também culturais presentes na superfície terrestre. Em se tratando do cultural, estes elementos podem evidenciar as relações dos sujeitos com o mundo subjetivo, e assim, valorizar o que antes poderia passar despercebido. As paisagens não reduzem unicamente a espelhos da sociedade, porém, é fundamental compreender a sua dinâmica, que é implicação de interferências sob suas formas. Salgueiro (2001) diz que a noção da função estética da paisagem veio se juntar

em síntese com um conjunto de elementos que fazem efeito no espaço e no tempo. Os processos que transformam bruscamente o planeta Terra, principalmente, a constante busca pelo capital, dentre outros, resume-se em uma sociedade cada vez mais alienada pelo consumo e acúmulo, sendo este um dos agentes causadores da modificação das paisagens.

Com fundamentos em Salgueiro (2001, p. 39) “[...] o surgimento da categoria paisagem, foi seguida pela revolução científica, libertou a natureza [...] tornando-a objeto de conhecimento, e estas ações propiciaram novos caminhos para manipulação e transformação, com diversas terminações”. Melo (2005) diz que a paisagem pode ser apreendida como um sistema de recursos explorados e/ou conservados nos ambientes que dão suporte para seus elementos que são fonte de possibilidades para sua percepção enquanto forma física e simbólica para interpretar seus signos. A paisagem pode ser composta não apenas pelo que estão ao alcance de nosso olhar, porém, é formada pelo conjunto de informações que de certa forma estão envolvidos em nossas mentes. A partir desse raciocínio, é essencial discutir a importância do domínio da leitura de mundo para melhor compreender a dinâmica que abrange a percepção de paisagem.

Em seguida a essas discussões, Shier (2003) expõe que a categoria paisagem para a Ciência Geográfica apresentou, especificamente, no Brasil, em um primeiro momento, tema dos naturalistas e viajantes, sendo que, no final do século XVIII, e meados do século XIX pintavam as paisagens do Novo Mundo apenas de forma descritiva e enumerativa com a finalidade de manter registros dos cenários desconhecidas para os povos europeus. Posterior, os europeus trouxeram os primeiros paisagistas ao Brasil, inclusive, a Missão Francesa foi de grande importância ao retratar as paisagens brasileiras.

A seguir apresenta-se no Quadro 1, com as compreensões de acordo com vários estudiosos e as suas distintas abordagens da categoria paisagem na Geografia, e não exclui autores das demais áreas do conhecimento em referência ao estudo da categoria. Sendo que, essas concepções constituem essenciais para o entendimento da categoria não somente para a Ciência Geográfica, mas para os diversos campos em que é apreendida, dentre esses destacam-se: Humboldt e Ritter, os quais já nos deram algumas colaborações anteriormente, Ratzel, Otto Schluter, Passarge, Hettner, Sauer, Hartshorne, Troll, Cosgrove, Metzler, Linda Mac Dowel, Dardel, Claval, Bertrand, Ab’Saber e Santos. Sem dúvida, são nomes expressivos da Ciência Geográfica.

Quadro 1 - Diferentes definições e abordagens do conceito de paisagem – 2011

AUTOR	ORGANIZAÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM
A. Von Humboldt	Visão holística da paisagem, de forma que associava elementos diversos da natureza e da ação humana, sistematizando, assim, a ciência geográfica.
Carl Ritter	Completo e organizou o trabalho de Humboldt, dedicando especial atenção às descrições e análises regionais
Friedrich Ratzel	Utilizou o conceito de paisagem em uma forma antropogênica, demonstrando que ela é o resultado do distanciamento do espírito humano do seu meio natural. Desta forma, descreve uma dialética entre os elementos fixos da paisagem natural, com os elementos móveis, em geral humanos.
Otto Schlüter	Faz da paisagem o objeto da geografia humana. A paisagem é tanto modelada pelas forças da natureza e pela vida, quanto pela ação dos homens. O conceito de paisagem geográfica como originalmente formulado foi descaracterizado, podendo-se apontar a paisagem cultural (Kulturlandschaft), paisagem natural (Naturlandschaft), paisagem florestal (Urlandschaft).
Siegfried Passarge	Utilizou o conceito de "ciência da paisagem", interpretando esse conceito como representação, sendo claramente utilizada na interação dos habitantes com seu ambiente. Discurso "psicologizante" na Geografia da paisagem. A compreensão do processo genético e estruturador das paisagens naturais, associado a um instrumental cartográfico, permitiu ao geógrafo estabelecer um ordem e uma hierarquia entre as paisagens, passando do nível local ao zonal.
Alfred Hettner	Compôs a geografia em três perspectivas: a geografia geral, a nomotética (trabalhando a paisagem de forma comparada), e a idiográfica (focaliza no conjunto específico de uma única paisagem, buscando entender como ela se organiza internamente). A geografia deveria ser ao mesmo tempo física e humana.
Carl Sauer	Tratou a paisagem numa perspectiva morfológica, tanto em aspectos naturais como em aspectos humanos. A geografia cultural, representa, conseqüentemente, uma materialização de pensamentos e ações humanas, mas nunca sai do seu caráter físico-material. A paisagem possui um caráter integrador e relacional, estando associada ao tempo e ao espaço. Sugere uma separação entre a paisagem natural e a cultural. Atribui ao homem à responsabilidade de transformar a paisagem. Em 1925, escrevia que os objetos da paisagem existem em correlação. Essa correlação não era, aliás, tão nítida, tão indispensável como hoje. Mas já então, a idéia de objetos em sistema era fundamental para o trabalho geográfico. Para Sauer, na formação da paisagem, a cultura era o agente, a paisagem natural o meio, e a paisagem o resultado.
Richard Hartshorne	Diferencia os significados de paisagem e região, dando mais destaque ao segundo conceito. Para os adeptos do conceito de paisagem, a tipologia morfológica é o produto final da pesquisa.

Carl Troll	Paisagem representa um conjunto específico de relações ecológicas, principalmente com seus fatores físicos. Essa ideia dar origem à "Landschaftsökologie" (ecologia da paisagem). A paisagem é definida como a entidade visual e espacial total do espaço vivido pelo homem.
Paul Schmithüsen	Denominada Landschaftskomplex, a paisagem deveria ser definida pelo conjunto dos seus processos ecológicos.
Denis E. Cosgrove	A paisagem está intimamente ligada à cultura e à ideia de que as formas visíveis são representações de discursos e pensamentos. A paisagem aparece como um lugar simbólico. A paisagem se faz através da criação de uma unidade visual onde o seu caráter é determinado pela organização de um sistema de significação.
E. P. Odum	O termo paisagem é substituído por "ecossistemas", focalizando mais nos elementos funcionais, integrativos, e menos na parte descritiva. A paisagem volta a tomar corpo tanto como objeto de exploração por grupos econômicos como objeto de interesse de proteção de uma coletividade com uma certa consciência ambiental.
Hartmut Leser	A paisagem é definida como um sistema ecológico
Jean Paul Metzler	Paisagem é definida como um mosaico heterogêneo formado por unidades interativas, sendo esta heterogeneidade existente para pelo menos um fator, segundo um observador e numa determinada escala de observação. Uma paisagem pode se apresentar sob forma de mosaico, contendo manchas, corredores e matriz, ou sob forma de gradiente.
Linda Mc Dowell	A paisagem é representada não apenas como o resultado material de interações, mas como uma maneira específica de olhar.
E. Dardel	A paisagem não se refere à essência, ao que é visto, mas, representa a inserção do homem no mundo, a manifestação de seu ser para com os outros, base de seu ser social.
Paul Claval	A paisagem é a realização e a materialização de idéias dentro de determinados sistemas de significação. Cria a paisagem como uma representação cultural.
George Bertrand	A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. O autor discute um sistema taxonômico que permitiria classificar as paisagens em seis níveis temporo-espaciais (zona, domínio, região, geossistema, geofácies e geótopos). Dentre as seis categorias de unidades de paisagem, Bertrand dá uma maior atenção para o geossistema. A classificação da paisagem não pode ser considerada um fim em si, mas sim um passo seguindo pela avaliação de cada unidade e, para tanto, Bertrand escolheu uma tipologia dinâmica que classifica as unidades da paisagem (mas especificamente os geossistemas) em função de sua evolução de sua evolução em relação ao clímax, tipologia inspirada na teoria de bio-resistência de H. Erhart.

<p>Aziz Nacib Ab' Saber</p>	<p>Compreendeu a paisagem como sendo o resultado de uma relação entre os processos passados e os atuais. Os processos passados foram os responsáveis pela compartimentação regional da superfície, enquanto que os processos atuais respondem pela dinâmica atual das paisagens.</p>
<p>Milton Santos</p>	<p>Buscou distinguir a paisagem do espaço, sendo este, seu instrumento de análise. Fundada em uma dialética entre esses dois conceitos, o autor descreve a paisagem como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza; • A paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão; • A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido, a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal; • Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico; • A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável; • A paisagem existe, através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistem no momento atual; • Numa perspectiva lógica, a paisagem é já o espaço humano em perspectiva; • A paisagem é apenas uma parte da situação. A situação como um todo é definida pela sociedade, <i>enquanto sociedade e como espaço</i>.

Fonte: BRITTO, M. C. M; FERREIRA, C. (2011).

Para Bessa (2011) Estrabão, Ptolomeu e Aristóteles, foram os sistematizadores da Ciência Geográfica, posteriormente, Humboldt e Ritter foram os precursores dessa ciência, os quais prosseguiram os estudos e contribuíram para evolução da Geografia. Até o final do século XVIII, não foi possível discorrer sobre o conhecimento geográfico de forma coerente. Para Moraes (1983) até esse momento, a Geografia foi construída a partir de relatos de viagens, escrita em tom literário, súmulas relatórios estatísticos e obras analíticas sobre os fenômenos naturais dos variados pontos da superfície terrestre. Humboldt tinha uma visão holística da paisagem, e na tentativa de descrever o Universo como um todo, e comprovar que tudo estava inter-relacionado. Segundo Shier (2003, p. 82) “[...] Humboldt se destacou por sua visão holística da paisagem, de forma que associava elementos da natureza e da ação humana, sistematizando assim, a Ciência Geográfica”. Grande parte dos estudos de Humboldt foi legitimada juntamente com viagens no final do século XVIII.

Segundo os dados do Quadro 1, Ritter aperfeiçoou o trabalho de Humboldt com atenção as descrições regionais. Moraes (1983) acrescenta que Ritter demonstrou em seus estudos o princípio das relações entre a superfície terrestre, a natureza e o ser humano, defendeu o uso das ciências para o estudo da Geografia. Visto que, Ratzel aplicou a categoria paisagem de forma antropogênica e a considerava como implicação do distanciamento do espírito humano de seu meio natural. Através de Ratzel nasceu o conceito de “espaço vivo”, sendo que preocupava com a relação dos grupos humanos e com os espaços do seu ambiente. Schluter defendeu a ideia dos fatores modeladores da paisagem, estes envolvem a força da natureza, a vida e a ações humanas. Posterior, esses conceitos foram desconstruídos, em seguida surge à paisagem cultural, natural e florestal. Passarge utilizou o conceito de “ciência da paisagem” para elucidar a interação do humano com o meio. No que diz o processo estruturador das paisagens, a Cartografia deu ordem entre as paisagens, do local ao zonal.

Ainda no Quadro 1, a abordagem de Carl Sauer simboliza a consolidação de pensamentos e ações, por outro lado, não sai de seu estilo físico-material. No que diz a Geografia Cultural, Claval (2002, p. 20) diz que “[...] a finalidade da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas”. O enfoque cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica. Logo, Sauer propôs que a gênese da paisagem, visto que a cultura é o agente, a paisagem natural o ambiente, e a paisagem como um todo, resulta na implicação desse processo. Sauer definiu a categoria paisagem como uma unidade definitiva do estudo geográfico, e observou que a cultura de uma dada sociedade não se desenvolve apenas por meio de suas paisagens, porém, tem a capacidade de transformar suas formas.

Segundo Moraes (1983) a Geografia Racionalista tem como pioneiros Hettner e Hartshorne que buscaram outros caminhos para a análise geográfica, sem debruçar no determinismo e possibilismo. No Quadro 1, Hettner associou a Geografia a três perspectivas, ao trabalhar a paisagem de forma comparada, o que constitui a Geografia Geral e a Nomótetica. A perspectiva idiográfica, que foca no entendimento do arranjo interno da categoria paisagem, visto que apresenta a compreensão de que a Geografia deveria ser concomitante Física e Humana. Segundo as considerações de Britto e Ferreira (2011) no Quadro 1, Hartshorne distingue as categorias paisagem e região, com ênfase na segunda.

Para Trol segundo o Quadro 1, a paisagem resume-se em um grupo peculiar de relações ecológicas, principalmente, os que envolvem os fatores físicos, sendo que essa categoria é determinada como entidade visual, espacial e integral vivida pelo homem. Já Schmithusen, estudioso pouco conhecido no âmbito da Ciência Geográfica expõe que a paisagem precisaria ser determinada pela classe dos processos ecológicos. Segundo Cosgrove apresenta uma abordagem voltada para o cultural e diz que a paisagem está densamente atrelada a cultura e essa categoria surge como um lugar simbólico, e integra-se por meio da criação de uma união visual com caráter deliberado pela disposição de significados. Para Odum a expressão paisagem é suprida por “ecossistemas” com foco nos subsídios funcionais e integrativos, sendo menor na parte descritiva. Nesse sentido, a categoria volta a ganhar força de exploração por grupos econômicos com pouca consciência ambiental.

Com embasamentos em Jean Paul Metzler, ainda de acordo com o Quadro 1, mesmo que seja pouco conhecido, ao menos no que se refere ao Brasil sobre a Geografia, sugere que a paisagem seja interpretada como um mosaico heterogêneo constituído por unidades ligadas entre si, levando em conta o observador e uma determinada linha de observação. Seguindo essa linha de raciocínio, a categoria paisagem para Metzler pode apresentar as formas de um mosaico nas quais abrangem borrões, corredores e matrizes. Portanto, vale ressaltar que a presente pesquisa tem interesse maior voltado nas abordagens de estudiosos como Otto Schlüter, Carl Sauer, Carl Troll, Denis E. Cosgrove, anteriormente aludidos segundo o Quadro 1, e também contamos com contribuições de demais autores dentre suas respectivas abordagens.

A seguir apresentam-se algumas considerações com embasamentos em Linda MC Dowel, E. Dardel e Paul Claval, de acordo com o Quadro 1. Nessa perspectiva, a categoria de paisagem para MC Dowel foi idealizada não apenas como a implicação material de interações, mas, como uma capacidade específica de contemplar. Sobre o assunto Kozel e Souza (2013, p. 49) dizem que “[...] o mundo é percebido além do olhar, pois as informações narradas por aqueles que visitaram algum lugar, ajudam os indivíduos a encontrarem um sentido para suas vidas. O olhar fascina, convida a conhecer sempre novos lugares, sendo um descobridor de mundos”. Em contrapartida, podemos dizer, inclusive, que não é somente através do olhar que se têm possibilidades de desvendar novos horizontes.

Ainda segundo o Quadro 1, Dardel diz que a paisagem não se refere à profundidade

ao que é visto, porém concebe a inserção do homem no mundo, a manifestação do seu ser para com os outros, sua base social. Em seguida, Claval coloca que a paisagem é a efetivação e consolidação de conceitos dentro de sistemas definidos de significações. Para Claval a categoria de paisagem é uma representação cultural, essa abordagem tem finalidade em abarcar as questões culturais, o que constitui no entendimento das experiências humanas no meio social, no sentido de compreender a aceção do ambiente vivido e o sentido dado à vida. Segundo Claval (2002) o uso do termo cultura deve ser crítico, e tudo que favorece a uniformização do mundo deve ser censurado, visto que há sempre uma dimensão de universalidade nas culturas. Já em Claval (1999) a Geografia Cultural diz que,

[...] nos anos 1960 e 1970: a evolução da Geografia Cultural deu-se numa tentativa de utilizar os resultados da “Nova Geografia” para uma sistematização metodológica. [...] Após os anos setenta do século XX: ocorreu uma mudança significativa, haja vista a Geografia Cultural deixar de ser tratada como um subdomínio da geografia humana, posicionando-se no mesmo patamar da Geografia Econômica ou da Geografia Política. O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente, e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica. (CLAVAL, 1999, p. 93).

Em meados da década de 1970 do século XX, tem-se início ao processo de recuperação da abordagem cultural na Geografia, com uma nova visão a esse campo e maior atenção às questões subjetivas e ontológicas do ser humano. Não se trata apenas em estudar a diversidade cultural com base nos conteúdos materiais, mas, de admitir que a cultura esteja fortemente ligada aos sistemas de representações, de significados, de valores que criam identidades que podem manifestar mediante construções compartilhadas socialmente e espacialmente, ou seja, entender que a cultura no sentido antropológico representa um modo de vida de uma sociedade. O que não inclui somente a inserção de artificios materiais, porém, um complexo sistema cultural carregado de valores morais, significados éticos expressos nas práticas sociais. Princípios simbólicos que envolvem costumes e tradições constituindo-se na identidade dos grupos sociais.

O Quadro 1, acima traz as contribuições de Bertrand o qual discorre que a paisagem não é a simples adição de elementos conflitantes. É uma determinada porção do

espaço que é resultante do ajuste dinâmico, porém, inconstante de elementos físicos, biológicos e antrópicos que podem reagir dialeticamente uns sobre os outros, e fazem da paisagem um conjunto singular e indissociável em constante evolução. Para Bertand (2007) um dos maiores estudiosos atuais da categoria paisagem, sem privilegiar o campo natural/humano, em seu livro “*Geografia Transversal*”, acrescenta que em menos de duas décadas, a paisagem tornou-se tema central por meio de uma revolução cultural e científica. Assim, a paisagem não se apresenta somente como um reflexo do funcionamento passado ou presente. Visto que, a percepção da paisagem destaca-se com maior vigor nas ultimas décadas e os significados dessa atitude têm sido destacados entre os estudiosos do assunto.

Para Ab’ Saber, conforme o Quadro 1, a categoria paisagem é entendida em decorrência da relação entre os processos passados e atuais, em observação aos períodos nos quais aconteceram ou estão acontecendo. Seguindo esse raciocínio, as ações do passado são responsáveis pela compartimentação da superfície terrestre, logo, os processos que atuam no presente podem responder pela dinâmica funcional das paisagens. Ressalta-se que este autor possui uma visão técnica da categoria paisagem, assim, Ab’Saber (2003, p. 09) acrescenta que “[...] num primeiro nível de abordagem, pode-se dizer que as paisagens têm sempre o caráter de heranças de processos de atuações remotas, que ao longo do tempo vão sendo remodeladas e modificadas por processos de ações recentes”. Para tanto, Ab’ Saber traz valiosos subsídios com intuito de compreendermos melhor a categoria paisagem.

Finalizando a análise do Quadro 1, Santos apresenta algumas definições para a categoria paisagem, sendo que procurou diferenciá-la da categoria espaço, seu objeto de análise. Considerou a paisagem apenas como a porção da configuração possível de ser alcançada pela visão, e sob o conjunto de objetos reais e concretos, visto que a paisagem é transtemporal com a presença de objetos do passado e presente em uma construção transversal. Cada paisagem é caracterizada por determinada classificação de formas objetos, equipadas de conteúdo técnico específico. A categoria paisagem na visão de Santos é um sistema material e relativamente imutável, constituindo inclusive, espaço humano em perspectiva. Na análise desse autor essa categoria é somente parte da conjuntura de um todo, sendo determinada pela sociedade, enquanto agente do espaço.

Segundo Bertrand (2007) a categoria paisagem é trabalhada por vários estudiosos, sendo mais evidente sobre os aspectos físicos. Para ir de encontro com os valores, os

sentimentos de mundo vivido, do cotidiano entre outros elementos relacionados com o subjetivo, para tanto é válido buscar suporte nos estudos das paisagens culturais. Os debates relacionados com essa perspectiva no âmbito da Geografia têm sido relevantes visto que é um desafio para a Ciência Geográfica do século XXI. Segundo Britto e Ferreira (2011) no campo da Geografia Física, percebe-se uma maior adequação, tendo em vista que as produções científicas têm, em seus princípios, enfoques nas problemáticas físicas da paisagem e trazem os sujeitos de forma secundária. Isto é uma provocação para a Geografia Cultural que é repleta de valores subjetivos. Nesse sentido, buscou-se através da apresentação do Quadro 1, apreender um pouco das contribuições de vários estudiosos que abordam a categoria paisagem em suas diversas abordagens.

Desde a sistematização da Ciência Geográfica, a categoria paisagem tem adquirido diversas definições, sendo que estas podem variar de acordo com as diferentes abordagens no campo de conhecimento, nesse caso em específico, da Geografia. Santos (1996, p. 61) diz que a paisagem é “[...] tudo que nós vemos, o que a visão alcança, pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons [...] um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; [...]”. A paisagem natural é aquela intacta, que não sofreu influência, por outro lado a paisagem artificial contém características dessas transformações que são ocasionadas pela ação humana. Santos (1996) diz que,

[...] a paisagem artificial é transformada pelo homem; já grosseiramente, a paisagem natural é aquela que ainda não foi mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente já não existe [...] se um lugar não é fisicamente tocado pelo esforço do homem, ele é, todavia, objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas. (SANTOS 1996, p. 71).

A categoria paisagem envolve o passado, o presente e o futuro numa convivência de diferentes temporalidades. Por sua vez, a paisagem é visível e material, entretanto, poderá ser imaterial, o que vai depender do indivíduo que a observa, inclusive de suas capacidades perceptivas. Esses processos que envolvem a percepção e as constantes transformações acabam por revelar conceitos que passaram a existir quando verificam-se a interação entre o humano e a natureza, resultando nas constantes modificações na paisagem. As paisagens intocadas, mesmo sendo em quantidades insignificantes, presumem finalidades que visam o

econômico, e não a simples preocupação em preservar suas feições naturais.

A paisagem para a Ciência Geográfica não deve ser vista apenas como um objeto de estudo refletido e interpretado intelectualmente, mas, deve considerar as possibilidades sobre suas formas e funções, dentre isso, as relações que estão postas no cotidiano dos sujeitos, visto que esses elementos podem refletir de alguma forma as experiências ao longo do tempo. Para Collot (1990) a paisagem define-se como um espaço percebido, ou seja, constitui o aspecto visível e perceptível, embora não limite a receber passivamente os dados sensoriais, e a partir disso, pode-se organizá-los para lhe dar um sentido. Entende-se que essa visão da categoria é bastante abrangente, por que não está estancada apenas nas possibilidades de percepções que os olhos podem alcançar, vai além de acolher as informações recebidas.

Outro fator relevante à percepção são as constantes expansões das cidades, dos edifícios, das casas, das avenidas, das ruas, das praças, das indústrias, são elementos que interferem na dinâmica natural das paisagens e modifica os espaços de forma rápida. Para Claval (1999, p. 64) “[...] a paisagem desempenha um papel na aquisição de conhecimentos, de atitudes e de reflexos dos quais temos necessidades para viver, [...] cuja significação é apreendida”. Nessa discussão, pode-se reafirmar a importância em valorizar as paisagens, as questões que às vezes estão ocultas diante das relações humanas, dos valores e sentimentos particulares. No entendimento de Coelho (2011) colabora com o assunto e diz que,

[...] a paisagem em suas múltiplas possibilidades de enfoques permitem um olhar para a cidade que integra diversos aspectos sobre a relação sociedade-natureza, e, ao expressar os diferentes momentos da ação de uma cultura sobre o espaço [...] ao ser pensado como um momento de reconciliação frente aos conflitos e rupturas com os quais convive o habitante da cidade. A paisagem desde o início de sua apreensão como fenômeno visível esteve no centro do conflito entre objetivo e subjetivo sensível e factual, físico e fenomenológico, portanto, abordá-la em toda sua complexidade é estar ciente dessas tensões. (COELHO 2011, p. 13).

Foi somente nas últimas décadas do século XX que o conceito de paisagem assumiu perspectivas voltadas para questões que envolvem a cultura e, de certa forma, estão mais abrangentes. Deixou de ser apenas um singelo objeto de estudo para se tornar a materialidade da forma de vida do ser humano, que é constituída histórica e espacialmente pela sociedade em constante evolução. Segundo Tuan (1980) o conceito de paisagem, “[...] trata-se de uma imagem integrada, constituída pela mente e pelos sentidos”. Nessa

perspectiva, pode-se expor que a paisagem está repleta de sentimentos que possuem suas significações subjetivas em sua visão de mundo, o que depende de uma série de aspectos físicos e emocionais de quem a contempla. Bertrand (2007) expõe que,

[...] a paisagem não é simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto, instáveis de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reage dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, uma perpetua evolução. (BERTRAND, 2007, p. 02).

Seguindo esse pensamento, a paisagem pode representar além do que os olhos ver e alcançar permite inclusive, atingir experiências individuais, visto que é percebida por meio das particularidades emocionais dos indivíduos nas mais diversas maneiras de vivenciar o mundo, levando em conta alguns fatores como, estado de espírito, ponto de observação dentre outros elementos que são capazes de contribuir de forma positiva ou não para a concretização da percepção. Rocha (2003) complementa o assunto e diz que “[...] as pessoas têm experiências agradáveis ou desagradáveis dos lugares, espaços, paisagens, mesmo não conhecendo nada de Geografia, como uma ciência formal”.

Para finalizar esta seção, diz-se que a experiência de vida dos indivíduos constitui uma ligação com o lugar vivido levando em conta as ações existentes no cotidiano. Nesse sentido, a paisagem culturalizada que está exposta os lugares vem reforçando a ideia do transitório, visto que as paisagens têm mudado suas formas em passo acelerado. Esses fatores envolvem o ser humano por meio de um conjunto de manifestações que podem ser afetivas e/ou cognitivas, e essas relações são construídas ao longo do tempo no lugar vivido. Diante disso, é essencial que os indivíduos vivenciem o lugar onde está inserido, porque é nele que se tem a possibilidade maior em perceber as paisagens. Em seguida, será discutida a importância da categoria paisagem vista por meio do urbano, no dia a dia dos indivíduos.

2.4 Um olhar sobre o urbano: percepção de paisagem

No campo da Ciência Geográfica a categoria paisagem tem evoluído conforme as necessidades que foram surgindo no decorrer do tempo histórico e também do método

adotado para as pesquisas na Geografia e demais áreas do conhecimento, considerando as diferentes abordagens dos pesquisadores. Diante dessas exposições é imprescindível pensar, definir e apreender a paisagem de acordo com as múltiplas visões de mundo, inclusive as inquietações dos indivíduos perante suas experiências de vida em um determinado lugar. É válido dizer que para perceber a paisagem pode-se levar em conta às influências culturais, sociais e discursivas de cada um, ou seja, vai depender da visão e das experiências de vida adquiridas ao longo do tempo. A seguir tem então a contribuição de Lynch (1960) diz que,

[...] contemplar cidades pode ser especialmente agradável, por mais vulgar que o panorama possa ser. [...]. Tal qual uma obra arquitetônica, a cidade é uma construção em grande escala, algo perceptível no decurso de longos períodos de tempos. O design de uma cidade é assim uma arte temporal, mas raramente pode usar as sequencias controladas e limitadas de outras artes temporais. [...] A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado. [...]. Não somos apenas observadores deste espetáculo, mas sim uma parte ativa dele, participando com os outros num mesmo palco. A nossa percepção não é integral, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências. (LINCH, 1960, p. 11).

A percepção¹² da paisagem consiste dentre outros elementos, nas diversas possibilidades em percebê-la, seja através da visão, do tato, do olfato, da audição enfim, a realidade que caracteriza o olhar de cada sujeito. Concomitante a isso, a percepção pode ser entendida conforme a individualidade do observador e sua capacidade de interpretação que ocorre através dos cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão), os quais irão detectar estímulos que definirão o processo de estruturação e a possibilidade de reestruturação de conceitos e atitudes. Para Bernayas Alamo (1994, p. 17) “[...] el hombre, a pesar de que percebe el mundo simultáneamente con todos sus sentidos, puede considerarse como un animal preferentemente visual”, isto é, dos cinco sentidos, o ser humano tem a visão como principal via de acesso, na aquisição de informações. Durante o processo perceptivo estas características são instrumentos na compreensão das relações do ser humano frente às alterações das paisagens.

¹² A percepção é um processo cognitivo e ativo de leitura e interpretação do mundo. Podem revelar-se ideias, imagens e impressões que determinados sujeitos, grupos possuem sobre algo, considerando que os indivíduos possuem necessidades, valores, interesses e expectativas diferentes. RÊGO E FERNANDES (2012).

Em termos gerais, o espaço físico das cidades, sendo construída e habitada, possibilita a percepção visual da paisagem urbana. A modesta atitude de caminhar pelas calçadas, brincar nos parques e praças, a interação com as variadas informações visuais presentes nos símbolos da paisagem urbana faz com que haja envolvimento com o lugar vivido na forte relação entre ser humano e o cotidiano nas relações entre o residente e o transeunte. A paisagem é própria, imediata, pode ser calcada no cotidiano e na expressividade da vida social. É neste cenário que se acredita existir possibilidades em igualdade para todos, e com base nesses pressupostos que são estabelecidas as formas de vivências expressas nas atitudes simples, como e de perceber a paisagem que faz parte do dia a dia no lugar vivido. Segundo Gómez Ortiz (2001) a paisagem tem despertado interesse, estimulado pela,

[...] “filosofia ambientalista, de calidad de vida, sobre todo, cuando el paisaje se interpreta desde determinados colectivos humanos, particularmente los instalados en las ciudades, que sienten una necesidad creciente de disfrutar del paisaje, interpretado éste como espacio escasamente deteriorado y definido, sobre todo, por sus valores naturales y estéticos.” (GÓMEZ ORTIZ, 2001, p. 24).

Concomitante a isso, a paisagem urbana é formada pelas cores, pelas imensas possibilidades de informações que são transmitidas a partir da observação por meio das diversas formas de olhar, seja para a vegetação, os fios elétricos, o relevo, os edifícios, as casas, as praças, entre outros elementos. De maneira geral, esses processos são estimulados pelos diferentes níveis perceptíveis que norteiam as capacidades individuais para se concretizar a percepção frente aos elementos que a compõe as paisagens e que estão presentes no cotidiano. Nesse contexto, a categoria de paisagens é importante no que se refere à atitude de perceber, visto que alguns valores, significados e costumes de uma dada cultura se fazem presentes nos referenciais que se cristalizam no tempo vivido, e com isso, regulam as relações de convivência que resgatam as experiências de mundo vivido, visando à compreensão de suas formas, bem como armazenar referências numa convergência de realidades experienciadas.

Com embasamentos em Rego e Fernandes (2012) as paisagens urbanas têm origens na sucessão de inscrições materiais e imateriais que ao longo do tempo modelam o espaço geográfico. A dinâmica da paisagem pode contribuir com as necessidades funcionais, resultantes de valores e concepções culturais de uma sociedade, num certo período de tempo

em um dado lugar. No conjunto formado pelas paisagens acrescentam-se elementos em dimensões que vão do visual ao sonoro, dos quais se mostram como resultado uma rede de informações que emergem paisagens que estão a cada dia transformando suas formas para atender os interesses do capitalismo. Para Silva (2011, p. 49) “[...] o Capitalismo é um vetor primordial nas mutações das paisagens urbanas. [...] encontra sua sustentação no processo de produzir e fazer consumir para continuar produzir mais e lucrar mais”. Sendo que, o capitalismo é apenas um dos fatores que alteram e produção das paisagens.

A partir dessas concepções, a paisagem urbana pode ser entendida como um complexo de paisagens naturais (em pequenas proporções) e culturais, sendo que se misturam entre si. Essas transformações a que são submetidos os seus componentes naturais variam de acordo com as exterioridades culturais, econômicas e sociais, e refletem nas diferentes maneiras de perceber dos indivíduos no sentido de vivenciar a paisagem do cotidiano. Na concepção de Lynch (1960) os elementos da paisagem urbana podem referir-se a formas físicas que são passíveis de uma classificação conveniente em cinco tipos: vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes, dentre outros elementos existentes em uma cidade, haja vista que se apresentam como parte integrante da paisagem urbana. Para corroborar com a discussão, Soares (2012) diz que,

[...] uma cidade conversa com seus habitantes num código de linguagem que é em si mesmo a própria fala sobre os homens. Os nomes das ruas, o desenho urbanístico, a estética da construção, a lógica da distribuição dos arranjos, do que falam seus aspectos senão de modos de existência dos homens? (SOARES, 2012, p. 186).

Seguindo esse raciocínio, as constantes modificações na paisagem urbana estão presentes nos lugares do cotidiano, o que acaba por revelar sujeições à vida no urbano, e cede lugar às especulações. Percebe-se que as cidades estão crescendo de forma acelerada, e com isso, vem transformando impiedosamente suas paisagens, e torna-se provisório o nome das ruas, que na maioria dos casos depende do arranjo de seus gestores em homenagear indivíduos que julgam ser admiráveis. Tais situações evidenciam as condições culturais, políticas e sociais com a qual “planejam”, e edificam as cidades. Carlos (2007a, p. 38) diz que, “[...] estamos diante de uma nova noção de tempo, no qual os lugares de passagens – ruas e avenidas – mudam constantemente de significados e de denominações, vem sendo

considerados mais importantes que os lugares de morar, de encontro, de festa”. Ainda sobre o assunto Schimdlin (2006) profere que a paisagem urbana é pluralista, eclética e é derivada de diversas fontes. A paisagem que percebemos, é, portanto, heterogênea, visto que os indivíduos nela inseridos estão em movimento. Lynch (1960) confirma e diz que,

[...] a paisagem urbana como lugar público, é repleta de informações que são impressas em suas ruas e avenidas, praças edificações, monumentos. As informações também estão presentes na comunicação em massa, em cartazes e anúncios publicitários, nas placas de trânsito, no transporte urbano, nos sinais gráficos, nas pinturas e texturas agregadas a parte externa dos edifícios, ou, ainda, nas composições de parques e praças que contemplam monumentos e obras publicas. Entretanto, “não somos apenas observadores deste espetáculo, mas sim uma parte dele, participando com os outros num mesmo palco”. (LINCH, 1960, p. 12).

O autor coloca uma infinidade de possibilidades para a paisagem urbana, e essas informações podem estar presentes por todos os lugares da cidade, basta que o olhar seja direcionado para perceber suas formas paisagísticas. Lynch (1960) expõe que, enquanto sujeitos, estamos inseridos nesse conjunto, não somente como expectadores, mas como integrantes participativos desse processo. O agitado cotidiano repleto de informações em escala global desfavorece os indivíduos no sentido de não perceberem as paisagens em sua volta, o que pode causar a sua desvalorização. A atitude de contemplar paisagem é essencial, haja vista que desperta nos indivíduos interesses pela percepção do lugar vivido, e isso, pode agregar valor aos costumes, tradições entre outros elementos que fazem parte do cotidiano.

De maneira geral, os indivíduos que vivem em uma cidade têm possibilidades e capacidades de elegerem seus signos, atitude essa realizada de forma espontânea ou não, esses valores podem representar os anseios, as inquietações, os amores, as lembrança de momentos em referência a paisagem urbana, ou seja, paisagens que de uma forma ou outra permitem aos sujeitos melhor identificar o lugar vivido. Esses signos constituem-se em símbolos que trazem à memória, algo do passado ou mesmo do presente. De acordo com Rocha (2003, p. 92) a paisagem “[...] traz à memória um amor que passou uma decepção que o amargurou, uma história de lutas, de grandezas, de sofrimentos, de glórias, de fracassos, da cidade que o acolheu desde que nasceu ou como um forasteiro, inserindo-o em seu seio”. Sobre o assunto Soares (2012) enfatiza que,

[...] as imagens se proliferam, organizando realidades descontínuas [...]. Por essa multiplicidade potencial de mutações rápidas e ininterruptas. Assim, a cidade para Calvino, é, sobretudo, o “lugar onde todo o possível é convocado”. É nesse sentido que Benjamim declara: “a cidade na qual os homens se exigem uns aos outros sem trégua em que compromissos e telefonemas, reuniões e visitas, flertes e lutas não concedem aos indivíduos nenhum momento de contemplação – cidade se vinga na memória, e o véu latente que ela tece na nossa vida mostra não tanto as imagens das pessoas, mas, sobretudo, os lugares os planos onde nos encontramos com outros ou conosco.” (SOARES, 2012, p. 180).

Sob esse raciocínio, a percepção pode ser entendida como parte das ações que são desempenhadas pelos indivíduos sobre as paisagens e lugares. Para Oliveira (1979) afirma que a percepção não pode ser estudada isoladamente, nem ser separada da vida das pessoas, da mesma forma em que é imprescindível o envolvimento dos sujeitos com o processo de efetivação, porque se leva em conta a visão de mundo, o sexo, a cultura, as experiências entre outros subsídios para que processo se concretize. Para Rocha (2003, p. 38) “[...] a partir das premissas fenomenológicas, a chamada Geografia da Percepção passou a estudar o espaço, a paisagem e os lugares, tendo em vista, também, a experiência e vivência de seus moradores”. Tem-se a possibilidade de alcançar a imagem de várias cidades dentro de uma única cidade.

No entendimento de Cavalheiro (1991) e Monteiro (2000) concordam no sentido de que a paisagem urbana pode ser entendida como um emaranhado composto de paisagens naturais e culturais, sendo que apresentam alguns resquícios ainda ditos naturais. As transformações destes elementos variam de acordo com o tempo e o lugar e com as diferentes formas que se tem em perceber e vivenciar as paisagens, sendo que essas configurações evidenciam mais precisamente histórias de vida e são condicionadas por fatores de ordens culturais, sociais e econômicos. Para tanto, as paisagens construídas ou naturais podem ter infinitas definições, se apresentam em configurações positivas ou negativas diante da sociedade, o que depende de seu observador. Para Corrêa e Rosendhal (2007) dizem que,

[...] a paisagem urbana permite múltiplas leituras a partir de diversos contextos histórico-culturais, envolvendo diferenças sociais, poder crenças e valores. A paisagem (urbana) pode conduzir conforme apontam Daniels e Cosgrove (1998), a uma instabilidade de significados havendo a inversão e a reciclagem dos signos e símbolos [...] a paisagem constitui “parte do conjunto compartilhado de ideias e memórias e sentimentos que une uma população”. (CORRÊA; ROSENDHAL, 2007, p. 179).

Nesse entender, a paisagem urbana está em constante transformação, devido a esse fator, entre outros, fica mais difícil para os indivíduos guardá-las na memória levando em conta o agitado cotidiano que contribui para tal. Cabe salientar que a paisagem urbana não se apresenta somente como um resultado do decorrer do tempo em uma determinada sociedade, suas funções organizacionais vão além das aparências visíveis. Segundo a UNESCO (1972) a paisagem urbana é a área apreendida como sendo o resultado de uma estratificação histórica dos valores e atributos culturais e naturais que se estendem além da noção de "centro histórico"¹³ incluindo o contexto urbano mais amplo e a sua localização geográfica.

Seguindo esse pensamento pode-se compreender a paisagem urbana como algo que ultrapassa a região central das cidades, visto que, estende-se para os bairros e abrange maior amplitude no sentido de espaço, relações essas que são emaranhas pela complexidade da vida em sociedade. Para Lynch (1960, p. 123) “[...] a cidade não é construída apenas para um indivíduo, mas, para uma grande quantidade de pessoas muito grande, com precedentes altamente variados, temperamentos diversos de diferentes classes, com desiguais ocupações”. Para pensar a paisagem urbana de maneira ampla, esta abrange diversos aspectos que moldam suas formas, bem como a intensidade que os indivíduos vêm transformando-a. Colaborando com o assunto, Rocha (2003) diz que,

[...] a cidade é o cenário sob o qual o ser humano vive, age, reage, transforma, constrói, reconstrói. É principalmente nas cidades que as ideias, as ações e reações são publicadas – é a publicidade; onde as pessoas sofrem reveses causados pela vida econômica, pela política – é a atrocidade; onde o que acontece logo é espalhado pela imprensa falada, escrita, televisiva, virtual – é a velocidade; onde a pobreza extrema impera, tornando os seres humanos subhumanos – é a mendiciadade; onde o que ontem era moda, era importante, hoje tem pouca ou nenhuma importância; onde as coisas caducam, ficam fora de moda com rapidez, é a fugacidade; onde as festas e o lazer tiram as pessoas da rotina, a prece eleva a alma do religioso a Deus – é a felicidade; onde o roubo, a mentira, a falsidade imperam – é a capacidade; onde as pessoas podem sentir amor, atração ou repulsa, desconforto, a chamada topofilia – é a geograficidade. (ROCHA L. 2003, p. 20).

No cotidiano, os indivíduos de uma cidade são surpreendidos a cada dia com as várias possibilidades de contemplação das paisagens, pelas mudanças e nuances a que são

¹³ Essa noção de “centro histórico” refere-se à região central das cidades, ou seja, o lugar localizado no “centro da cidade”, a forma como são denominados esses lugares depende de questões regionais. UNESCO, (1972).

submetidas à paisagem urbana, e isso, acaba exigindo um olhar sempre atento e sensível. Nesse entender, o ato de perceber para Santaella (1984, p. 68) “[...] é interpor uma gama interpretativa entre a consciência e o que é percebido”. A paisagem pode ser percebida sob diferentes ângulos, o que varia de acordo com uma série de probabilidades para quem observa. O ponto de vista, o estado de espírito em conjunto com a escala do ponto de observação influencia nesse processo, por outro lado, pode ser prazerosa para alguns e melancólica para outros, logo, reafirma-se que as capacidades de percepção são singulares.

Nessa discussão, é válido que tenhamos sempre as melhores compreensões dos diferentes elementos que compõe a organização espacial no meio em que vivemos, haja vista a essencialidade que a paisagem seja estudada, não somente a partir de suas feições superficiais. Sendo assim, os significados que representa para os sujeitos, a maneira como é percebida no cotidiano é bastante significativo. Vale dizer que a Ciência Geográfica possui fundamentos teórico-metodológicos e filosóficos capazes de contribuir com uma leitura crítica do mundo subjetivo expresso no dia a dia e nas relações com outros indivíduos, de modo que os sujeitos ao observarem uma paisagem, podem não somente identificar seus exteriores, mas compreender toda estrutura que a constrói e reconstrói num determinado tempo na história, de formas visíveis ou invisíveis aos nossos olhos.

As cabíveis possibilidades de interações com as diferentes formas de perceber as paisagens, sendo estas admiráveis ou não, têm como fator primordial em oferecer significados e valores essenciais para a vida dos indivíduos em suas relações com a sociedade entendida como um todo. Cada pessoa tem uma imagem de sua cidade, e isto, tem a ver com a forma como ela a percebe, como nela vive como nela se sente, pois “[...] tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência, sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada.” (PONTY 1993 apud ROCHA 2003, p. 36). Ressalta-se que os sujeitos precisam partir primeiro do local conhecido, vivido para posterior ir de encontro com a realidade universal.

Não pode ser atribuído ao ser humano, individualmente, à responsabilidade das transformações das paisagens, mesmo que grupos com fortes interesses econômicos transformam de forma muito rápida a superfície terrestre. Atualmente, percebe-se maior preocupação maior com os fatores econômicos. Desse modo, o cultural que envolve as questões subjetivas no dia a dia é pouco lembrado. Segundo Claval (1999) não está em

discussão somente a analogia humano/natureza na paisagem, inclusive todo conjunto que compõe as paisagens, os símbolos, os sentimentos e as complexas relações atribuídas ao cotidiano, o que resulta no entendimento que a paisagem é uma representação cultural. Por outro lado, constitui na realização e materialização de ideias dentro de determinados sistemas de significação, sendo culturalizada não somente pela ação humana, também, pelo sistema de pensar diante do que é percebido e entendido.

Nessa seção, discutiu-se a consolidação da Geografia, de acordo com as correntes do pensamento geográfico, seus principais nomes, um pouco da Geografia Humanística, seus valores, tratou-se da importância da Geografia Cultural para a pesquisa, inclusive o método fenomenológico foi destacado, a categoria lugar na Ciência Geográfica, segundo a abordagem de teóricos que estudam o assunto, o termo topofília foi mencionado, visto que, a investigação buscou em seus fundamentos respostas essenciais para a concretização desse estudo. Foi abordada a categoria paisagem na Geografia, seus conceitos, discussões e definições com embasamentos em autores que versam sobre esse tema, e por fim, a percepção da paisagem sob o ponto de vista do urbano. As análises foram amparadas em renomados nomes, com suas respectivas temáticas, uma vez que o presente estudo abarca vários assuntos. A seguir têm-se os caminhos metodológicos, ou seja, a exposição dos passos que a pesquisa trilhou.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: caminhos da pesquisa

“A importância do “lugar” para a Geografia Cultural e Humanista é, ou deveria ser, óbvia, como em um único e complexo conjunto - enraizado no passado e incrementando-se para o futuro - como símbolo, o lugar clama pelo entendimento humanista” (Tuan, 1974, p. 142).

No sentido de prosseguir com a investigação, apontam-se os caminhos que a pesquisa trilhou, dentre eles em especial, estudos que envolvem a percepção da paisagem. Segundo Del Ryo (1996) não há uma metodologia ou um instrumento de mediação que possa ser considerado o mais indicado. Embora grande parte do processo de construção da pesquisa ter sido fundamento em estudiosos da Geografia Humanística utilizou-se, igualmente, de autores de outras correntes do pensamento. Para Sartori (2000, p. 150) “[...] as técnicas de investigação tenham se ampliado nos últimos anos, há ainda muito a ser testado e explorado nos estudos de percepção, dada a variedade e complexidade dos problemas e fatos a investigar”. No âmbito cultural, a Geografia se coloca como apropriação de procedimentos que visam introduzir possibilidades de transformações e de pensar a vida para além da reprodução econômica, colocando o homem e sua cultura em primeiro plano.

O método e a metodologia aplicados na construção de uma pesquisa estão pautados inclusive, nas influências culturais, sociais, políticas e na compreensão de cada um em especial. Nessa perspectiva, é essencial que a opção seja apreendida pela preocupação do real constituinte desse processo durante a investigação. Com base em Alves (2008) o “[...] o método é a forma mais segura de obter resultados a partir de uma teoria como fundamento, como exemplo, o método dialético, positivista, fenomenológico, hermenêutico entre outros”. Nesse sentido, a elaboração da pesquisa vale de distintos momentos, não seguindo uma linearidade, e procurou-se aprovar os objetivos indicados de forma satisfatória. Sendo que esses procedimentos foram estabelecidos durante construção desse estudo.

Haja vista que as pesquisas no campo da Ciência Geográfica, nos últimos tempos, tem se tornado aliada essencial na produção do conhecimento geográfico por alcançar outras realidades referentes às diversas temáticas que essa ciência pode abranger, nesse caso, em específico, no que diz respeito às questões subjetivas de mundo vivido dos indivíduos. Fatores esses que envolvem os sentimentos, as experiências de vida e seus respectivos valores. Por

outro lado, as técnicas de pesquisa abarcam infinitas possibilidades que podem ser aplicadas para contribuir com a investigação. Como exemplo, têm-se as entrevistas, as conversas informais, as fotografias, dentre outros elementos que auxiliam o pesquisador a compreender as relações que estão de certa forma intrigadas nesses procedimentos.

Posterior às discussões realizadas até o momento, aponta-se os procedimentos metodológicos que foram seguidos, ou melhor, os caminhos percorridos para se chegar à conclusão do estudo, dentre eles, destaca-se: a) pesquisa teórica; b) pesquisa documental; c) pesquisa de campo, que contempla as entrevistas e os registros fotográficos; d) pesquisa de laboratório, que abarca a interpretação e análise das entrevistas para a obtenção dos resultados. Posterior, será discutido de forma detalhada cada um dos procedimentos mencionados.

Para a composição da estrutura teórico-conceitual de uma pesquisa é essencial realizar análises que podem principiar-se a partir do tempo e do espaço, visto que esses processos poderão conduzir as performances da pesquisa, e constitui inclusive, uma maneira de nortear o pesquisador diante das etapas do estudo. Com embasamentos em Mendes e Pessoa (2009) a pesquisa teórica tem como papel fundamental oferecer subsídios à interpretação da realidade percebida, e a partir disso, identificar e representar os fenômenos socioeconômicos e culturais responsáveis pela manifestação de determinados eventos.

O processo de construção do estudo envolveu revisões de literatura pertinentes à temáticas em que a pesquisa compreende, sucinto histórico da consolidação da Geografia, das categorias de paisagem e lugar, percepção da paisagem e topofilia, entre outros. Sendo que tais revisões de literatura constituíram-se: pesquisas em bibliotecas, sites que trazem teses, dissertações, artigos que abordam a categoria de paisagem, paisagem urbana, percepção e topofilia, passos essenciais para subsidiarem a construção do estudo, dentre outros autores utilizados destacam-se: Ritter (1799-1859); Humboldt (1769-1859); Lynch (1960); Tuan (1980, 1983); Capel (1981); Bley (1982); Buttner (1985); Mello (1990, 2005, 2012); Bachelard (1974); Del Rio (1996); Ponty (1994); Gomes (1996); Holzer (1996, 1997, 1999); Santos (1996, 2006, 2008) Sauer (1998); Goof (1998); Mendoza (2002); Claval (1999, 2008, 2013); Troll (2002); Rocha (2003); Spósito (2004); Corrêa e Rosendhal (2003, 2007); Bertrand (2007); Carlos (2007a, 2007b); Marandola Jr.(2012); Oliveira (1979, 1996, 2001, 2012), entre outros que contribuiram para a discussão.

Em se tratando da pesquisa documental, pode-se mencionar que uma de suas principais funções é a de contribuir para a discussão dos questionamentos que foram propostos para o campo, e logo, nortear os caminhos ao longo da construção da investigação científica propostos para essa etapa. Sendo que, constitui de essencial valor para responder as possíveis indagações que por ventura surgirão. Outro fator de grande valia são as ferramentas adotadas, as proposições teóricas assumidas, principalmente, a atitude do pesquisador diante do seu compromisso com a pesquisa, os aspectos empreendidos e os princípios de orientação que foram estabelecidos anteriormente para o andamento do estudo.

Os documentos podem trazer informações importantes, especialmente as fontes primárias como jornais, revistas, relatórios técnicos, artigos em revistas científicas, anais de congressos, documentação pessoal (diários, memoriais), arquivos oficiais e particulares, e outros em fonte secundária que podem colaborar no processo e fundamentação das discussões. O Museu Cornélio Ramos, a Casa da Cultura e a biblioteca digital foram examinados para obter informações. As conversas informais serviram para enriquecer a pesquisa, com as visitas teve-se a oportunidade de apreender um pouco mais sobre a cidade de Catalão, por meio de documentos e fotografias. Inclusive, durante a realização da pesquisa de campo foram obtidas fotografias dos pontos selecionados, posterior serão analisados.

Com base em Marangoni et al. (2005) o uso de questionários não está restrito a uma corrente filosófica, é independente do propósito do estudo e das características do objeto em análise. Diante disso, os dados quantitativos podem servir para o propósito de obter informações qualitativas. Para Mendes e Pêsoa (2009) descartam-se perguntas cuja utilidade não se confirme, porque cada pergunta que não se refira ao tema do trabalho resulta em perda de tempo, o que prejudica a análise dos resultados. O cuidado no tratamento das informações é essencial para a fidelidade dos resultados que se pretende. Luna (2005) expõe que,

[...] informações tratadas resultam em dados, e o procedimento para isto é extremamente dependente do referencial teórico, que deve ter condicionado a natureza das perguntas formuladas que, por sua vez, delimitaram o tipo de informação a ser obtido, e assim por diante. (LUNA, 2005, p. 64).

Cabe dizer que durante o tratamento dos dados obtidos com a pesquisa de campo, é necessário ter cuidado e postura como pesquisador inclusive, compromisso com a transparência dessas informações no processo de análise para se chegar aos resultados de

maneira clara. Segundo Mendes e Pessoa (2009) os dados obtidos trazem as respostas para o que se espera, porém, um grande volume de informações, tratado na ausência de unidades prévias, implica numa quantidade considerável de ambiguidade de interpretações, o que aumenta as incertezas da análise.

O trabalho de campo foi realizado nos meses de setembro, outubro e novembro de 2013. Para Gobbi e Pessoa (2009) o trabalho de campo não deve concentrar-se somente na coleta de dados que sejam expressos por meio de percentuais, tabelas e gráficos. É preciso ir além para extrair dos envolvidos elementos às suas visões de mundo, hábitos, tabus e vivências. Na elaboração da entrevista alguns critérios foram considerados: entrevistar sujeitos com idade superior a 18 anos, este fator por acreditar que os indivíduos precisam ter certo tempo de vivência em um determinado lugar para contribuir no processo da percepção; entrevistar indivíduos de ambos os sexos, sendo favorável no sentido de equilibrar as amostras; residir na cidade há mais de cinco (05) anos, acredita-se que é tempo essencial para adquirir experiências em relação ao lugar vivido, pois a visão do visitante é diferente, levando em conta a concepção de quem vive num determinado lugar há algum tempo. (TUAN, 1980).

No que se refere à idade superior a 18 anos, justifica-se pelas ideias de Tuan (1980) a paisagem não tem muito significado para uma criança, sendo que, ver a paisagem requer antes de tudo capacidades de fazer distinções entre o eu e os outros, o que para o autor é uma habilidade pouco desenvolvi em crianças de (06) seis ou (07) sete anos. Para Bley (1982) a *“Percepção do Espaço Urbano: o Centro de Curitiba”* o autor fez opção por indivíduos maiores de dezesseis anos, pois já adquiriram vivência suficiente para caracterizar o lugar de seu estudo. Nesta pesquisa optou em entrevistar sujeitos com idade superior a dezoito anos, por confiar igualmente nas ideias de (TUAN 1980; BLEY 1982).

A pesquisa de laboratório foi realizada a interpretação das informações das entrevistas, inclusive seleção das fotografias dos pontos escolhidos para a coleta dos dados, sendo que fotografias de outros lugares da cidade foram incluídas no estudo, como exemplo, tem-se as Fotos 1 e 2, da Praça Getúlio Vargas, mesmo não sendo um lugar escolhido para aplicação das entrevistas, optou por representá-la através de fotografias, pelo seu valor simbólico. Para auxiliar no tratamento dos dados obtidos, Mendonça e Venturi (2005) dizem que as técnicas de laboratório exercem três papéis essenciais na pesquisa sendo,

[...] em primeiro lugar, elas podem auxiliar no preparo do trabalho de campo, isto é, no planejamento das ações baseadas em um conhecimento prévio da área de estudo. Essas ações podem envolver providências como o estabelecimento de contatos com interlocutores, o levantamento cartográfico e bibliográfico, além de inúmeras outras, sempre atreladas aos objetivos do trabalho. Em segundo lugar, auxiliam no tratamento das informações trazidas do campo, quaisquer que sejam sua natureza: amostras de solo, formulários de questionários, registros fonográficos ou videográficos, entre outros; tudo isso deverá ser sistematizado de alguma forma. O uso de técnicas de laboratório pode criar simulações de situações reais cujo controle é mais eficiente do que em campo. (MENDONÇA; VENTURI, 2005, p. 13).

Com a interpretação das informações têm-se os resultados, ou seja, os produtos finais, como mapas, quadros, gráficos e tabelas que fazem parte de resposta das indagações alocadas na investigação. Segundo Mendes e Pêsoa (2009) a pesquisa de laboratório promove um contato controlado com a realidade, muitas vezes intermediado por instrumentos.

em um sábado a tarde, período em que o comércio se encontrava fechado. O lugar sendo assim, dentre estes materiais, dentre os mais relevantes são mapas, imagens, arquivos digitais, procedimentos analíticos, melhor adaptam as propostas dos estudos. Em seguida têm-se as Fotos 1 e 2, da Praça Getúlio Vargas, ou “Praça do Coreto” a mesma constitui um marco referencial da cidade de Catalão. Ressalta-se que essa praça não foi selecionada para a aplicação das entrevistas, á mencionamos aqui no sentido de ser para o Plano Diretor (2002) um dos locais mais conhecidos pelos moradores e visitantes da cidade, entre outros fatores.

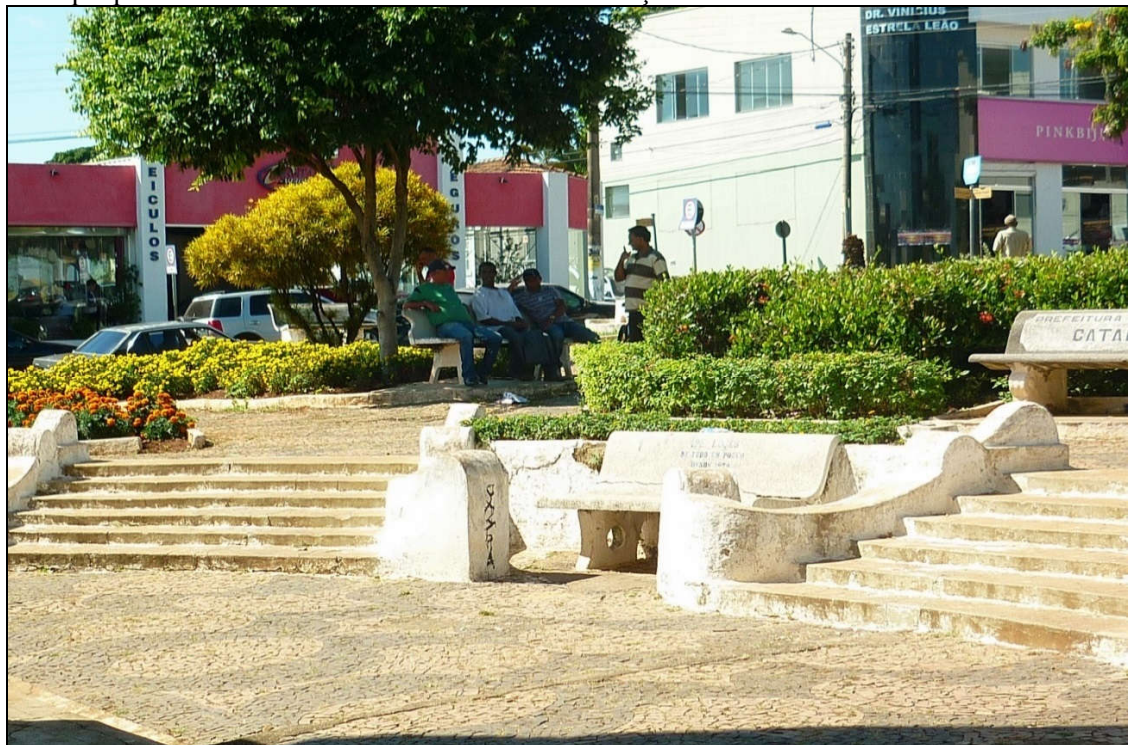
Na Foto 1, tem-se a “Praça do Coreto” – como é conhecida – esta imagem não tem presença de indivíduos, pois foi captada ficou por algum tempo esquecido pela Prefeitura Municipal de Catalão (PMC). Com a sua reurbanização tem atraído maior número de sujeitos, visto que é um lugar agradável para conversar, ou simplesmente ver o tempo passar e relembrar momentos. Pode-se dizer que a Praça Getúlio Vargas encanta seus visitantes, com seus canteiros floridos, possui uma diversidade de flores e cores Foto 2, o que contribui para que o lugar seja frequentado pelos moradores do Setor Central e demais bairros da cidade. Logo, tem-se as (Fotos 1 e 2), respectivamente da Praça Getulio Vargas em Catalão.

Foto 1 - Catalão (GO): vista parcial da Praça Getúlio Vargas, “Praça do Coreto” – 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., de. (2011).

Foto 2 - Catalão (GO): vista parcial da Praça Getúlio Vargas, presença de sujeitos em grupo, fator que pode contribuir no sentido de manter as tradições de cidades interioranas – 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., maio (2013).

Segundo o Plano Diretor (2002) a Praça Getúlio Vargas é símbolo visual da cidade, possui adequada estrutura física, porém, sem atividades que chamam a atenção dos indivíduos para o lugar. A praça raramente é palco de eventos, tais como: recitais e teatros, entre outras atividades que poderiam despertar o interesse dos sujeitos em frequentar o local. No fim do ano de 2013 a PMC foi realizada a “Cantada de Natal” composta por uma orquestra de violão, entre outras atividades próximas ao dia 25 de dezembro de 2013, esse evento conduziu vários sujeitos a prestigiarem as apresentações. Nas proximidades há uma (01) unidade do Banco Itaú, uma (01) do Banco Bradesco S/A e uma (01) do Banco Mercantil do Brasil, além de várias lojas com comércio diversificado, além do segmento da alimentação.

Em continuidade, na ocasião das visitas pré-campo, foi observado que indivíduos, inclusive com mais experiência de vida, sentam-se nos bancos da praça para contemplarem a paisagem. Ocasões essas que trazem a possibilidade de recordar os momentos em que a praça era referência de uma comunidade que aos poucos tomou as formas de cidade contemporânea. As festas, os recitais, os encontros informais, o cinema que funcionava nas proximidades, os eventos religiosos que o lugar abrigara, foram, com passar dos anos, cedendo espaço para o “novo”, mesmo com as transformações da paisagem, as marcas do passado permanecem na memória dos moradores e visitantes (conversa informal)¹⁴. Para o Plano Diretor (2002, p. 57) a “[...] zona central está cheia de aspectos marcantes, cada um deles com seu nome e a sua história”. A subseção a seguir apresenta as discussões sobre os seis (6) pontos escolhidos na cidade de Catalão para a aplicação das entrevistas.

¹⁴ Nos meses de abril e maio de 2013 foram realizadas visitas nos (06) seis pontos escolhidos e demais lugares na cidade, e nessa ocasião, tivemos conversas informais com vários moradores.

3.1 Seleção dos pontos para entrevistas: algumas discussões

Em sequência, indicam-se os pontos selecionados para a aplicação das entrevistas, haja vista que estes (06) seis locais se encontram em diferentes lugares na cidade. Esses pontos foram escolhidos de acordo com características específicas e individuais, de forma que atendessem a algumas expectativas, como por exemplo, o lugar deveria ser frequentado por certo número de indivíduos, no sentido de possibilitar a aplicação das entrevistas, (as explicações para a escolha desses pontos serão pontuadas a seguir no decorrer das exposições de cada um, especificamente). Concomitante, fez-se opção em selecionar locais com a presença de indivíduos de vários bairros da cidade, particularmente por suas funcionalidades.

Inicialmente, optou-se por aplicar as entrevistas em lugares como o Morro da Saudade ou Morro de São João, Foto 3, e Morro das Três Cruzes ou Morro da “antiga rodoviária”, Foto 4, por serem considerados cartões postais da cidade, pontos focais e pontos marcantes da cidade (PLANO DIRETOR, 2002). Com as visitas pré-campo para a aplicação teste das entrevistas nos pontos previamente selecionados, realizadas com a finalidade de observar se esses lugares teriam condições, mesmo sendo feitas em diferentes horários, deparamos com algumas dificuldades, logo, a confirmação de que seria improvável que as entrevistas fossem aplicadas no Morro da Saudade e Morro das Três Cruzes. Um dos motivos, infelizmente, se refere às condições físicas de quase abandono que se encontra os dois lugares. Inclusive, porque a maioria dos frequentadores são transientes, fato confirmado em conversas informais. A seguir as (Fotos 3 e 4), Morro da Saudade e Morro Três Cruzes.

Foto 3 – Catalão (GO): vista parcial do Morro da Saudade a partir do Ginásio Internacional, em primeiro plano tem-se a represa clube do povo – 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., de. (2013).

Foto 4 – Catalão (GO): vista parcial do Morro Três Cruzes a partir do morro de São João - 2013.

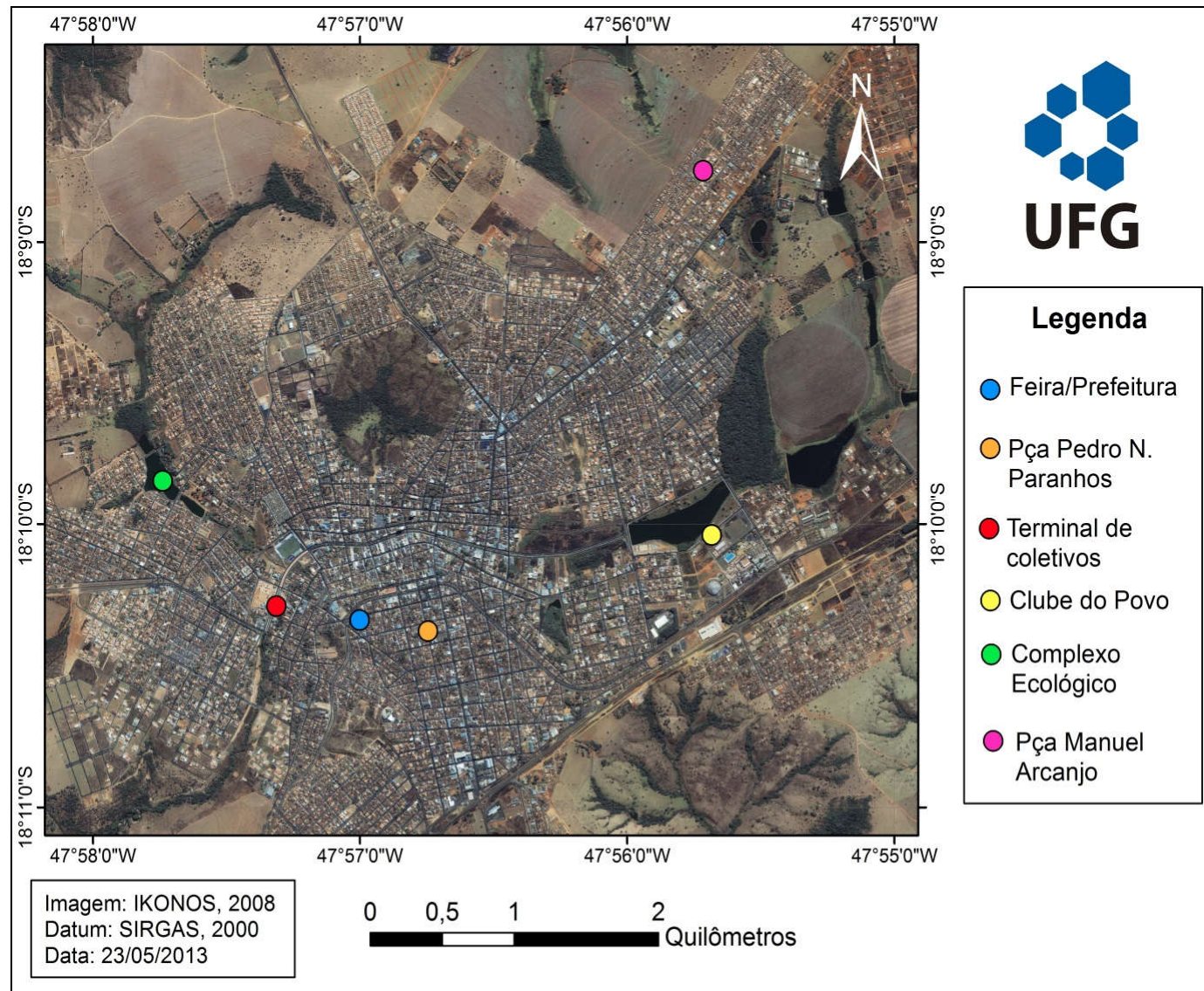


Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R. de. (2014).

Em seguida apontam-se os pontos escolhidos para a coleta dos dados, o primeiro ponto é uma feira de hortifrutigranjeiros que acontece as terças e sextas-feiras na Rua Margem Estrada de Ferro entre a PMC e os trilhos da Ferrovia Centro Atlântica (FCA), na cidade de Catalão. O segundo ponto é a Praça Pedro Neto Paranhos, lembrada pelos moradores como Praça “Marca Tempo”, situada na Avenida José Marcelino (saída para Uberlândia). O terceiro ponto para a coleta das informações é o terminal de transporte público Engenheiro “Hélio Levy da Rocha”, localizado na Avenida Raulina Fonseca Paschoal. O quarto ponto é o Complexo Recreativo Clube do Povo, popularmente lembrada como “represa do Haley”. O quinto é o Complexo Ecológico “Francisco Cassiano Martins” conhecido como “três represas”. Por último, tem-se o sexto ponto, na Praça “Manuel Arcanjo” no Bairro Ipanema, onde é realizada a feira camponesa as quartas-feiras.

O primeiro ponto é a feira da “Prefeitura”, Fotos 5 e 6, com coordenadas S18 10'.20.0 W47 56.68.5, a mesma acontece às terças e sextas feira no período matutino nas proximidades da PMC, a escolha desse ponto foi especificamente, por ser um lugar com presença variada de indivíduos e com diferentes faixas etárias. É um lugar tradicional na cidade, sendo que sujeitos de diversos bairros trabalham nos arredores e mantêm o costume de frequentar o local com objetivo de comprar produtos hortifrutigranjeiros, como as hortaliças, vegetais, frangos, derivados do leite, entre outros, e também consumir produtos alimentícios preparados na feira, como pastéis, salgados, pães de queijo, enfim. Por ser uma cidade do interior os moradores fazem questão de manter algumas tradições, como conversar ao ar livre com os amigos, amizades estas contraídas ao longo do tempo. A seguir apresenta-se a (Figura 1), carta imagem de localização dos pontos na cidade de Catalão que foram selecionados para aplicação das entrevistas. Posterior, a Figura 1, expõe-se as (Fotos 5 e 6), ambas da feira da “Prefeitura”.

Figura 1 – Catalão (GO): carta imagem de localização dos pontos escolhidos para a pesquisa – 2013.



Fonte: imagem digital Google Earth.

Foto 5 - Catalão (GO): vista parcial da feira, ao lado a (FCA) que cruza a cidade – 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autor:** Tristão, C. A., maio (2013).

Foto 6 - Catalão (GO): vista parcial da feira sentido Sul-Norte. Presença de sujeitos comprando hortifrutigranjeiros – 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., maio (2013).

De acordo com Guimarães e Mesquita (2009) a origem das feiras livres se deve, principalmente, à formação de excedentes de produtos, também à necessidade de aquisição de mercadorias que não eram produzidas no meio rural, foi então que passaram a vender os produtos que sobravam, e assim, surgiram os locais específicos para a troca e venda dessas mercadorias. Diante disso, pode-se dizer que a existência das feiras na sociedade foi uma forma de requerimento natural de um ambiente que aglomerasse grande quantidade e variados produtos que estivessem disponíveis para serem trocados e/ou vendidos. Para contribuir com a discussão, Sousa (2004) diz que,

[...] em verdade, atribui-se à idade média, a oficialização das feiras, tendo em vista que na época dos faraós, quer dizer no período escravagista, bem como na fase do feudalismo, não existiam tão acirradamente as feiras, por causa da produção para o autoconsumo. (SOUSA, 2004, p. 47).

Nessa perspectiva, nos tempos atuais o comércio apresenta modelo fundamentado nas grandes redes de supermercados, os quais possuem formas modernas de atendimento semelhantes, para um universo imenso de consumidores. Ao contrário dessa realidade, conservando a mesma técnica a centenas de anos, as feiras suprem esses procedimentos considerados contemporâneo, pela simplicidade e contato direto entre os envolvidos, e isso, fortalece alguns valores culturais do ser humano na sociedade, sendo que esse processo beneficia a formação da identidade dos indivíduos, visto que o contato mantido nessa ocasião fortalece os laços de amizade e valoriza o lugar vivido.

A “feira da prefeitura” como é conhecida na cidade, é realizada nesse local há várias décadas, o lugar já foi considerado impróprio para a realização dessa atividade, mas a interferência do Poder Municipal não foi suficiente para impedir seu funcionamento, na época alegaram constituir um risco para a população pela proximidade da FCA, ver Foto 5. Nessa perspectiva, como se diz “a voz do povo é a voz Deus”, na ocasião a população e os feirantes interferiram, o que contribuiu para impedir a transferência da mesma para outro local. Sendo assim, a referida feira pode representar um marco simbólico para os moradores da cidade, visto a importância dos valores e sentimentos que os elementos presentes na paisagem urbana representam para os indivíduos.

A Foto 6 mostra a presença de vários indivíduos transitando no local. Os alimentos que são comercializados estão expostos em bancas e barracas individuais e constitui

um procedimento típico basicamente do interior. Os produtores rurais trazem para a feira de maneira geral, apenas um tipo de produto para ser vendido, às vezes agregam em uma banca diferentes mercadorias. Em se tratando de feiras livres, em sentido amplo, já não são comercializados somente produtos de origem rural e/ou de consumo, as mesmas foram de certa forma “invadida” pelos importados de pequeno porte, como modernos aparelhos celulares, relógios, óculos solares entre outros, ou seja, houve uma combinação de produtos comercializados em um mesmo local.

O segundo ponto é a Praça Pedro Neto Paranhos Fotos 7 e 8 conhecida como Praça “marca tempo”, situada na Avenida José Marcelino, com coordenadas S18 10.35.5 W47 56.62.4, assim denominada por apresentar um relógio cravado no solo, como podemos observar na Foto 7, o relógio, na ocasião havia sido retirado para concerto, sua escolha se deve ao fato de ser um local histórico, marcante e conhecido por grande parte moradores da cidade e também pelo motivo de ser um ponto estratégico na referida avenida. Mesmo com o agitado cotidiano, o lugar é frequentado por grande número de sujeitos na procura uma boa conversa ou mesmo descanso.

A Praça “Pedro Neto Paranhos” vem passando por várias reformas, perdendo assim suas características originais, e pode-se dizer da necessidade de preservação da paisagem dos espaços públicos, visando melhor atender os anseios de seus visitantes. Algumas árvores cinquentenárias foram cortadas pelo fato de estarem condenadas a caírem em qualquer momento¹⁵, provavelmente por falta de planejamento no plantio. A Praça “marca tempo” foi construída há várias décadas, é referência mesmo não abrigando nenhuma atividade cultural ou de lazer. Para tanto, o lugar se assemelha a outros espaços públicos da cidade, onde há ausência de eventos que chamem a atenção da população para a utilização do lugar. A seguir as (Fotos 7 e 8) da Praça “Pedro Neto Paranhos”.

¹⁵Informações obtidas em conversa informal com o responsável pela roçagem da área urbana, departamento de Infraestrutura da PMC de Catalão - GO (2013- 2016).

Foto 7 - Catalão (GO): vista parcial da Praça “marca tempo”, sentido Norte-Sul. Primeiro plano o local do relógio, referência ao “nome” da praça - 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autor:** Tristão, C. A., maio (2013).

Foto 8 - Catalão (GO): vista parcial da Praça “marca tempo”, tem-se a presença de indivíduos, com ocorrência mais comum em cidades interioranas - 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., maio (2013).

Em observação a Foto 8, tem-se a presença de sujeitos que utilizam a praça para variados fins, em conversa com alguns indivíduos declararam residir nos arredores e outros disseram que trabalham no comércio nas proximidades e costumam utilizar os bancos da praça para os momentos de descanso. Isso reforça a ideia que a Praça “marca tempo” representa algum tipo de sentimento para esses sujeitos, ou melhor, esse e todos os demais pontos da área de estudo podem apresentar vários significados e valores em relação à topofilia, levando em conta à percepção da paisagem no cotidiano dos moradores da cidade.

Destaca-se a importância dos lugares de lazer, seja um parque, uma praça pode representar para os indivíduos, sendo que o contato com outros sujeitos acrescenta valores no sentido das relações sociais, e essas ações principiam na infância quando as crianças são conduzidas para brincarem nesses lugares. A partir desse momento que se tem possibilidades de iniciar as amizades que podem durar por toda a vida, originam-se geralmente nos lugares de convívio comum, e estas relações contribuem na valorização das paisagens do lugar.

O terceiro de coleta dos dados é o Centro Integrado de Transporte Urbano Engenheiro “Hélio Levy da Rocha”, Fotos 9 e 10, localizado na Avenida Raulina Fonseca Paschoal, coordenadas S18 10.227 W47 57.23.7, sua seleção foi feita por apresentar grande circulação de sujeitos de praticamente todos os bairros. Considera-se que os usuários do transporte têm certa vantagem em relação aos pedestres e motoristas, que ao percorrerem a cidade tem maior possibilidade para perceber a paisagem que está à margem do percurso.

Para o Plano Diretor (2002) o serviço de transporte público urbano é realizado por meio da empresa TRANSDUARTE, que possui uma frota de 10 veículos circulando em oito (08) linhas, que interliga os bairros de forma circular, tem como ponto de partida, o terminal engenheiro “Hélio Levy da Rocha”. Com sistema de transporte integrado, operando com intervalos de trinta (30) minutos, com funcionamento das 06h00min às 23h00min.

No dia 31 de julho de 2014 foi anunciado o rompimento com a TRANSDUARTE. Em 1º de setembro de 2014 a Passaredo transportes rodoviários, grupo que pertence à Pastrans assumiu o transporte público em Catalão, está em circulação 14 veículos¹⁶. O contrato é de (06) seis meses, posterior será feito licitação para contratação definitiva da corporação que vai operar na cidade e o terminal provisório funciona ao lado Estádio Gernervino da Fonseca.

¹⁶ Mais informações: <http://maiscatalao.com/pastrans-assume-transporte-coletivo-de-catalao/>.

Foto 9 - Catalão (GO): vista parcial do terminal de coletivos, sentido Leste-Oeste – 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., maio (2013).

Foto 10 - Catalão (GO): vista parcial do Terminal, sobre o Ribeirão Pirapitinga –2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., maio (2013).

Como se pode observar as Fotos 9 e 10 do terminal de transporte público, foi construído sobre o Ribeirão Pirapitinga, o que constituiu até os dias de hoje motivo de críticas. Com a ocorrência das chuvas o ribeirão recebe toda a água pluvial, e quando em grande quantidade fica completamente alagado, chegando a transbordar para as margens, esse problema se agrava por não existir galerias de escoamento, inclusive, pelo crescimento urbano desordenado. A construção do terminal “Hélio Levy da Rocha” foi concluída no mês de março de 2007, antes, o terminal funcionava onde está instalado o Restaurante Comunitário de Catalão, na mesma avenida, denominado de terminal de transporte urbano “Cyro Neto”.

Com as entrevistas pode-se perceber que grande parte dos indivíduos entrevistados que utilizam o transporte público tem residências fixadas geralmente nos bairros, e de modo geral estão de certa forma distante do terminal. Foi observado inclusive que esses sujeitos moram nos bairros e trabalham no setor central. Sob esse raciocínio, estão cotidianamente em contato com a paisagem urbana, e considera-se que os mesmos têm possibilidade de contemplar a paisagem da cidade vista no sentido geral. A seguir as Fotos (11 e 12), respectivamente do Complexo Recreativo Clube do Povo.

Foto 11 – Catalão (GO): vista aérea da “represa do Haley”, sentido Leste-Oeste - 2009.



Fonte: PMC - Secretaria Municipal de Comunicação: Catalão (GO) - 2009.

Foto 12 - Catalão (GO): vista parcial do “Clube do Povo” com ênfase para a represa e ao fundo parte do urbano da cidade de Catalão (GO). Sentido Leste-Oeste – 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autor:** Lima. O. R., maio. (2013).

O quarto ponto selecionado foi o Complexo Recreativo Clube do Povo Fotos 11 e 12 com coordenadas S18 10.07.5 W47 55.84.1, o qual abrange a “represa do Haley”. Sua escolha foi feita pelo fato que parte da população de Catalão utiliza esse local para praticar atividades físicas. Segundo Marçal (2012) as margens da represa tem (01) uma pista para caminhada Foto 11, com 2 km de extensão, o Complexo têm outras infraestruturas, por exemplo, para a prática de skatismo duas (02) pistas, para o ciclismo, ainda sem pista específica, duas (02) quadras de areia polivalente, academia ao ar livre, um (01) campo de futebol gramado com pista de atletismo asfaltada, um (01) campo futebol socyete, duas (02) piscinas olímpicas (adulto e infantil), um (01) quiosque, arquibancadas e vestiários entre outros. Os bares atraem indivíduos especialmente, nos fins de tarde para contemplar a paisagem ao entardecer.

A Foto 11 mostra parte do calçadão do Complexo Recreativo Clube do Povo é utilizado pelos moradores para a prática de atividades esportivas e também para frequentarem os bares existentes (as respectivas fotos não evidenciam os bares). Já a Foto 12, evidencia a beleza da “represa do Haley” vista no sentido Leste-Oeste. No primeiro plano observa-se a presença de árvores de pequeno, médio e grande porte. Provavelmente, o plantio foi feito posterior no ano de 2009, como exibe a Foto 11, no primeiro plano e ao longo da extensão da represa, havia arbustos de pequenas proporções. Observa-se que diferentes espécies foram plantadas nos espaços de suas margens com finalidade de proteção e também compor o cenário de harmonia do lugar. Ao fundo da Foto 12 exibe parte do urbano, que nos últimos anos teve crescimento significativo, com destaque ao crescimento vertical para atender a demanda que a cidade vem exigindo.

A “represa do Haley” é um lugar frequentado por pessoas de todas as idades, classes sociais, levando em conta que em alguns casos grupos são formados para a realização de atividades físicas. O Complexo Recreativo Clube do Povo foi reformado entre os anos de 2001/2008, nesse mesmo período foi construído um espaço de lazer para práticas de atividades físicas como a “academia ao ar livre”. Segundo Marçal (2012) essas revitalizações ocorreram nas gestões do ex-prefeito Adib Elias Júnior de (2001-2004/2005-2008). A represa é povoada de peixes, sendo que a jusante se tem o Ribeirão Pirapitinga, o mesmo corta basicamente todo o espaço urbano. O espelho d’água é composto por área verde com aproximadamente 2 km de extensão.

O Complexo Recreativo ficou inacabado por longo período, conseqüentemente pouco utilizado. Atualmente, está sendo usado pelos moradores, embora, ainda, raras atividades sejam realizadas para aproveitamento do lugar. Vale lembrar que ao referir a não utilização do Complexo, fala-se em termos, pois, parte da população faz visitas ao lugar em busca de atividades esportivas ou mesmo de lazer. Por outro lado, a PMC deveria incentivar a utilização de todo o Complexo para o bom emprego da infraestrutura existente, melhorar o que for necessário e contratar profissionais para auxiliar nas atividades desenvolvidas. Nos últimos três (03) anos, o município tem utilizado o lugar para realização de eventos como carnaval, shows diversos, enfim. Mas, é necessário ações dos gestores para que o lugar receba mais indivíduos, fazendo direito ao nome, Clube do Povo. Na visão de Marçal (2012) diz que,

[...] no caso específico do Clube do Povo, a fragmentação espacial, também se realiza pela priorização empreendida por distintos perfis socioeconômicos. Desta feita, observa-se que os indivíduos ao se constituírem grupos, interagem no espaço do clube através de usos para fins específicos. Sendo assim, a apropriação do espaço público em questão, fomentada pelos usos de seus respectivos grupos, exigem desta análise uma abordagem interdisciplinar, cuja busca em outros domínios das ciências sociais tornar-se-ão necessários. (MARÇAL, 2012, p. 32).

Anualmente, a PMC realiza na “represa do Haley” o “Campeonato Goiano de *Jet-Ski*”, o qual atrai grande público. Em seguida, tem-se a Foto 13, Ginásio Internacional que faz parte do Complexo, imagem feita a partir da Avenida João Netto de Campos nas proximidades do rodo shopping, aos fundos (a imagem não evidencia) até pouco tempo acontecia torneios de Motocross, hoje o local foi loteado e residências foram edificadas. Uma avenida que liga a rua que margeia a represa (fundos do Ginásio Internacional) foi construída até a Avenida João Netto de Campos. É comum a presença de profissionais aferindo a pressão dos sujeitos que frequentam o lugar para praticar esportes, especial em ocasiões de campanhas relacionadas à saúde. A seguir a (Foto 13), Ginásio Internacional de Catalão.

Foto 13 - Catalão (GO): vista parcial do Ginásio Internacional de Esportes. Imagem a partir da Avenida João Neto de Campos – 2011.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., nov.(2011)

Seguindo esse raciocínio, é essencial compreender a percepção da paisagem que os moradores têm do lugar de vivência, segundo (MARÇAL, 2012, p. 37), “[...] conceber o espaço na dimensão do vivido, dos valores, do comportamento da existência e da cultura é uma proposta de valorização dos aspectos subjetivos que são importantes na análise sócio espacial por considerar nela a inserção do homem enquanto sujeito e agente do processo de construção espacial”. Haja vista que vale voltar à atenção às questões subjetivas de mundo dos sujeitos, valorizando assim, as relações pessoais o que agrega valor cultural ao cotidiano, de modo geral estressante e agitado. Ações estas que podem ocasionar a perda do real sentido da vida em sociedade, o contato direto com as pessoas, uma boa conversa, enfim, a atitude de perceber o que está ao redor. Em seguida, as Fotos (14 e 15), expõem o Complexo Ecológico “Francisco Cassiano Martins” ou “três represas”.

Foto 14 - Catalão (GO): vista parcial do Complexo Ecológico, Bairro “Monsenhor de Souza”. Em segundo plano edifício sendo erguido, evidencia a modificação da paisagem urbana -2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., Nov.(2013).

Foto 15 - Catalão (GO): vista parcial do Complexo Ecológico, presença de sujeitos, na Semana Santa a PMC libera peixes para serem pescados pelos moradores – 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., Nov.(2013).

O quinto ponto selecionado é o Complexo Ecológico “Francisco Cassiano Martins” Fotos 14 e 15, conhecido como “três represas”, localizado no Bairro “Monsenhor de Souza”, com coordenadas S18 09 51.0 W 47 57 39.8. No ano de 2010 o Complexo foi equipado com academia ao ar livre com intuito a priori, em ofertar mais um lugar para praticar atividades esportivas. Sua escolha se deve, sobretudo, por se localizar ao extremo do ponto anterior e ao mesmo tempo apresentar características semelhantes ao “Clube do Povo”, tendo a mesmo desígnio, a prática de esportes e lazer. Teve-se como finalidade entrevistar maior diversidade de pessoas para melhor compreender a percepção da paisagem e abarcar maior heterogeneidade no que diz aos sujeitos entrevistados. Parte da população da cidade é consciente dos vários problemas que o Complexo Ecológico vem enfrentado há algum tempo. Para Borges (2012) morador de Catalão em uma entrevista a um site, faz um apelo e diz que,

[...] o complexo turístico-ecológico foi construído há quase dez anos, mas, desde então, a prefeitura já deveria ter incluído no projeto a construção de caixas de contenção nas partes altas dos bairros vizinhos para filtrar areia e restos de asfalto da água pluvial. Em 2011, durante a instalação da academia ao ar livre, o complexo foi parcialmente reformado pelo município, mas, mesmo sendo alertado para a necessidade, não colocou recipientes para coleta do lixo seletivo ao longo de suas margens. Agora, depois da grande chuva do dia 1º de março, nada foi feito para mitigar os efeitos do assoreamento das represas. (BORGES, 2012)¹⁷.

O Complexo Ecológico necessita de atenção por parte da PMC para manter o lugar organizado, limpo e agradável, e também da contribuição da sociedade para manter o local bem cuidado, como depositar o lixo em locais próprios. Marçal (2012) diz que percebe no Complexo Ecológico “Francisco Cassiano Martins” grande quantidade de lixo e acúmulo de sedimentos nas respectivas represas, situação essa que não é constada nos demais espaços públicos como o Parque Ecológico “Anísio Oliveira Gomides” e o Complexo Esportivo “Jarbas do Nascimento” visto que, esses localizam-se nas proximidades dos bairros nobres e por isso são bem cuidados. Faltam ações concretas para que o lugar seja urbanizado para cumprir sua real finalidade. Por se localizar em um bairro popular, ao menos não deveria ser sinônimo de esquecimento e quase abandono por parte do Poder Municipal.

A Foto 15 enfatiza duas das três represas que fazem parte do Complexo, é um

¹⁷ Mais informações: <http://www.catalaonoticias.com.br/voce-reporter/pelo-amor-de-qualquer-coisa-salvem-as-represas-do-monsenhor-sousa,MTM4NjM.html>.

lugar bastante agradável para práticas esportivas. O Complexo foi inaugurado há mais de dez anos e a academia ao ar livre foi inaugurada no mês de agosto de 2010. Nessa perspectiva, a paisagem urbana da cidade de Catalão apresenta intensas modificações, principalmente, nas últimas décadas devido ao alargamento horizontal e vertical. A partir de então, aumenta a possibilidade dos indivíduos não guardarem na memória essas transformações. A Foto 15 evidencia a presença de pescadores, sendo que na Semana Santa, a PMC libera peixes, para serem capturados pelos moradores, tendo em vista o costume de sua ingestão nessa época do ano, esse fato acontece também na “represa do Haley”.

A paisagem urbana contém valores que podem ser compreendidos através da atitude de perceber. Por outro lado, o cotidiano do mundo moderno está carregado de possibilidades que contribuem para as transformações constantes das paisagens. As cidades de forma geral estão crescendo desordenadamente, sem planejamento prévio e eficiente, isso gera impactos negativos nas paisagens e interferem no dia a dia dos indivíduos e pode provocar alguns prejuízos na qualidade na vida, por exemplo, no que refere aos aspectos culturais. As questões subjetivas que envolvem os valores e sentimentos adquiridos ao longo do tempo em um lugar acabam sendo desvalorizados com as modificações rápidas que estão expostas as paisagens. A seguir, o último ponto escolhido para aplicação das entrevistas.

O sexto ponto selecionado para a aplicação das entrevistas é a Praça “Manuel Arcanjo” no Bairro Ipanema, com coordenadas S 18 08 45.8 W 47 55 39.6, Fotos 16 e 17, especificamente, a feira camponesa que acontece às quartas feiras. As famílias camponesas iniciaram a organização no Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) em média oito (08) anos, os quais lutam por melhores condições de trabalho e pela permanência no campo. Guimarães e Mesquita (2009) diz que o Movimento Camponês Popular (MCP), surgiu de uma cisão do (MPA) no Estado de Goiás. O Bairro Ipanema é relativamente novo, foi inaugurado no ano de 1992. Quanto à escolha do local, se deve pela busca em abarcar maior disparidade de indivíduos, visto que é frequentada por sujeitos de diferentes faixas etárias e sexo, das proximidades e demais bairros. Em seguida, a (Foto 16) da Praça “Manuel Arcanjo”, academia ao ar livre e (Foto 17), no momento da realização da feira camponesa.

Foto 16 - Catalão (GO): vista parcial da Praça Manuel Arcanjo, B. Ipanema, vê-se a prática de atividade física pelos frequentadores – 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autor:** Tristão, C. A., abril (2013).

Foto 17 – Catalão (GO): vista parcial da Feira Camponesa no Bairro Ipanema – 2013



Fonte: Pesquisa de campo. **Autora:** Lima, O. R., abr. (2013).

Por meio da Foto 16 observa-se parte da Praça “Manuel Arcanjo”, ao fundo, indivíduos praticam atividades físicas na academia ao ar livre, inaugurada em setembro de 2012, os sujeitos tem utilizado o espaço em busca de qualidade de vida. A Foto 17 mostra o momento da realização da feira camponesa na “Praça Manuel Arcanjo” e o convívio entre os indivíduos do bairro e adjacências. Os laços de amizade que podem ser constituídos nesses lugares são carregados de valores e representam muito para a vida em sociedade. Para Tuan (1983, p. 189) “[...] a rua onde mora é parte da experiência íntima de cada um. A unidade maior, o bairro, é um conceito. O sentimento que se tem pela esquina da rua se expande automaticamente [...] e o conceito depende da experiência”. O autor reforça a ideia da importância do lugar em que os indivíduos vivem ou frequentam.

O Bairro Ipanema foi inaugurado no início da década de 1990, nos últimos anos tem apresentado elevado índice de crescimento, com edificações voltadas principalmente ao interesse imobiliário de locação para estudantes da Universidade Federal de Goiás (UFG). O comércio de maneira geral tem tendência direcionada para o rural. Levando em conta que possui outros segmentos no ramo comercial, e em tempos recentes nas proximidades houve atração também de agências bancárias, para atender os universitários e moradores, já que a distância do setor central é significativa. A construção da Praça “Manuel Arcanjo”, segundo o Plano Diretor (2002) foi a partir de um convênio com a PMC com uma empresa de mineração, a primeira cedeu o espaço e a segunda entrou com os recursos. A praça possui uma (01) quadra poliesportiva sem cobertura, uma (01) quadra de areia para voleibol ou futevôlei, áreas de jardim e um espaço plano e cimentado, além da academia ao ar livre.

No que se refere à manutenção do lugar, encontra-se em péssimas condições de uso, a população às vezes utiliza as áreas de lazer nos lugares públicos para o depósito de lixo, nesse caso, em específico, depredaram os bancos, verifica-se também que no período noturno há presença de usuários de drogas (informações obtidas através de conversas informais com os moradores), é um fator que tem contribuído para que os sujeitos não frequentem o local para o desígnio proposto, de praticar exercícios físicos e lazer. Salienta-se que este estudo não se trata de questionamentos sobre a “Praça Manuel Arcanjo” sob a ótica de suas condições físicas, mas o que a feira representa para os entrevistados como lugar de realização para o estudo da percepção da paisagem urbana da cidade de Catalão.

Acrescenta-se que a feira camponesa acontece às quartas feiras, com início por

volta das 17h00min com término em média às 21h00min. No entendimento de Guimarães e Mesquita (2009) em se tratando de estratégia de escolha do lugar para a realização da feira, foi feita principalmente pelo dia e horário, visto que o referido bairro é afastado do setor central, o que significa uma opção aos consumidores residentes e mesmo outros que se deslocam até o local. As demais feiras na cidade acontecem as terças, às sextas feiras e aos domingos, no período da manhã. Os preparativos da feira são trabalhos constantes e os afazeres do campo exigem uma série de cuidados ao longo de toda a semana para produção do que será comercializado.

De acordo com Guimarães e Mesquita (2009) a feira camponesa é organizada principalmente pelas mulheres camponesas, e na ocasião de sua realização a família contribui no processo, para tanto se constitui um lugar para aquisição de produtos hortifrúti direto do campo, como verduras, legumes, frutas, queijos, doces, farinhas, bolos, requeijão além de barracas onde são comercializados produtos que em geral são consumidos no lugar, como caldos, salgados, espetinhos. A feira é um ponto estratégico para os moradores terem convívio com outros sujeitos, pode dizer que vários indivíduos tem o costume de se encontrarem no dia da realização da feira para confraternizarem. Para Guimarães e Mesquita (2009),

[...] entre os consumidores nota-se satisfação, conforme as entrevistas. Catalão, como na maioria das cidades interioranas, ainda mantém vivos hábitos e costumes herdados do campo, exemplo disso são os moradores do bairro Ipanema, em Catalão, que distante do centro da cidade, ainda sentem-se com um “pé na roça”, pois é possível ver nas calçadas longas conversas entre vizinhos e estes fazem da Feira Camponesa não só num local de comércio, mas um lugar especial de reuniões e de encontros para comprar e conversar, pois no final de tarde das quartas-feiras têm a oportunidade de consumir pastéis fritos na hora, comprar produtos que são colhidos no dia, como hortaliças em geral e manufaturados em pequenas indústrias caseiras, como rapaduras e farinhas ou mesmo as quitandas feitas do mesmo modo para o consumo das famílias camponesas e agora destinada a Feira. (GUIMARÃES; MESQUITA, 2009, p. 11).

Concomitante a isso, tanto para os feirantes quanto para os frequentadores, a feira é de suma importância, o que envolve as relações pessoais construídas no lugar. Para Carlos (2007a, p. 34) “[...] as relações com o lugar se determinam no cotidiano, para além do convencional”. Diante disso, é essencial o convívio entre os indivíduos, e o simples contato pode reforçar os laços de amizade e afetividade estabelecidos com o tempo. Em contrapartida,

o ritmo de vida agitado, a busca em suprir as necessidades do mundo globalizado e as transformações nas paisagens cada vez mais intensas, fatores estes que tem exigido mais tempo para que os sujeitos percebam as paisagens. Nesses termos, a paisagem oferece possibilidades e um universo que envolve símbolos e significados, cada sujeito com suas histórias de vida, que carregam configurações e lembranças do tempo que ficaram na reminiscência. De acordo com Carlos (2007a),

[...] a destruição dos referenciais urbanos fica visível no desaparecimento das marcas do passado histórico na e da cidade provocando, não só o estranhamento porque as formas mudam rapidamente, mas também, porque estas produzem as possibilidades que atestam o empobrecimento das relações de vizinhança, a mudança das relações dos homens com os objetos que lhe são próximos e o esfacelamento das relações familiares [...]. O empobrecimento da vida acontece à medida que as relações entre as pessoas passam a ser substituídas por relações profissionais ou institucionais. O tempo, por sua vez, se acelera em função do desenvolvimento da técnica modificando, as relações dos habitantes com o lugar e também no lugar. (CARLOS, 2007a, p. 13).

Segundo o pensamento da autora, as relações entre os indivíduos se materializam na vida cotidiana, o que envolve as relações de vizinhança. Os sujeitos habitam as cidades, os bairros, as ruas, vivem as paisagens sendo que estes fatores podem trazer experiências originadas das experiências e caminhos do tempo vivido. A partir desse entendimento, salienta-se que essas trajetórias incidem como manifestações da realização da vida, atos talvez considerados banais, como ir ao trabalho, ao supermercado, visitar familiares, amigos, frequentar feiras, enfim. Nesse entender, são valores culturais adquiridos com o tempo nos lugares da cidade que são representados através das atitudes do ser humano. Em contrapartida, os lugares estão constantemente transformados em não lugares, com finalidades cada vez mais de não trazerem benefícios ao uso comum, apenas como condição de mercadoria.

Segundo Carlos (2007a, p. 40) “[...] o lugar, portanto, liga-se de modo inexorável à realização da vida como condição e produto do estabelecimento das relações reais indispensáveis a ela, mas, a produção da vida e do lugar revela a necessidade de sua reprodução continuada”. Nesse sentido, pode-se entender que a feira camponesa serve como ponto de encontro dos indivíduos, sendo que, a convivência entre si traz significações únicas para os frequentadores, com tendência de perdurar por toda a vida. Para Tuan (1980) o mundo

vivido pode ser abordado através de três fenômenos relacionados com a experiência, os quais constituem o mundo vivido: o espaço como experienciado, a paisagem como a superfície limitante do espaço, e o lugar como centro de significado no espaço e na paisagem. Para tanto a feira camponesa concebe um lugar de reprodução da vida nos quais envolve relações dos indivíduos gerando símbolos e sentimentos.

Por meio da percepção da paisagem têm-se a possibilidade de compreender e guardar significados, valores e costumes de grupos sociais ou indivíduos por mais tempo na memória. De acordo com Corrêa e Rosendhal (2007) as paisagens são tomadas como relações de nossas vidas no cotidiano e estão cheias de significados, e o sentido dessas significações nas paisagens dizem muito do ser humano. É imprescindível nesse momento, trazer a colaboração de Gomes (1999, p. 121) “[...] a paisagem é uma autobiografia coletiva inconsciente que reflete gostos, valores, aspirações, medos, que aos poucos acarretam a decodificação dos sentimentos imbuídos pelas sociedades ao espaço”. Então, pode-se afirmar que essas relações são formas de regressar ao passado e trazer sentimentos, estimas, acontecimentos e experiências vividas.

Ao caminhar pelas ruas das cidades, em suas avenidas, ruas, praças, bosques enfim, haja vista que perceber estas paisagens pode conduzir a lembrança de momentos vividos no passado. As alegrias e angústias se exibem na imaginação, e traz possibilidades de retrocederem na memória a paisagem vivida, inserida nesse caso, como pano de fundo. Para Carlos (2007a) a transformação da cidade é marcada pela queda dos referenciais, pelo desaparecimento das marcas do passado histórico lidas na paisagem, como a destruição de bairros com a construção de edifícios, que provoca nas formas urbanas as mudanças, redefine passos, designa ausências, revela a negação da identidade em função das destruições dos referenciais urbanos que sustentam a memória. Quem nunca se sentiu com um aperto no peito ao ver uma paisagem do cotidiano sendo (re) modelada, com novas reformulações?

Aprender a leitura de mundo que os sujeitos têm das paisagens, do lugar de vivência contribui para que os valores culturais de uma sociedade não se percam no tempo e nem na memória. Corrêa e Rosendhal (2007) dizem que os assuntos voltados às questões culturais, que procuram investigar os valores, as experiências de mundo, as preocupações com os sentimentos dos sujeitos. A pluralidade de interpretações que envolvem o processo de percepção de paisagens conduz o universo do ser humano a um sentido transcendente, o que

induz a lembrar sua vida, a qual versa uma “[...] lógica da comunicação simbólica que explica o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento ao lugar” (CLAVAL, 2007, p. 75). Assim, o estudo da percepção da paisagem e do lugar de vivência é essencial para compreender a cultura, inclusive auxilia no entendimento das problemáticas do mundo globalizado. A seguir apresenta-se o capítulo IV, a caracterização da área do estudo.

4 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO

“Uma cidade com imageabilidade (aparente, legível ou visível) nesse sentido, seria bem formada, distinta, memorável; convidaria os olhos e ouvidos a maior atenção e participação”.
(LINCH, 1960, p. 10).

Para a construção de uma pesquisa especialmente, no âmbito da Ciência Geográfica é essencial que se faça um histórico do processo de formação sócio espacial da área de estudo. Por volta dos idos de 1722/1723, à comitiva de Bartolomeu Bueno da Silva Filho, composta por cavaleiros armados e religiosos fizeram uma roça (com a finalidade de abastecer com mantimentos os membros em viagem), nas margens do Córrego do Almoço, nas proximidades do Distrito Industrial de Catalão - DIMIC, lugar onde originou a cidade. No primeiro contato, Bartolomeu deixou um marco, uma cruz de madeira cravada na “Borda da Mata”, hoje Fazenda dos Casados, conhecida como “Cruz do Anhanguera”. Em 1916 foi transportada para a capital do Estado, na época Cidade de Goiás, onde permanece até hoje. Em um período aproximado de um século que engloba de 1736 a 1835, permaneceu somente como "pouso de bandeirantes" e fazenda do espanhol o "Catalão".

Aproximadamente, por volta do ano de 1835 de Arraial, a então futura cidade de Catalão se elevou a categoria de Vila. No dia 20 de agosto de 1859 Catalão adquiriu condição de cidade por resolução provincial nº 7, e tem como gentílico “catalano” (a). Tornou legalmente constituída, entretanto, ficou isolada por muito tempo dos grandes centros, devido à inexistência ou precária rede de transportes e de comunicação.

No decorrer de sua história a cidade desfrutou de ampla extensão territorial que incluía os municípios de Corumbaíba, Cumari, Campo Alegre, Davinópolis, Goiandira, Ipameri, Nova Aurora, Ouvidor e Três Ranchos. Atualmente, fazem parte do município os aglomerados populacionais ou Comunidades, como são denominados: Olhos D’água, Pedro Neto Paranhos, Pedra Branca, Martírios, Cisterna, Anta Gorda, Mata Preta, Custódia, Ribeirão, Coqueiros, dentre outras. Incluem-se também no município os Distritos de Pires Belo e Santo Antônio do Rio Verde.

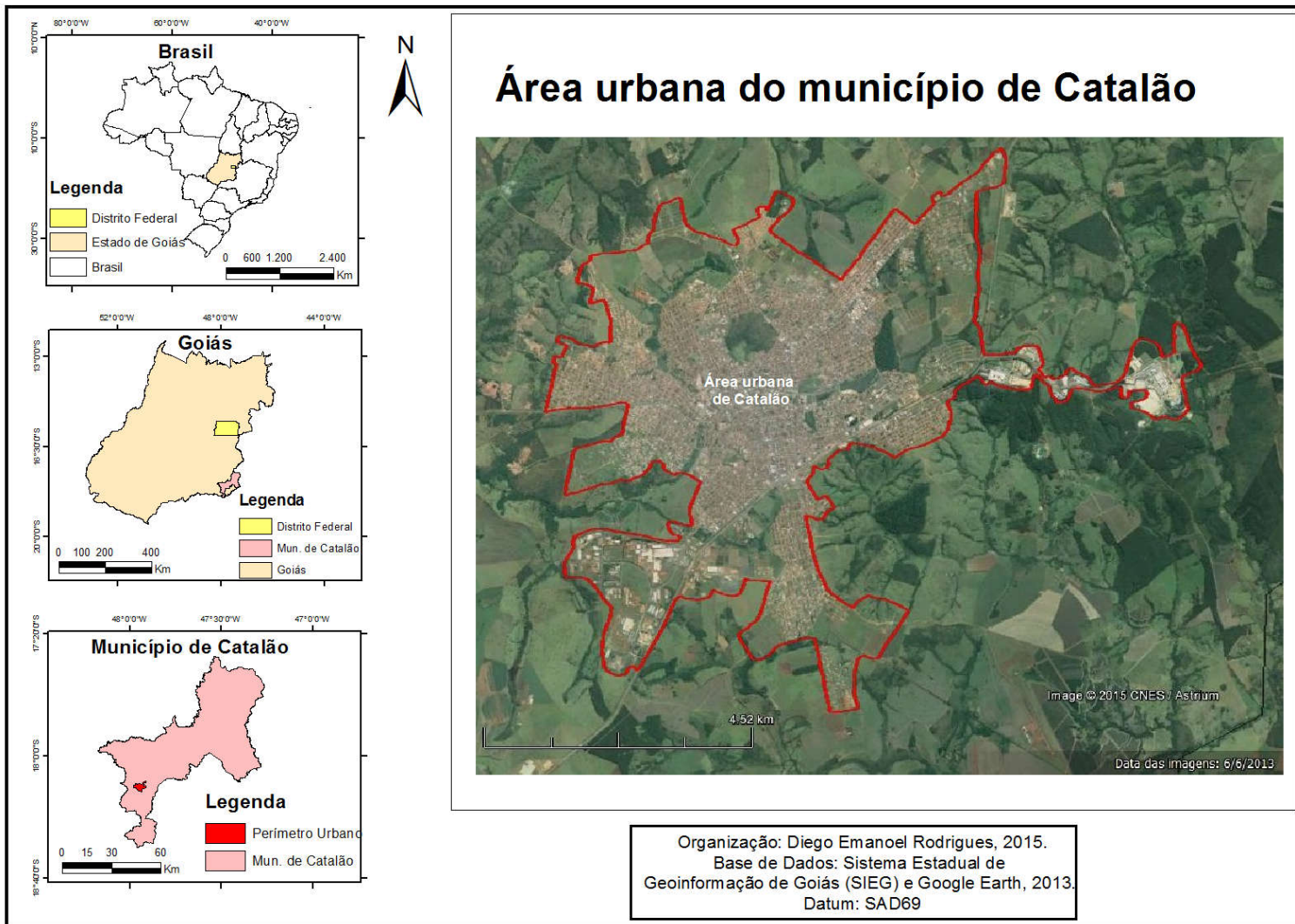
Em se tratando das características físicas da cidade de Catalão, segundo Rocha (2011) as ruas da cidade estão dispostas de maneira significativa e concentradas em relação ao Ribeirão Pirapitinga, que corta a cidade, e o traçado das ruas, de certa maneira, acompanham

direções quase paralelas e perpendiculares ao Ribeirão. Além dessa forma de traçado das ruas que é refletida pela dinâmica da água, evidencia-se que o comprimento das vertentes em relação ao Ribeirão Pirapitinga é longo.

Em posições equidistantes ao Ribeirão Pirapitinga, apresentam-se os morros testemunhos, que constituem como pontos turísticos e culturais da cidade: morro das “três cruzes” e “morro da saudade”. Os mesmos possuem encostas com a paisagem bastante antropizada, ao contrário do que ocorre com a maioria das áreas planas da cidade, a vegetação natural não acontece com tanto vigor em relação a variedades de espécies e quantidades. Para Rocha (2011) quanto à fisionomia da paisagem, a rede hidrográfica de Catalão é muito rica. Sendo que o município está situado na Bacia Platina, tem-se o Rio Paranaíba como principal e um dos formadores desta bacia, e este divide o Estado de Goiás do Estado de Minas Gerais.

Posterior ao Rio Paranaíba tem-se: o Rio São Marcos, o Rio Veríssimo, o Rio Verde, o Rio São Bento e o Ribeirão Ouvidor. Em relação à extensão e espelho d'água, vários cursos de água cortam o município em todos os sentidos. São alguns deles: o Ribeirão da Custódia, o Rio do Peixe, o Ribeirão Riacho, o Ribeirão do Pari, o Ribeirão da Peroba, o Ribeirão Barreiro, o Ribeirão da Lagoinha, entre outros. O Ribeirão Pirapitinga, parcialmente canalizado, corta parte do perímetro urbano. O Córrego do Almoço passa pelas proximidades do DIMIC. A cidade está Catalão localizada na Região Sudeste do Estado de Goiás, com latitude S $-18^{\circ} 10' 7'' 10''$, longitude W $-47^{\circ} 56' 88'' 5$ e altitude de 843 metros, tendo como referência a Praça Getúlio Vargas, no setor central. A seguir tem-se a (Figura 2) do município de Catalão, com destaque para a área urbana da cidade.

Figura 2 –Mapa do município de Catalão (GO), 2015.



Fonte: SIEG; Google Earth (2013).

No que se refere à área de estudo Ribeiro (2011) enfatiza que o crescimento da cidade vem ocorrendo sem planejamento e conseqüentemente de forma desordenada, o que trouxe vários problemas, dentre eles de ordem ambiental e social. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010) a cidade de Catalão apresentava na década de 1970, uma população de 27.338 habitantes. Com a instalação das diversas atividades, que geraram a oferta de mão de obra, tanto no ramo da mineração, como no comércio e/ou serviços, fatores estes que tem contribuído para impulsionar o crescimento urbano. De acordo com o Plano Diretor (2002),

[...] a partir da década de 1970, Catalão retoma seu dinamismo econômico impulsionado pela consolidação de Brasília [...] pela construção da BR-050, que colocou o Município na rota de São Paulo e Brasília, possibilitando sua integração com os centros dinâmicos do país; pelas instalações de indústrias mineradoras de nióbio e rochas fosfálticas; e pela modernização das atividades agrárias. Esses fatores em conjunto fizeram com que Catalão se tornasse um centro regional, polarizando municípios de sua microrregião e alguns do Estado de Minas Gerais, atendendo demandas dos setores de saúde, educação, comércio e serviços. (PLANO DIRETOR, 2002, p. 5).

Esses são alguns dos fatores que incrementaram a expansão urbana da cidade que hoje é considerada polo econômico importante para a região, e inclusive, tem-se destacado no cenário nacional. De acordo com o Plano Diretor (2002) ocorreram vários investimentos do Governo Estadual e de empresas privadas, nacionais e internacionais, sendo que foi oferecido infraestrutura e incentivos fiscais para que as empresas se instalassem no DIMIC. Em relação aos segmentos desses empreendimentos, os quais se dividem em: indústria automobilística, confecções, prestação de serviços, comércio, entre outros.

O DIMIC possui área de 2.448.241m², sendo 1.630.000m² destinados à implantação de empresas, 253.788m² para vias públicas 253.788m² e 482.411m². Para os espaços verdes dispõem de 482.411m². A área institucional corresponde a 19.233m², onde estão instalados a Estação de Tratamento de Água (ETA), a Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) e a sede administrativa. A área de Reserva Permanente é de 63.689m². Catalão destaca-se no cenário nacional como uma das cidades mais importantes do Estado de Goiás, atualmente, o DIMIC possui trinta e oito (38) empresas instaladas, o que gera em torno de cinco mil empregos diretos. (PLANO DIRETOR, 2002).

Dentre as empresas instaladas no DIMIC destacam-se a Mitsubishi Motors

Automotores do Brasil S/A (MMC), a John Deere, a Dicebel, a Welmatic, a Engemix, a Agroquímica, a Cerâmica Catalão, a Goiás Flora, a Formula R, a Coacal, a Aducat, a RCM, prestadora de serviços e manutenção técnica, a Prest John, dentre outras. Visto que, no segundo semestre do ano de 2013, dezesseis empreendimentos se encontravam em processo de instalação. Estas empresas atraem indivíduos de várias localidades do Brasil e do exterior, o que provoca à expansão do setor imobiliário com a abertura de novos loteamentos e a construção de hospedarias, o que contribui com as transformações da paisagem.

Para o IBGE (2010) a população da cidade era de 86.647 habitantes, neste mesmo ano. No segundo semestre de 2013 a população de Catalão foi estimada em 94.896 habitantes, com densidade demográfica em torno de 22,67 habitantes por km² (estimativa IBGE, 2013). Tem-se estimativa do IBGE (2014) para o primeiro semestre de 2014, que apontam a população catalana com cerca de 96.836 habitantes. Ainda assim, a cidade consegue manter características de povo interiorano, acolhedor e hospitaleiro. Porém, essa tranquilidade tem sido abalada nas últimas décadas com a abertura dos postos de trabalho, pessoas de vários lugares do Brasil e do exterior que têm fixado residência na cidade, contribuindo para o acréscimo, também da violência das mais variadas. A seguir o Quadro 2 que evidencia a evolução da população urbana da cidade de Catalão (GO).

Quadro 2 - Censo demográfico de Goiás de 1950 a 2010

POPULAÇÃO URBANA DE CATALÃO (GO) 1950/2013	
ANO	CATALÃO/URBANO
1950	23.785 habitantes
1960	26.098 habitantes
1970	27.338 habitantes
1980	39.168 habitantes
1991	54.525 habitantes
1996	58.259 habitantes
2000	64.347 habitantes
2007	75.623 habitantes
2010	86.647 habitantes
Estimativa-IBGE/2013	94.896 habitantes
Estimativa-IBGE/2014	96.836 habitantes

Fonte: IBGE, (1950/2013). Diretoria de Pesquisas Coordenação de População. Indicadores Sociais; Estimativa da população com referência a 1º de julho de 2013.

Uma série de elementos influenciou o crescimento da cidade dentre eles: a chegada da estrada de ferro no início do século XX; a construção de Goiânia (1937) e de Brasília (1960); a implantação da Rodovia BR-050 que faz ligação a Brasília (DF) e aos grandes centros como São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), a GO-330 que liga Catalão a Goiânia. A partir da década de 1970, com a exploração de minérios, como: a Argila para cerâmica vermelha, a Argila refratária, a Brita, o Fosfato, o Nióbio, o Titânio, a Turfa e a Vermiculita, foi um dos fatores que intensificou o crescimento econômico e social. Na agricultura destacam-se a soja, o milho, o trigo, o algodão, o arroz, o sorgo e o feijão, commodities estas que possuem evidência nacional.

Seguindo esse pensamento, com o início da exploração dos minérios a partir da década de 1970/1980, a modernização da agricultura após 1980 e a chegada das montadoras de máquinas agrícolas e automóveis, esses fatores, em conjunto com as indústrias, o comércio e a prestação de serviços, fatores este que ainda hoje influenciam o desenvolvimento da cidade nas últimas décadas. Demais aspectos têm chamado à atenção de pessoas de diferentes lugares do país, sendo que a cidade possui destaque no cenário nacional no que diz à qualidade de vida. Para o IBGE (2000), a cidade de Catalão ocupa o terceiro lugar no Estado sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

De acordo com Santana (2011) uma das empresas que fazem a extração dos minérios existentes no município é a Mineração Catalão Ltda, sendo a primeira mineradora a se instalar na região, especificamente, no município de Ouvidor, iniciou suas operações no ano de 1976. É uma empresa que explora a jazida de nióbio, uma das poucas existentes no mundo, a qual a partir de seu beneficiamento produz a liga metálica ferro-nióbio¹⁸. Com produção total vendida no mercado externo. Hoje, a Mineração Catalão Ltda, pertence ao grupo da multinacional Anglo American. Em 2009 pelo fato de sua visão estratégica do mercado mundial¹⁹, segundo os interesses do grupo anunciou a intenção de vender a empresa.

¹⁸ Através da liga ferro-nióbio obtém alguns tipos de aços: os microligados e inoxidáveis, com aplicação nas indústrias de construção civil, automotiva, naval, aeronáutica e espacial. Nos aços microligados: mesmo com reduzido consumo específico (cerca de 400g de Fe Nb por tonelada de aço), o nióbio confere alta resistência, mecânica, tenacidade e soldabilidade. Nos inoxidáveis: consiste em neutralizar o efeito do carbono e do nitrogênio, evitando a deterioração por corrosão. (SILVA, 2010, p. 87).

¹⁹ O grupo Anglo American pretende tornar um dos maiores produtores de minério de ferro do mundo, o que aumentaria sua participação no mercado de 3% para 11%, com uma produção de 150 milhões de toneladas anuais até 2016. A multinacional tem vendido negócios menores que não têm o mesmo nível de atração, retorno e escala de produção. Mais informações: <www.copebras.com.br> <<http://www.portosenavios.com.br>>.

Segundo Lima (2003) a Copebrás S/A, se territorializou em Catalão por volta dos anos de 1977, porém sua existência no país teve início em meados de 1955, em Cubatão (SP). De acordo com Santana (2011) no Complexo Mineral Catalão – Ouvidor, a Copebrás S/A explora a jazida de fosfato no município de Ouvidor e faz o processamento de fertilizantes no município de Catalão. No ano de 2002 a empresa fez investimento em torno de US\$ 140 milhões em obras de verticalização da produção, passando a processar na unidade de Catalão ácido sulfúrico e fosfórico, a acidulação e granulação de fertilizantes e o fosfato bicálcico. Atualmente, a Copebrás S/A pertence também ao grupo Anglo American.

Para Santana (2011) a Fosfértil S/A, se territorializou em Catalão em 1978, no início das operações se denominava Goiás Fertilizantes (Goiásfértil), sendo uma empresa estatal que pertencia ao grupo Petrofértil. Segundo Lima (2003) sua criação foi dentro do contexto do Plano Nacional de Fertilizantes e Calcários Agrícola do Governo Federal, tendo como finalidade suprir a demanda interna de fertilizantes no país. Com sua privatização na década de 1990, passou a denominar Ultrafértil S/A. Em tempo recente seu controle acionário foi adquirido pela VALE S/A, a qual comprou a participação da Bunge e outras empresas que controlavam seu capital social numa operação financeira de quase US\$ 3 bilhões. Nessa perspectiva, a territorialização das três indústrias de mineração no Complexo Mineral Catalão-Ouvidor tem provocado significativas transformações na Microrregião de Catalão. Em seguida, tem-se a secção: **A paisagem urbana de Catalão:** o olhar dos moradores.

5 A PAISAGEM URBANA DE CATALÃO: o olhar dos moradores

“[...] qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”. (MEINIG, 2002).

No início do segundo semestre de 2013 foi feita a aplicação das entrevistas nos pontos selecionados: 1) feira de hortifrutigranjeiros realizada as terças e sextas nas proximidades da Prefeitura Municipal; 2) Praça “Pedro Neto Paranhos”, conhecida como Praça “Marca Tempo”; 3) terminal de transporte público, Engenheiro “Hélio Levy da Rocha”; Complexo Recreativo Clube do Povo ou “represa do Haley”; 5) complexo ecológico “Francisco Cassiano Martins” conhecido como “três represas” e 6) Praça “Manuel Arcanjo”, onde acontece a feira camponesa, as quartas-feiras, essas paisagens foram escolhidas para aplicar as entrevistas. Ressalta-se que não houve a intenção de selecionar somente os lugares que sugerem os sentimentos topofílicos para aplicação das entrevistas. Diante disso, as seleções dos lugares teriam que apresentar algumas condições, sendo que essa discussão foi realizada na apresentação dos pontos.

As entrevistas foram realizadas nos meses de Setembro a Novembro de 2013, sendo dez entrevistas em cada ponto, dentre os questionamentos tem-se na PRIMEIRA PARTE: a idade, a escolaridade, o tempo de residência na cidade, o meio de transporte utilizado dentre outros. Na SEGUNDA PARTE, o roteiro de entrevista contou com cinco (05) questões abertas, em (APÊNDICE) com o propósito de compreender a percepção dos moradores em relação à paisagem urbana da cidade de Catalão. Como exemplo dessas questões tem-se: *Qual é a paisagem urbana de Catalão que você mais gosta? Que tipo de sentimento você tem por estas paisagens?* Nesse entender, após a coleta das informações fez-se a análise dos resultados, os quais foram apresentados em gráficos, tabelas e quadros de forma a facilitar a compreensão.

A partir desse entendimento, e na tentativa em apreender um pouco sobre a paisagem urbana, Silva (2011) afirma que as cidades remetem a um adensamento de objetos, coisas e homens, que dependendo de seus aspectos físicos e da sua natureza e o tipo de urbanização que sofreram, possui não apenas uma materialidade urbana, inclusive uma fisionomia própria. Esses e outros fatores são essenciais na compreensão da paisagem urbana,

e por meio desses agentes buscam-se as práticas simbólicas que envolvem os sentidos atribuídos aos lugares, e ressaltando a linguagem e as formas de perceber as representações. Para complementar Kozel e Sousa (2013) a valorização do ser humano e sua relação com o meio, sobretudo, os valores, tradições, signos e representações pode representar os significados do que o ser humano tem de seu mundo. A seguir a subseção: a população catalana e a percepção da cidade.

5.1 A população catalana e a percepção da cidade

Pode-se dizer que a percepção da paisagem consiste em elementos que contribuem para compreender a realidade que caracteriza o lugar. Para Collot (1990) a percepção se dá segundo a personalidade do observador, suas capacidades de interpretação, através dos cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão), podem detectar estímulos que definirão o processo de estruturação e possibilidade de reestruturação de conceitos e atitudes. Para Bernayas Alamo (1994, p.17), “[...] el hombre, percebe el mundo simultáneamente com todos sus sentidos, puede considerarse como um animal preferentemente visual”, ou seja, dos cinco sentidos do ser humano, a visão é destaque no alcance de informações, levando a técnica de percepção em um nível superior na busca um instrumento apropriado para ser utilizada na apreensão das relações frente as alterações da paisagem vivida.

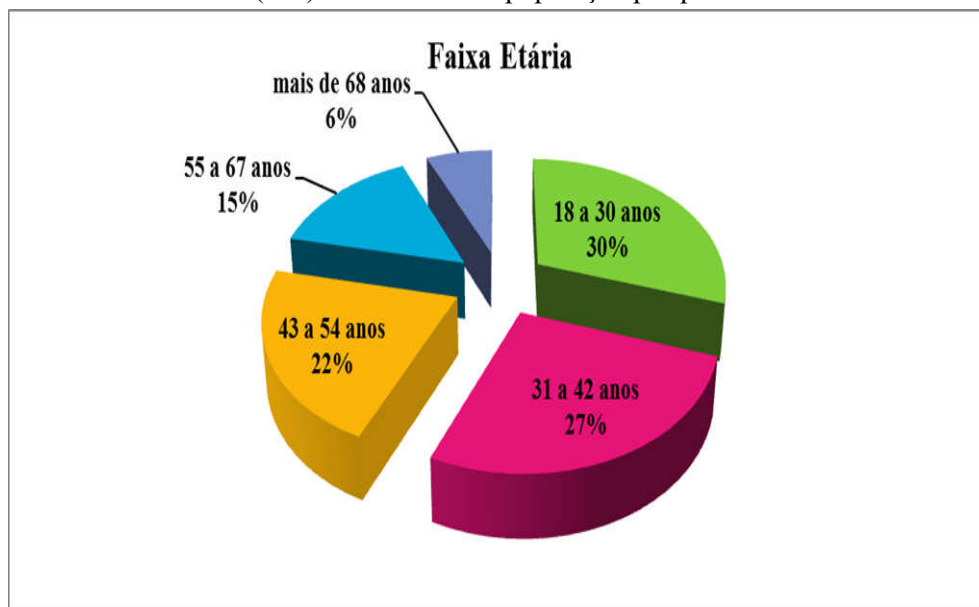
A seguir será exibida a análise das entrevistas, que resultou em gráficos e quadros. Na ocasião da pesquisa de campo teve-se a preocupação com a questão da homogeneidade em relação a alguns fatores, inclusive, quanto ao sexo dos moradores entrevistados, no momento da aplicação das entrevistas procuramos fazer uma divisão equivalente quanto aos indivíduos do sexo masculino e feminino. Esse cuidado é válido para que não prevalecesse nenhum dos gêneros, visando não interferir no resultado final do estudo. Segundo Bley (1982) há diferença nas capacidades de percepção em se tratando de gênero, experiências de vida, dentre outros fatores. Nesse sentido, nos seis (06) pontos em que foram aplicadas as entrevistas totalizou-se 50% dos indivíduos do sexo feminino e 50% do masculino.

Sobre os problemas que poderíamos encontrar na pesquisa de campo, ressalta-se que praticamente não tivemos dificuldade quanto à abordagem dos sujeitos, pois se

dispuseram a colaborar com o estudo. Vale acrescentar que alguns indivíduos confiavam que o estudo seria sobre questões políticas, problemas de ordem física na cidade, como ruas esburacadas, lâmpadas queimadas dentre outros. Quando essa situação ocorria líamos novamente a síntese da pesquisa no documento do Comitê de Ética²⁰ que foi entregue no momento da abordagem, se o indivíduo fosse impossibilitado de fazer a leitura realizamos esse procedimento com a finalidade de não haver dúvida quanto à finalidade do estudo.

No Gráfico 1, mostra que grande parte dos entrevistados estão na faixa etária 18 a 30 anos, corresponde 30 %, em seguida, os indivíduos entre 31 a 42 anos, representa 27% , e a parcela que evidencia a faixa dos 43 a 54 anos é de 22%, sendo que o total de três grupos de faixas etária equivale a 79% dos entrevistados, entre 18 a 54 anos. Esse resultado pode ser implicação da população ativa, que estão em trânsito de suas residências para seus respectivos trabalhos, nos momentos de lazer, praticando esportes, entre outras atividades. Nesse sentido, os seis (06) pontos de aplicação das entrevistas são diversos, desde praças, feiras, represas. Assim, o simples andar pela cidade pode ser fator positivo para a percepção da paisagem.

Gráfico 1 – Catalão (GO): faixa etária da população pesquisada – 2013



Fonte: Pesquisa de campo. **Org.:** Lima, O. R. (2013).

²⁰ As pesquisas que envolvem seres humanos obrigatoriamente passam por avaliação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP, do Conselho Nacional de Saúde órgãos ligados ao Ministério da Saúde. Fonte: CONEP.

A cidade de Catalão se encontra em expansão urbana acelerada e o setor mineral, industrial, comercial e prestação de serviços tem chamado à atenção de sujeitos de outras localidades, inclusive, de outros países. Vale ressaltar que o aumento populacional é bastante significativo, para o IBGE (1970) a população era de 27.338 habitantes nesse mesmo ano, em 2013, segundo estimativa do IBGE sua população é de 94.896. Já a estimativa IBGE (2014), primeiro semestre apontou população de 96.836 habitantes. É fator que pode ser resultante da expansão das indústrias mineradoras, da implantação de montadoras de veículos e colheitadeiras, bem como dos servidores públicos federais e estaduais e pelos indivíduos que vieram para estudar na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão UFG/RC e no Centro de Ensino Superior de Catalão - CESUC, dentre outras instituições.

Em seguida, no Gráfico 1 exibe faixa etária de entrevistados entre 55 a 67 anos, representando 15%, enquanto que a faixa acima de 68 anos é de apenas 6%, e corresponde a 21% dos indivíduos. Com esse resultado vê-se que os sujeitos que tem idade de 55 e mais de 68 anos, são em parte aposentados, e muitas vezes tem dificuldade para se locomoverem, assim, realizam seus passeios e atividades nas proximidades de suas residências. E, nessas ocasiões teve-se a oportunidade de entrevistá-los nas feiras, praças, enfim. Assim, as duas faixas etárias que corresponde a 55 anos e mais de 68 anos, com maior tempo vivido, sem dúvida, representam muito no sentido das experiências de vida.

Tuan (1980) diz que os indivíduos precisam ter certa vivência para perceber o lugar vivido. Nota-se a importância das contribuições dos sujeitos entre 55 e mais de 68 anos. Para Bachelard (1993) é no final do curso da vida que veneramos realmente uma imagem, descobrimos suas raízes para além da história na memória, às vezes somos jovens muito tarde, e é preciso conhecer o paraíso terrestre para vivê-lo na realidade de suas imagens, que transcende a paixão. O autor ressalta o valor das experiências, quanto mais se vive, mais saberes se acumulam, mesmo de senso comum.

No que se refere à naturalidade dos entrevistados, o Quadro 3, apresenta as diversas origens, bem como a cidade de Catalão que tem maior expressividade, com 34 sujeitos, aproximadamente 55%, com procedência local. O que reforça nossas colocações apontadas na caracterização da área de estudo. Segundo Rocha (2011), Catalão tem recebido migrantes oriundos de diferentes estados brasileiros, e imigrantes atraídos também pela qualidade de vida e oferta de emprego, seja pelas indústrias mineradoras, automobilística,

confeções e serviços de forma geral, principalmente, posterior à década de 1970, sendo que este processo vem acontecendo de forma contínua.

Quadro 3 - Catalão (GO): naturalidade dos entrevistados - 2013

Naturalidade dos Entrevistados			
Locais de origem	Sujeitos	Locais de origem	Sujeitos
Catalão (GO)	34	Goiânia (GO)	1
Recife (PE)	3	Bom Jardim de (MG)	1
Campo A. Goiás (GO)	2	Campos Altos (MG)	1
Ouvidor (GO)	2	Campo Grande (MS)	1
Orizona (GO)	2	Corumbá (GO)	1
Três Ranchos (GO)	1	Paraná (SC)	1
Goiandira (GO)	1	Formosa (GO)	1
Uruaçu (GO)	1	Uberlândia (MG)	1
Belém (PA)	1	Conc. Alagoas (MG)	1
Luziânia (GO)	1	Buriti (TO)	1
Morrinhos (GO)	1	Palmas (TO)	1

Fonte: Pesquisa de campo. **Org.:** Lima, O. R. (2013)

Em análise do Quadro 3, o mesmo exibe três (03) indivíduos oriundos de Recife (PE), dois (02) sujeitos de Campo de Alegre de Goiás (GO), Ouvidor (GO) e Orizona (GO) que correspondem a cidades da região com distância entre 15 km, no caso de Ouvidor, e cerca de 150 km até Orizona. Outras regiões no Estado de Goiás sendo um (01) indivíduo. A seguir o Estado de Minas Gerais que apresenta quatro (04) indivíduos, assim o Tocantins com dois (02) sujeitos, as demais localidades de origens são os Estados de Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Pará, em menor proporção com um (01) entrevistado por estado.

Em relação ao tempo de residência em Catalão, o Quadro 4 evidencia a frequência de 27 indivíduos num intervalo de tempo de 05 – 20 anos de residência na cidade. Após, uma intermitência de 21 – 36 anos, o que corresponde a quinze (15) sujeitos. Tem-se o espaço de tempo de 37 – 52 anos e apresenta dez (10) sujeitos. Por fim, oito (08) moradores vivem há 53 – 67 anos em Catalão. Segundo Oliveira (1996) quanto mais experiências de vida no lugar mais tempo há para perceber suas paisagens. Levando em conta que as entrevistas foram aplicadas com moradores que vivem na cidade, no mínimo, há cinco (05) anos. Para Tuan (1983) o lugar oferece profundo significado emocional, para os sujeitos, na medida em que se

relacionam. Sendo o lugar, resultado da experiência e vivência do ser humano, afinal é necessário tempo para adquirir esses laços.

Quadro 4 - Catalão (GO): tempo de residência dos entrevistados na cidade - 2013

Tempo de Residência em Catalão (GO)					
Tempo/Anos	Sujeitos	Tempo/Anos	Sujeitos	Tempo/Anos	Sujeitos
18 anos	3	15 anos	2	09 anos	1
30 anos	7	53 anos	1	61 anos	1
43 anos	1	50 anos	1	16 anos	1
35 anos	2	19 anos	1	13 anos	1
05 anos	1	25 anos	2	55 anos	1
20 anos	3	45 anos	1	38 anos	1
41 anos	1	37 anos	1	40 anos	2
57 anos	1	26 anos	1	56 anos	1
10 anos	5	06 anos	1	66 anos	1
08 anos	2	14 anos	1	12 anos	3
60 anos	2	21 anos	1	43 anos	1
22 anos	2	42 anos	1	17 anos	2

Fonte: Pesquisa de campo. **Org.:** Lima, O. R. (2013).

Segundo Marandola Jr. (2012) a experiência dos indivíduos sobre uma dada espacialidade, embora constituídas pela cultura, memória e informação, só se tornará um conhecimento mediante a experiência física com o lugar. Este conhecimento é aquele que os moradores de uma determinada cidade, bairro, rua enfim no cotidiano vão adquirindo com o passar do tempo. Ressalta-se que, quanto maior o tempo de permanência de um indivíduo em um dado lugar, maior será suas informações sobre ele, conseqüentemente maiores as chances dos sentimentos de afeição ou mesmo rejeição a ser despertado. Lima (1996) assegura que é a partir da vivência da historicidade que a geograficidade pode aparecer, numa relação recíproca entre lugares, paisagens, memórias e culturas, envolvendo as questões subjetivas dos sujeitos.

De acordo com Tuan (1983) cada indivíduo tem níveis distintos de percepção do lugar vivido, visto que esses fatores favoreceram a compreensão da intrínseca relação entre indivíduo e lugar. Os sentimentos em relação às cidades são em geral ambivalentes, e apenas possíveis se houver satisfação, o que atrai e agrega o indivíduo à cidade. Segundo Carlos (2007) há um cenário que se assiste uma tendência à dissolução das relações sociais que unem

os homens entre si, implicando em uma metamorfose dos valores que servem de suporte à sociedade, o que provoca modificações no modo de vida urbano. Isto pode fracionar lugar, eliminando os referenciais, a memória e consciência do urbano, causando sensação de estreitamento da conexão com o mundo.

Quanto ao local de moradia dos entrevistados, sendo que as entrevistas foram aplicadas em seis (06) pontos distintos na cidade como evidencia o Quadro 5, e o Bairro Ipanema se destacou em relação ao quantitativo de indivíduos entrevistados. Uma das explicações pode ser o fato de que um (01) desses pontos selecionados para as entrevistas, a feira camponesa que acontece na Praça “Manuel Arcanjo”, e esse ponto teve participação de cinco (05) pessoas com residência no referido bairro. Um dos fatores que podem ser a justificativa é que sua realização acontece às quartas feiras com início as 17hrs, basicamente o horário em que os indivíduos estão saindo do trabalho e retornando para suas residências, e isso torna a ocasião oportuna para frequentarem a feira, levando em conta também, a frequente participação das donas de casa, as quais conduzem seus familiares na companhia de vizinhos para esse momento de lazer e descontração.

Quadro 5 – Catalão (GO): bairro em que residem os entrevistados - 2013

Bairros em que residem			
Locais de residência	Sujeitos	Locais de residência	Sujeitos
Bairro Ipanema	10	Jardim Paraíso	1
Vila Chaud	5	Jardim Brasília	1
B. N. Sra. De Fátima	4	Jardim Europa	1
Bairro São Francisco	3	Setor Central	1
Setor Universitário	3	Vila Maria	1
Parque das Mangueiras	3	Bairro São José	1
Jardim Primavera	3	Bairro das Américas	1
B. Monsenhor Souza	3	Bairro Leblon	1
Bairro São João	2	Vila Erondina	1
Vila Liberdade	2	Bairro Progresso	1
B. Castelo Branco	2	Bairro Cruzeiro I	1
Vila Margon II	2	Bairro Pontal Norte	1
Bairro JK	2	Bairro Lis	1
Vila União	2	B. dos Lucas	1

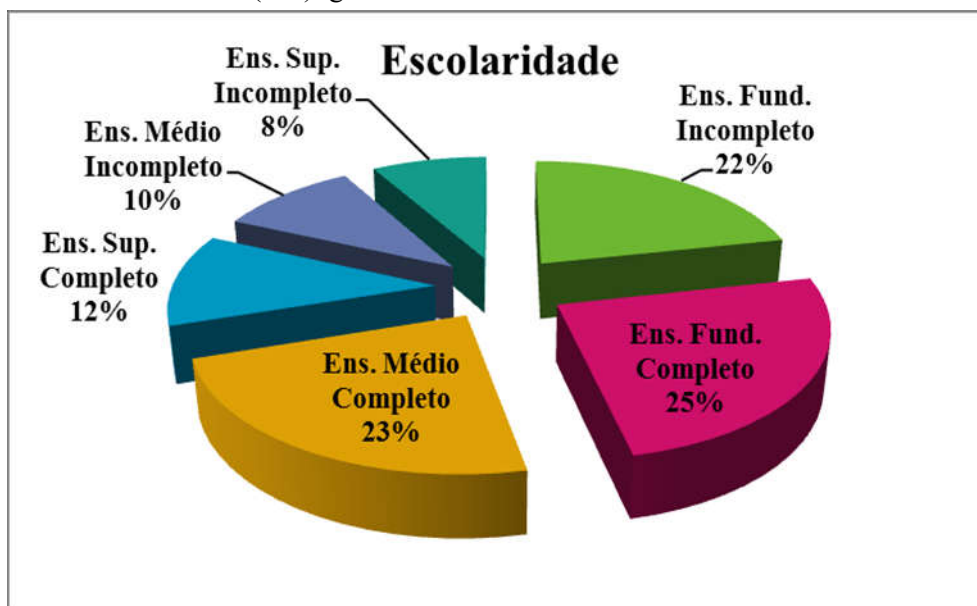
Fonte: Pesquisa de campo. **Org.:** Lima, O. R. (2013)

Como já expresseo, a aplicação das entrevistas ocorreu em seis (06) pontos

diferentes na cidade, esse cuidado foi no intuito de se ter dispersão geográfica, pois o objetivo foi contemplar maior número de bairros possíveis, sendo essa finalidade alcançada com vinte e oito bairros com moradores entrevistados, ver Quadro 5. O Bairro Ipanema teve maior concentração com dez (10) entrevistados, em seguida a Vila Chaud com cinco (05), logo o Bairro Nossa Senhora de Fátima com quatro (04) entrevistados, o Bairro São Francisco com três (03) indivíduos. Esse processo de aplicação das entrevistas trouxe maior espacialidade dos moradores entrevistados, e como resultado diferentes visões sobre a categoria paisagem.

Outro ponto de aplicação das entrevistas foi à feira de hortifrúti próximo a PMC, é realizada as terças e sextas feiras no período matutino. Acredita-se que por sua realização ser no Setor Central, a possibilidade de concentração de sujeitos que moram em um único bairro é mais difícil. Os dez entrevistados desse ponto, têm residência em bairros diferentes da cidade, isto se justifica por trabalharem nas proximidades da feira, e terem a tradição de frequentá-la para os diversos fins, ou mesmo para um simples bate papo. Para Kozel e Souza (2013) é através dos agentes sociais que as práticas simbólicas, os sentidos atribuídos aos lugares, à valorização do ser humano são essenciais no sentido de valorizar os costumes, tradições, simbolismos, signos e representações da visão que os indivíduos têm de seu mundo.

Gráfico 2 – Catalão (GO): grau de escolaridade dos entrevistados – 2013



Fonte: Pesquisa de campo. **Org.:** Lima, O. R. (2013)

No Gráfico 2, aborda quanto à escolaridade dos entrevistados, e evidencia que 25% deles apresentam a formação escolar do Ensino Fundamental completo, e representam um percentual significativo considerando os sessenta indivíduos. Em seguida 23% dos indivíduos tem o Ensino Médio completo, o que mostra uma parcela expressiva. Posterior, pode-se observar que 22% dos entrevistados possuem o Ensino Fundamental incompleto, o que concebe valor impresumível em relação à totalidade entrevistada. Em relação ao Ensino Superior completo, o Gráfico 2, confere apenas uma percentagem de 12% dos entrevistados, considerando que a cidade de Catalão conta duas unidades (uma pública e uma privada, excetuando as instituições que oferecem a modalidade semi presenciais), que oferecem várias opções para a formação superior, e pode-se dizer que 12% é um valor relativamente baixo em se tratando da oferta. Para o Ensino Médio Incompleto apresenta 10% desses sujeitos, e por fim, os entrevistados com Ensino Superior incompleto com 8%, estes representam a parcela em curso com a graduação, e os que a interromperam.

O grupo com menor grau de escolaridade é equivalente a 57%, considerando os sujeitos com: Ensino Fundamental incompleto, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto. A classe com maior formação em relação à escolaridade é de 43%, levando em conta os indivíduos com: Ensino Superior completo, Ensino Superior incompleto e Ensino Médio completo. As entrevistas foram essenciais, pois contribuíram para conhecer um pouco do perfil dos sujeitos, sendo que os integrantes dos 57%, em grande maioria possuem maior experiência de vida. Tuan (1980) diz que tiveram mais tempo para perceber o mundo vivido e o lugar que os circundam. “[...] o conhecimento é a relação de mundo com as determinações científicas, abstratas e independentes, como a Geografia em analogia à paisagem, primeiro apreende o que é uma floresta, um riacho, e posterior o que constitui esses lugares para nossa essência” PONTY (1993, p. 57). O autor fala das experiências de mundo do ser humano, que se inicia em menor escala e depois abrange o todo.

Quadro 6 – Catalão (GO): ocupação dos entrevistados – 2013

Dados Ocupacionais					
Profissão	Sujeitos	Profissão	Sujeitos	Profissão	Sujeitos
Dona de casa	9	Maquinista	1	Salgadeira	1
Aposentado(a)	5	Motorista	1	Soldador	1
Lavrador(a)	4	Aux. Geral	1	Corretor(a) Imóveis	1
Estudante	4	Aux. Fiscal	1	Comerciante	1
Autônomo	3	Repositor(a)	1	Vendedor(a)	1
Aux. Administrativo	2	Fiscal	1	Manicure	1
Feirante	2	Carpinteiro	1	Conferente	1
Diarista	2	Analista de Crédito	1	Professor(a)	1
Construtor(a)	2	Enc. de Obra	1	Costureira	1
Funcionário(a) Público	1	Geógrafo(a)	1	Op. Balizamento	1
Cantor/Compositor(a)	1	Pintor	1	Mont. Mármore	1
Contador(a)	1	Aux. Almorifado	1	Mineirador	1

Fonte: Pesquisa de campo. **Org.:** Lima, O. R. (2013).

No que diz à profissão dos entrevistados, conforme Quadro 6, aponta um número diversificado de funções, entre elas às de maior expressividade são as donas de casa com nove (09) entrevistadas, os aposentados com cinco (05), lavrador e estudante com quatro (04) indivíduos em cada profissão. As ocupações mais citadas podem representar as características funcionais dos lugares de aplicação das entrevistas, como as feiras livres, a “represa do Haley”, a Praça “marca tempo”, estes lugares podem propiciar visitas, como exemplo, dos dois (02) primeiros colocados, no Quadro 6. As demais profissões correspondem a trinta e dois ofícios diversos, e são de significativo valor, pois esses sujeitos transitam pela cidade, tendo mais opções em perceber as paisagens.

Para contribuir com a discussão, Carlos (2007a) afirma que a vida no dia a dia, se define como uma totalidade apreendida de seus momentos nos locais de trabalho, lazer e vida privada entre outros planos do indivíduo e coletivo. Estas relações possuem conexões com todas as atividades do ser humano, em suas diferenças e similaridades, pois, é no cotidiano que a vida ganha sentido e formas, se constituem o conjunto de relações que fazem do humano um todo. Pode-se dizer que os resultados dessas interações são impregnados na paisagem, e que determina as marcas da cultura e destaca ainda as atividades produtivas, o modo de reprodução, a maneira em utilizar as tecnologias acessíveis e o que estas ações provocam com o decorrer do tempo histórico no cotidiano do ser humano no lugar vivido.

O Quadro 7 evidencia o local de trabalho dos moradores, sendo (45) quarenta e cinco entrevistados, levando em conta que neste grupo estão aposentados, donas de casa, diaristas, estudantes e os indivíduos que não disseram o local de trabalho. Os demais sujeitos estão distribuídos em treze instituições distintas. Este item é essencial, no sentido inclusive, de considerar a movimentação dos sujeitos na cidade, isto pode favorecer o perceber das paisagens, com mais ou menos intensidade o que depende das capacidades individuais.

Quadro 7 – Catalão (GO): local de trabalho dos entrevistados – 2013

Local de Trabalho			
Empresa/empregador (a)	Sujeitos	Empresa/empregador (a)	Sujeitos
Outros	45	Santa Casa/hospital	1
Prefeitura Municipal	2	RJ Machado	1
Feira/Prefeitura	2	1000 Et.Calçados	1
Escola Munic.Fco Clementino	1	Mitsubish Motors	1
Anglo American	1	Vigilância Sanitária	1
ContMed	1	Só Pedras	1
Brasil Brokrs	1	CMC	1

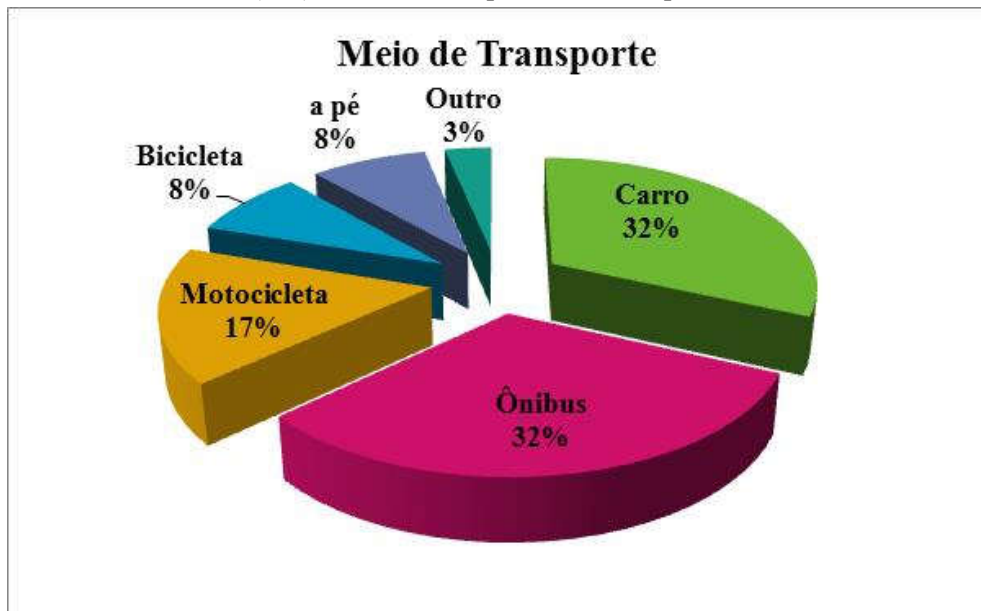
Fonte: Pesquisa de campo. **Org.:** Lima, O. R. (2013).

O Quadro 7 caracteriza, também, quanto ao grau de escolaridade dos indivíduos, pode-se dizer que a visão de um vendedor (a) é diferente da visão de um (a) minerador (a), sendo que vivem realidades distintas. A formação traz contribuições no sentido de “perceber” as paisagens, mas este é um fator que não se define por si só, ou melhor, não quer dizer que esses indivíduos são os que melhor percebem as paisagens, ou que são donos das melhores compreensões, ressalta-se, a importância em entrevistar moradores que tem diversos níveis de escolaridade. Os caminhos percorridos podem ser consideráveis no processo de percepção, sendo que leva em conta possibilidades de percepção durante o percurso que é feito ao ir para o trabalho e demais atividades do cotidiano.

O Gráfico 3, trata sobre os meios de transporte, expõe que 32% dos indivíduos utilizam ônibus, e, igualmente outros 32% usam carro para a locomoção, e confirma que estes meios de transporte têm maior representatividade. Tem-se um percentual de 17% dos

entrevistados que empregam motocicleta para seus deslocamentos, características essa considerada dentro dos padrões para a cidade, visto que foram entrevistados moradores com diferentes faixas etárias, geralmente, quem tem maior idade não costumam usar esse veículo. Posterior, 8% dos sujeitos utilizam bicicleta para locomoção, logo, considera-se que o relevo não contribui, dentre outros fatores o *status* social pode interferir nesse processo.

Gráfico 3 – Catalão (GO): meio de transporte utilizado pelos entrevistados - 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. **Org.:** Lima, O. R. (2013).

Do total de sessenta entrevistados, 8% declararam que se movimentam a pé, e 3% usam outros meios não mencionados. Para Carlos (2007a) ao transitar no carro, em velocidade, a paisagem das casas, edifícios se transformam apenas em fachada e perde a tridimensionalidade, suas formas, fixidez e o significado da rua muda radicalmente, priorizando o movimento e transformando-se em lugar de deslocamento e passagem, onde o que importa é o percurso. Finaliza esta subseção, e através das exposições teve-se a oportunidade de pensar as distintas formas de perceber o mundo além do simples olhar, as possibilidades que podem ser narradas por quem vive ou frequenta um dado lugar, isso traz a tona recordações que auxiliam a descobrir o sentido da vida. Para Carlos (2007a) o olhar deslumbra, seduz a conhecer sempre novos lugares, constitui-se um descobridor de mundos, que vai além do perceber.

5. 2 Análise topofílica da paisagem de Catalão (GO)

Pode-se dizer que a topofilia, enquanto valor, sentimento e elo com o lugar vivido constituem elementos estruturadores de ligação afetiva²¹. Esta conexão não é idêntica entre indivíduos, sendo que constroem diferentes e múltiplas ideias, impressões, apreciações, percepções, pré-conceitos e imagens de um mundo que não é percebido da mesma forma por todos. A partir do entendimento desses valores, inclusive, é que se podem induzir os sujeitos a envolver-se com o lugar que os cercam, e vai depender do emaranhado de elementos existentes entre os indivíduos e a forma como percebem a paisagem no dia a dia. Para Rêgo e Fernandes (2012) essa discussão se aproxima dos conceitos que são abordados pela Geografia Humanista, vertente que tem como enfoque fundamental os estudos de percepção, que parte da conjectura de que a definição do comportamento humano, na relação com o lugar baseia-se em crenças e valores.

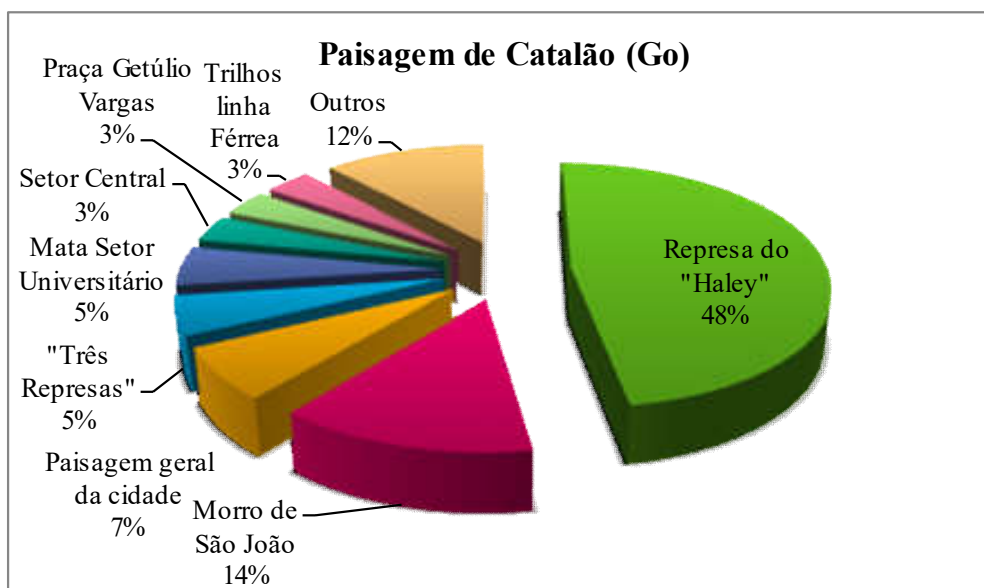
Collot (1990) diz que a várias formas que o ser humano possui para compreender o mundo tem-se: a visão, o olfato, a audição e o tato, atuam nas maneiras de reconhecer o que está a sua volta, os estímulos adquiridos no lugar vivido, e que atuam de formas distintas. O processo de percepção parte de informações simultâneas que pode ser táteis, auditivas, visuais, olfativas. Considerando as diferentes intensidades e permite sentir as distâncias e direções, sendo que os sentidos fazem parte do processo de reconhecimento do lugar, e que servem como orientação. Para Claval (2008) imaginar o lugar e paisagens na dimensão do vivido, dos valores, da existência e da cultura, é uma proposta de valorização dos aspectos subjetivos, que também são importantes nas análises sócio espaciais por considerar nela a inserção do ser humano enquanto sujeito e agente do processo de construção espacial.

Em seguida tem-se a análise de duas questões abertas das entrevistas integrantes do “questionário B - segunda parte”, (APÊNDICE): 2) *Qual é a paisagem urbana de Catalão que você mais gosta?* e 4) *Que tipo de sentimento você têm por estas paisagens?* O Gráfico 4, mostra a paisagem urbana de Catalão mencionadas pelos entrevistados, o que corresponde a indagação: 2) *Qual é a paisagem urbana de Catalão que você mais gosta?* Esta evidencia o

²¹ Refere-se a esta ligação afetiva como uma associação do sujeito ao lugar de vida, unindo os conceitos de percepção, sentimento e atitude. Este neologismo (topofilia) revela a filiação do ser humano para com o ambiente que o cerca. (TUAN, 1980).

sentimento que os moradores têm pelas paisagens da cidade. Pode-se considerar a paisagem urbana como uma feição das consecutivas relações entre o ser humano e a natureza, sendo o primeiro apreendido, tanto enquanto indivíduo, quanto elemento transformador.

Gráfico 4 - Paisagem urbana que mais agrada aos entrevistados: Catalão (GO)- 2013



Fonte: Pesquisa de campo. **Org.:** Lima, O. R., (2013).

No Gráfico 4, percebe-se um percentual de 48% dos sessenta entrevistados, os quais disseram que a paisagem da cidade de Catalão que mais gostam é o Complexo Recreativo “clube do povo” ou “represa do Haley”. Em seguida, o Morro de São João com 14% de preferência entre os entrevistados. Posterior, 7% declararam gostar da paisagem de toda a cidade, entre outros dados que podem ser observados no Gráfico 4. Demais paisagens foram mencionadas nas entrevistas, como: a Estação Ferroviária, o Morro Três Cruzes, a Praça das mães, a Av. Raulina Fonseca Paschoal, a Igreja Velha Matriz, a Praça "Pio Gomes" e o Clube Recreativo Atlético Catalano – CRAC, que individualmente representam 2% cada paisagem o que perfaz um total de 12%. A seguir, a Foto 18, representa a paisagem que 48% dos entrevistados declaram mais gostarem na cidade.

Foto 18 – Catalão (GO): “Clube do povo” em destaque, as rampas de patinação e skate -2011.



Fonte: Pesquisa de campo. **Autor:** Marçal, P. R., jan. (2011).

Como constatado por meio das entrevistas, obteve-se um percentual de 48%, no total de sessenta entrevistados, sendo que esse percentual apontou o Complexo Recreativo o qual inclui a “represa do Haley” como paisagem símbolo da cidade de Catalão. Esta constitui a paisagem mais lembrada pelos entrevistados, e assim, pode apresentar uma série de significados no imaginário visual dos 48% de sessenta entrevistados. Pelo fato de grande parcela dos entrevistados lembrarem esta paisagem, pode ser traduzido em uma provável identificação desses sujeitos para com o lugar, ora devido a sua importância para as práticas de atividades físicas e de lazer, ora pelo convívio no dia a dia dos indivíduos que ali circulam. Tuan (1983) diz que o homem constrói referenciais afetivos com o lugar, estas ações são desenvolvidas ao longo da vida, a partir da convivência e da experiência. Esses lugares, por sua vez, transmitem sensações que variam entre segurança e/ou proteção.

Nesse sentido, é válido estudos que tratam sobre temáticas culturais e que podem auxiliar na compreensão da significação das paisagens. Por outro lado, tem-se notado considerações voltadas apenas para aspectos físicos e econômicos da sociedade, no mundo cada vez mais moderno, estes são delineados pela complexidade de usos e ideais que não

promovem leituras das questões subjetivas de mundo. De acordo com Claval (2008, p. 20), “[...] com a utilização da abordagem cultural, a Geografia torna-se uma ciência das cores, dos sons, do movimento, uma realidade concreta”. Rêgo e Fernandes (2012) complementam, é nas cidades que se tem a possibilidade de entender a visão do ser humano, é neste lugar que se projeta as paisagens construídas, e é nos espaços urbanos que materializa e distingue o domínio do ser humano sobre a natureza, as retificações, as construções, as simetrias, a ordem e o pensamento em relação à função que acompanha a evolução das paisagens.

Em prosseguimento com a análise das entrevistas, tem-se a questão: 4) *Que tipo de sentimento você têm por estas paisagens?* Sendo que esta é um complemento dos itens anteriores, e estão inter-relacionadas e integra o questionário B – segunda parte, em (APÊNDICE). Nessa perspectiva, optou-se em fazer a análise de dezoito entrevistas, sendo três (03) em cada ponto. Destaca-se que a interpretação de sessenta entrevistas demandaria muito tempo e espaço, por isso, optou-se em analisar apenas parte desse total, levando em conta que não foi utilizado nenhum método para a escolha, mas, procurou mesclar discursos que abrangesse assuntos físicos e culturais em relação ao questionamento da entrevista, nesse caso, em relação à questão 4, do questionário B – segunda parte em (APÊNDICE).

No Quadro 8 apresenta uma infinidade de informações segundo as considerações dos entrevistados na ocasião da aplicação das entrevistas. Como indica o quadro, em termos gerais, os indivíduos têm preocupações com as questões culturais, os valores, a memória, os lugares, a infância, as lembranças, inclusive, as problemáticas físicas da cidade. Pelo fato do Quadro 8 já expor o diálogo dos entrevistados, optou-se em ponderar sobre algumas dessas exposições para que a leitura não seja cansativa. Diante disso, o sujeito A percebe a paisagem catalana com orgulho, as melhores condições para a população, o crescimento urbano, as opções de lazer, porém não deixa de mencionar a beleza das praças. O entrevistado D declarou que as paisagens da cidade não despertam nenhum sentimento, talvez pelo fato de que ainda não havia pensado sobre o assunto, logo, existe a possibilidade de que a partir dessa “conversa” o mesmo venha ter alguns conceitos sobre a paisagem urbana. A seguir apresenta-se o Quadro 8, evidencia parte da fala dos entrevistados no que diz a questão: 4) *Que tipo de sentimento você têm por estas paisagens?*

Quadro 8 - Catalão (GO): sentimentos dos entrevistados em relação à paisagem da cidade-2013.

Questão 4: Que tipo de sentimento você têm por estas paisagens? (em referência as questões anteriores)	
Sujeitos	Fala de dezoito indivíduos entrevistados
A	"Sentimento de orgulho, conquista, para a população. Auto demanda do crescimento urbano, praças, opções de lazer".
B	"Os momentos de lazer fazem bem a alma. São momentos de tranquilidade e contato com a natureza."
C	"Sente que os lugares estão oabandonados e a natureza maltratada...".
D	"Não desperta nenhum sentimento".
E	"Olha a cidade é muito acolhedora, bom lugar e sente bem, bons amigos, família, enfim".
F	"Sente bem quando lembra a história de amor do lugar". (se refere ao Morro de São João).
G	"Quando era criança...lembra a infância boa. Sentimento sem explicação, se sente bem".
H	"Satisfação em ter na cidade o "Morrinho de São João...".
I	"Lembra a vida de solteiro, não tinha responsabilidades, aproveitava a vida..."
J	"Lembra da infância, o museu..."(se refere ao Museu Cornélio Ramos, antiga Estação Ferroviária).
L	"Não sabe responder, mas gosta de frequentar todas as paisagens da cidade, po que tras paz e tranquilidade".
M	"Sentimento de saudosismo, lembra de quando chegou na cidade, seus pais, sua família...gosta da cidade"(se emociona).
N	"Sente que o tempo passou muito rápido, gostaria de ter aproveitado mais esses lugares, a Praça Getúlio Vargas..."Se
O	"Sentimento de saudade de minha infância, de quando meu pai vinha na cidade antigamente..."(nasceu na fazenda).
P	"Uai...lembra de tudo, a cidade tá crescendo, progresso, um sentimento de gratidão, não quer morar em outro lugar".
Q	"Os administradores fizeram muito por nós, lembra que as coisas eram mais difíceis...a condição de vida está melhor...".
R	"Chama atenção por que gosta muito do que é verde".
S	"A cultura de Catalão...e práticas esportivas, de lazer ao ar livre; flores (Praça das Mães e dos Congos)

Fonte: Pesquisa de campo. **Org.:** Lima, O. R., (2013).

Em análise do Quadro 8, o sujeito F diz que sente bem quando lembra a história de amor²² vivida no Morro de São João. Vê-se com isso, inclusive, a importância em trazer à memória as histórias vividas nos lugares, em poder revisitar o passado, sendo que essa atitude pode valorizar a cultura dos indivíduos em relação aos grupos na sociedade. Para Carlos (2007a) tem-se a perspectiva de desvendar os lugares, como são percebidos e apegos, que emoções emergem quando se fala dos lugares, das narrativas biográficas, dos romances, entre outros elementos essenciais a constituição dos referenciais do ser humano na paisagem vivida. Ainda no Quadro 8, o entrevistado J, respondeu a essa inquirição dizendo que se remete a lembrança da infância, da Estação Ferroviária (hoje o Museu Cornélio Ramos). Por meio dessa fala pode-se perceber igualmente a importância de se preservar os lugares públicos.

O indivíduo N diz que o tempo passou muito rápido e que gostaria de ter aproveitado mais esses lugares, menciona a Praça Getúlio Vargas. Outra vez percebe-se a

²² O entrevistado (a) se refere à história de Rita Pó (Ritinha), uma mulher que enlouqueceu por um grande amor diz a "lenda", "história" que depois de morta, assombra os indivíduos que visitam o Morro São João. Mais informações: <http://www.catalao.go.gov.br/noticias/>.

importância do lugar vivido na visão dos entrevistados. Segundo Carlos (2007b) a destruição dos referenciais urbanos fica visível com o desaparecimento das marcas do passado histórico na/da cidade provocando não só o estranhamento, as formas mudam rapidamente, mas porque estas produzem as possibilidades que atestam o empobrecimento das relações de vizinhança, a mudança no re(conhecimento) entre o humano, o que provoca o esfacelamento das relações familiares. Concomitante a isso, o tempo que passa rápido é o mesmo que transforma as paisagens e destrói as referências que os sujeitos têm desses lugares.

Para o entrevistado P a cidade está crescendo, com o progresso contínuo, e expõe não querer morar em outro lugar. Os sentimentos topofilicos para com a cidade em sentido geral, sentimentos de gratidão, o indivíduo apresenta certa insatisfação com o crescimento urbano, que segundo ele deixou a cidade violenta (essa parte não foi transcrita para o quadro devido ao espaço). Segundo Bachelard como tudo se torna concreto no mundo quando uma simples porta vem proporcionar as imagens da hesitação, da tentação, do desejo, da segurança, da livre acolhida, do respeito! Narraríamos toda nossa vida se fizéssemos a narrativa de todas as portas já fechadas, as que abrimos e todas as portas que gostaríamos de reabrir. O autor menciona o valor em voltar ao passado, mesmo que seja em lembranças.

Nessa perspectiva, com a retomada da visão humanista da Geografia, visto que algumas questões se voltam para as particularidades dos indivíduos e dos grupos em uma sociedade que tende a moldar e homogeneizar pela funcionalização, pelos traços singulares culturais dos diferentes lugares. Para Castro (2013) os povos frágeis economicamente são os mais suscetíveis à desvalorização das heranças culturais. Para Oliveira (2001) a Geografia Humanista trouxe novas luzes e abriu possibilidades para compreender os valores nos enfrentamentos dos desafios, e algumas das provocações postas hoje: a crença infalível na ciência e na tecnologia, a coletividade baseada nos pressupostos insensíveis nas estruturas sociais e também erguer um edifício fundamentado na nova ética das relações humanas.

Posterior a essas discussões, tem-se o sujeito S quando perguntado: 4) *Que tipo de sentimento você tem por estas paisagens?* Expõe sobre a cultura da cidade de Catalão, das práticas esportivas, de lazer ao ar livre e as flores na Praça das Mães e dos Congos. Através dessa fala observa-se a infinidade de possibilidade que esse indivíduo percebe na paisagem urbana. Esse entrevistado envolve em sua fala questões culturais, aborda as flores nas praças, mas, não deixa de preocupar com os outros assuntos, como as atividades físicas. Rocha (2003,

p. 39), diz que “[...] as pessoas têm experiências agradáveis ou desagradáveis dos lugares, espaços, paisagens, mesmo não conhecendo nada de Geografia, como uma ciência formal”. Percebe-se que é um indivíduo observador e que consegue ver a paisagem de forma ampla.

Ainda em observação ao Quadro 8, ressalta-se que de modo geral os entrevistados tem uma vasta concepção da paisagem urbana, uns com uma visão para o lado físico, portanto outros indivíduos conseguem discernir elementos que estão emaranhados em suas complexas relações. Segundo Tuan (1980) estas relações podem ser compreendidas somente através da observação e medição, mas que devem primeiro ser vividos, experienciados para posterior serem entendidos como eles realmente são. É nesse sentido que se apresenta um novo modo de pensar a Ciência Geográfica a partir o enfoque cultural, no qual a natureza, a sociedade e a cultura são refletidas como fenômenos complexos sobre os quais se obtém respostas a partir de experiências que apresentadas conforme o sentido que as pessoas dão à sua existência.

Rolph (1979), Buttimer (1985) e Lowenthal (1985) dizem que os indivíduos são ligados ao mundo através de sua vivência e de seus sentidos, entretanto, cada um percebe a realidade de forma diferente, visto que cada ideia é composta por uma consciência fundamentada nas experiências que originam aprendizados, memórias, eventos estes que tornam os sujeitos idiossincráticos em contato com espaço geográfico a partir das percepções sobre o mesmo. Tais eventos não extingue a afirmação de que os seres humanos podem compartilhar determinadas percepções, tendo em vista a vivência no mundo partilhado em suas experiências. Ressalta-se que a percepção retrata os interiores, as formas de pensar, os sentimentos e emoções para com o lugar vivido inclusive as formas de perceber as paisagens.

Segundo Rocha (2007) há na Geografia uma multiplicidade de abordagens que se justapõem, logo, as verdades não são absolutas e o conhecimento é superado a cada dia, abrindo novas leituras para a compreensão da relação sociedade e natureza. Nessa perspectiva, a percepção é uma atividade de interação dos indivíduos para com o lugar, haja vista que este processo ocorre por meio de mecanismos perceptivos, entre eles destacam-se (a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar) e as estruturas cognitivas (a inteligência, incluindo como elemento da motivação, humores prévios, valores). Por fim, apreender sobre as inter-relações entre o humano e natureza, a partir disso, melhor compreender as constantes transformações da superfície terrestre como um todo, e a partir disso pode emergir uma série de possibilidade para a percepção das paisagens vividas no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Distinta das categorias lugar e território que passaram por radicais reformulações, a categoria paisagem resguardou ao longo do tempo relativa constância, contraditoriamente reside em sua própria ambiguidade, nem sempre admitida por alguns geógrafos. Essa categoria conserva para si algumas dicotomias: física/humana, morfologia/cultura, trabalho/ideia, materialidade/imaterialidade, representações coletivas/valor individual, paisagem-tipo/paisagem real. Sendo assim, a cultura constitui objeto de várias discussões e a paisagem constitui uma categoria que pode ser apreendida através de diversos olhares e que facilmente se ajusta aos discursos ideológicos. A variação de suas definições ao longo do tempo, talvez mais explícito em outras categorias, fator este que pode ser compreendido ao ponderar sobre contexto que se apresentam. Permite-se compreender com essas abordagens, o entendimento que os estudiosos explicita ou implicitamente entendem por cultura.

A paisagem é uma das categorias mais antigas da Ciência Geográfica, constitui um dos primeiros temas estudados pelos geógrafos alemães e franceses sob o ponto de vista cultural, sendo que a partir do exposto, e nas premissas conceituais em que está embasada a pesquisa, e como forma integrante de melhor compreender a atitude da percepção proposta no presente estudo. Em seguida, com a aplicação das entrevistas no sentido de entender as percepções dos moradores, com isso, se pode apreender um pouco da vivência da cidade de Catalão (GO), fatores esses que permitiram decodificar um pouco das questões culturais impressas na paisagem urbana da cidade na visão dos sessenta entrevistados. Esses fatores contribuíram expressivamente no sentido de entender qual a compreensão que esses moradores têm em relação à percepção da paisagem urbana, com fundamentos na topofilia.

A categoria paisagem nas últimas décadas tem despertado interesses e debates no mundo inteiro, o que certamente é resultado e reflexo dos esforços de seus estudiosos, sendo que se acredita em seu valor e legitimidade como categoria de análise na Ciência Geográfica, inclusive, objeto de estudo nos mais diversos campos do conhecimento. Vale ressaltar que esse estudo não discute a memória dos lugares como uma espécie de “arqueologia” ou como procura por algum tipo de “ruína” de paisagens vividas. Visto que o principal interesse abordado na pesquisa é o resultado que a memória dos lugares vividos representa diante das paisagens percebidas para cada indivíduo, em especial. Além disso, a própria inserção do

humano nas paisagens, e o que essa atitude concebe no sentido cultural para a sociedade. Estas ações são formas singulares que podem contribuir na compreensão dos laços afetivos e colabora na compreensão das experiências do cotidiano vivido nas paisagens por meio especialmente, de seus valores culturais.

Seguindo esse raciocínio, entendemos que as cidades são resultado de um complexo emaranhado de possibilidades diante do processo de percepção das imagens no cotidiano. Assim, as cidades podem ser entendidas a partir da ênfase de um caráter pragmático, utilitário e técnico, permeados de valores econômicos, sociais, políticos e culturais para a sociedade. Nesse sentido, as cidades, além de produto de necessidades primárias são também permeadas por outros desejos, sendo alguns imprescindíveis, abstratos, como os sentimentos, a estética, o simbólico e demais formas de atuações do imaginário que se constitui integrante e obra da história da civilização. As cidades devem ser eficientes, inclusive, cativante para seus habitantes, permitir uma vivência aconchegante que possibilite um olhar positivo sobre suas formas paisagísticas. Os sentimentos em relação às cidades são em geral ambivalentes, e têm-se a possibilidade de atrair e agregar o indivíduo ao lugar.

Com o passar do tempo, o conhecimento científico, nesse caso as ciências humanas – na tentativa de compreender e interpretar os acontecimentos do mundo e na constante busca por respostas – questões que contribuem na sua evolução e podem determinar as transformações sociopolíticas, econômicas, culturais e espaciais ocorridas no cenário mundial. Respectivamente, estes paradigmas constituem princípios teóricos que constituem conceitos em níveis de relevância e priorizam determinados valores e atitudes na procura em elucidar cientificamente as transformações da realidade e seus possíveis desdobramentos. Nessa busca incessante, vê-se a essencialidade em encontrar respostas, também, aos questionamentos que estão emaranhados nas relações vividas no cotidiano, nos sentimentos de apego às paisagens do lugar vivido, às conversas na porta das residências, do contato direto entre os indivíduos. Assim, o mundo moderno tem contribuído na mitigação das vivências nos lugares na memória dos sujeitos devido às transformações constantes nas paisagens.

Atravessa-se um período de transformações no universo de forma geral, e as ciências não ficam de fora dessas conturbações promovidas em especial pelos avanços da terceira revolução industrial e da globalização. Haja vista que as renovações e reestruturações que o mundo moderno apresenta têm colocado em evidência alguns debates, inclusive,

envolvendo as ciências em seus diversos campos do conhecimento, logo, como resultado tem-se uma série de conflitos que permeiam as relações entre os indivíduos. É nesse sentido que o presente estudo procurou entender os símbolos e signos que podem estar impressos nas paisagens e no lugar de vivência dos sujeitos envolvendo estimas, apreços, e significados perante o cotidiano. Ressalta-se que a pesquisa permitiu compreender um pouco da paisagem urbana da cidade, seus valores e sentimentos na visão dos sessenta moradores entrevistados. Diante disso, estas experiências tiveram valor expressivo quanto à aquisição de novas concepções dessas paisagens e lugares vividos.

A afeição pelos lugares sob a ótica da paisagem vivida pauta nas experiências, nos anseios e integram o todo envolvendo singulares expressões. Ao pensar a paisagem de uma cidade como fenômeno vivido, depara-se com uma imensidão de significados, experiências, julgamentos e pré-conceitos. E os símbolos são elementos expressivos cravados nas paisagens. As experiências adquiridas com a pesquisa foram de extremo valor, enquanto procura para a compreensão das transformações a que as paisagens estão sendo submetidas, porém, tais modificações apontadas pelo viés cultural. Sabe-se que indivíduos e paisagens se encontram num arranjo em constante movimento, e a topofilia sugere o reconhecimento de lugares e paisagens além da realidade vista pelo lado físico, rompidos por meio de percepções individuais edificadas a partir da concretude dos laços com a exterioridade, expondo os símbolos, os sentimentos e expressões da essência de quem a percebe.

Finalizo este estudo confiante na essencialidade em compreender as paisagens do cotidiano no lugar vivido. Por sua vez, a conclusão da pesquisa no Programa de Pós-graduação em Geografia trouxe consideráveis aprendizados, tanto no período de realização das disciplinas, na participação nos debates, nos eventos, inclusive no contato com os moradores nas visitas pré-campo e durante a aplicação das entrevistas. Esta última trouxe importantes saberes, novas percepções, compreensões singulares para o crescimento profissional e pessoal, através do contato com os moradores entrevistados muito foi apreendido com os relatos de vivências e saberes. Assim, estas colocações trouxeram conhecimento único quanto às experiências, valores, percepções sobre a cidade de Catalão, suas paisagens, lugares, costumes entre outros elementos essenciais nas relações que envolvem o ser humano e natureza.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2ª ed. 2003. 160 p.
- ALMEIDA, A. P. **A percepção da paisagem urbana de Santa Maria (RS) e os sentimentos de tofilia e topofobia de seus moradores**. 2007. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.
- AMORIM FILHO, O. B. A formação do conceito de paisagem geográfica: os fundamentos clássicos. **Cadernos paisagens**, Rio Claro, n. 3, p. 123-138, maio 1996.
- ANDRADE, M. C. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006. 243 p.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O debate contemporâneo sobre os paradigmas. In: _____. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 129 – 146.
- ALVES, F. D. Considerações sobre métodos e técnicas em Geografia Humana. **DIALOGUS**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 200-241, 2008.
- ALVES, F. D; NETO, D. P. O Legado teórico-metodológico de Karl Ritter: contribuições para a sistematização da Geografia. 2009. Disponível em < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/geouerj/article/view/1428/1206#>> Acesso em: 02 jan. 2014.
- BACHELARD, G. (tradução: Antônio de Pádua Danesi). **A poética do espaço**. São Paulo. Martins Fontes, 1974. 242 p.
- BARROWS, H. H. La Geografía como ecología humana. In: GOMÉZ MENDOZA, J; MUÑOZ JIMÉNEZ, J.; ORTEGA CANTERO, N. **El pensamiento geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales)**: Madrid: Alianza Editorial, 1988. p. 336-348.
- BERNAYAS ALAMO, J. La percepción del paisaje. In: BERNAYAS ALAMO, J.; HERAS HERNÁNDEZ, F.; LUCIO, J. V. (Org.). **Viviendo el paisaje: guía didáctica para interpretar y actuar sobre el paisaje**. Madrid: Natwest, 1994. p. 411- 426.
- BERTRAND, G.; BERTRAND, C. Uma Geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. In: PASSOS, M. P. (Org.). **Uma Geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Massoni, 2007, 332 p.
- BESSA, E. Correntes do Pensamento Geográfico. **Espaço da Geografia**, 18 jan. 2011. Disponível em: <<http://edivaldobessa.blogspot.com.br/2011/01/correntes-do-pensamento-geografico.html>>. Acesso em: 05 mai. 2013.

BISPO, C. L. de S. **As vilas de Pires Belo e Santo Antônio do Rio Verde no município de Catalão (GO):** territórios onde rural e urbano se encontram. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2011.

BLEY, L. **Percepção do espaço urbano:** o centro de Curitiba. 1982. 186 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Campus de Rio Claro, Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro, 1982.

BORGES, C. Pelo Amor de qualquer coisa, salvem as represas do Monsenhor de Sousa! **Catalão Notícias**, Catalão, 27 mar. 2013. Notícias, p. 1. Disponível em: <<http://www.catalaonoticias.com.br/voce-reporter/pelo-amor-de-qualquer-coisa-salvem-as-represas-do-monsenhor-sousa,MTM4NjM.html>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

BRITTO, C. M; FERREIRA, C. de M. Paisagens e as diferentes abordagens geográficas. **Revista Geografia**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2011. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistageografia/files/2011/12/Revista>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 165-193.

CAMARGO, J. C. ELESBÃO, I. O problema do método nas ciências humanas: o caso da Geografia. **Mercator**, Rio Claro, v. 3, n. 06, 2004. p. 8-18. Disponível em <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/120/91>> Acesso em: 02 out. 2011.

CAPEL, H. **Geografia e ciência na Geografia contemporânea:** uma introdução à Geografia. VILLALOBOS J. G. (Org). Maringá. 2. ed. Massoni: 2008. 117 p.

CASTRO, I. E; GOMES, P. C; CORRÊA, R. L. **Geografia:** conceitos e temas. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 352 p.

CASTRO, M. S. Sobre Paul Claval: impressões e registros geográficos. In: ALMEIDA, M. G. de; ARRAIS, T. A. **É geografia, é Paul Claval**. Goiânia: FUNAPE, 2013. p. 8 a 29.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano:** novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur, 2007a. 123 p.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur, 2007b. 85 p.

CAVALHEIRO, F. Urbanização e alterações ambientais. In: TAUKE, S.M. (Org.). **Análise ambiental:** uma visão multidisciplinar. São Paulo: Edunesp, 1991. p. 88-99.

CHRISTOFOLETTI, A. As características da Nova Geografia. In: **Perspectivas da geografia**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1985, p.71-101.

CLAVAL, P. A Geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações de cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 59-98.

(Série Geografia Cultural).

_____. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 49-58, 1999.

_____. Introdução: uma, ou algumas, abordagem (ns) cultural (is) na Geografia Humana? In: SERPA, A. **Espaço cultural: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 13-29. 2008. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/49290915/A-ABORDAGEM-CULTURAL-NA-GEOGRAFIA>>. Acesso em: 21 Out. 2013.

_____. A virada cultural em Geografia. In: ALMEIDA, M. G. de; ARRAIS, T. A. **É geografia, é Paul Claval**. Goiânia: FUNAPE, 2013. p. 92-105.

_____. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 149-168. 1999.

COELHO, L. C. **Revelando a paisagem através da fotografia: construção e aplicação de um método - Porto Alegre vista do Guaíba**. 2011. 313 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2011.

COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 20, n. 39, 1990, p. 21-32. Disponível em <http://www.rc.unesp.br/igce/newpos/new_geo/downloads/2006/crescimento.pdf>. Acesso em: 23 out. 2013.

CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Z. (Org) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p.

_____. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORRÊA, R.L. et al. (Org). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Mundo dos significados: Geografia Cultural e imaginação. In: CORRÊA, R.L. et al (Org.). **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, R. L. et al. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003. p. 92-123.

DEGASPARI, S. D.; VANALLI, T. R.; MOREIRA, M. R. G. **Apostila de normalização documentária: com base nas normas da ABNT**. Presidente Prudente: Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação, 2006. 31 p. Disponível em: <<http://www2.prudente.unesp.br/biblioteca>> Acesso em: 10 Jun 2011.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Editora da UFSCAR, 1996. 256 p.

_____. Paisagens, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano. In: **Uma visão Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem**. Bauru: UNESP, 1996. p. 21-28.

DURAO, V. GÓES, F. **Anglo American tem grandes desafios em projetos no Brasil**. Disponível em: < <http://www.portosenavios.com.br>>. Acesso em 20 nov. 2013.

ENTRIKIN, J. N. O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 10, n. 19 p. 5-30, 1980.

FABRINI, J. E. O sujeito e o objeto na Geografia. **Espaço Plural** - Versão eletrônica, v. 6, n. 12, 1. sem. 2005. Espaço plural. Disponível em: br/index.php/espacoplural/article/download/.../372>. Acesso em: 14 jun. 2012.

FERREIRA, L. F. Iluminando o lugar: três abordagens (Helph, Buttimer, Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**, v. 22, n. 1, p. 43-72, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/15378/9428>>. Acesso em: 05 mai. 2013.

GOOF, J. L. **Por amor as cidades**: conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmelo Corrêa de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP, 1998, 160 p.

GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 366 p.

GÓMEZ, Ortiz. A. E. Paysage como tema transversal em el diseño curricular base de la educación obligatoria. **Revista Bibliográfica de Geografía y ciencias sociales**, Barcelona, n 267, 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-267.htm>> Acesso em: 20 jun.2013.

GUIMARÃES, R. R.; MESQUITA, H. A. Feira Camponesa: instrumento de luta e resistência das mulheres camponesas em Catalão - GO. ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 19, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2009. p. 1 – 15. Disponível em: <http://www.mcpbrasil.org.br/biblioteca/genero/doc_view/51-feira-cam.>. Acesso em: 20 mai. 2013.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990. 550 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992. Disponível em < <http://geografiahumanista.wordpress.com/>>. Acesso em: 12 Mar. 2013.

_____. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 8-19, 1996. Disponível em < <http://geografiahumanista.wordpress.com/>>. Acesso em: 13 Mar. 2013.

_____. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, cidade de publicação, v. 2, n. 3, p. 77-85, jul./ dez. 1997. Disponível em< <http://neghario.wordpress.com/bibliografias/geografia-humanistica/>. Acesso em: 16 Abr. 2013.

IBGE. **Censo Demográfico do ano 2011**. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. NOTA 1: Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2013. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520510&search=goias|catalao>> Acesso em: 12 Out. 2013.

KOZEL, S.; SOUSA, L. F. Contribuições de Paul Claval à geografia brasileira. In: ALMEIDA, M. G. de; ARRAIS, T. A. **É geografia, é Paul Claval**. Goiânia: FUNAPE, 2013. p. 39-52.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 34. ed. Rio de Janeiro, 1994, 152 p.

LIMA, S. T. de. Percepção Ambiental e Literatura – Espaço e Lugar no Grande Sertão: Veredas. In: DEL RIO, V. OLIVEIRA, L. (Org). Percepção Ambiental: a Experiência Brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996. p. 153-172.

LIMA, O. R. **O estudo da paisagem através da fotografia em Geografia: Avenida Dr. Lamartine Pinto de Avelar em Catalão (GO)**. 2011. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Catalão (GO), 2011.

LIMA, O. R. de. ROSA, O. Geografia e Fotografia: percepção da paisagem urbana em Catalão (GO). In: Simpósio do Núcleo de pesquisa Geografia, trabalho e movimentos sociais (GETeM). 2012. Catalão-GO: **Anais...** Catalão (GO): Movimentos sociais, meio ambiente e diversidades do trabalho. 2014. p. 318-331.

LIMA, O. R. de. ROSA, O. Práticas educativas: um olhar para o ensino de Geografia. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS - XVII ENG - Entre escalas, poderes, ações, Geografias, 2012, Belo Horizonte: **Anais...** Belo Horizonte: XVII Encontro Nacional de Geógrafos. 2013. p. 231-243.

LIMA, O. R. ROSA, O. Percepção e topofilia: a paisagem urbana a partir do olhar dos moradores da cidade de Catalão (GO). 2013. Goiânia: X CONPEEX- Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão. Goiânia (GO). **Anais...** Goiânia (GO): X CONPEEX – Conhecimento e Riquezas: X Seminário de Pós-graduação da UFG. 2013. p. 1057-1057.

LIMA, O. R. de. ROSA, O. Um olhar geográfico: a percepção da paisagem urbana do bairro centro na cidade de Catalão Sudeste do Estado de Goiás (Brasil). In: 14º Encontro de Geógrafos da América Latina. 2013. Lima-Perú: **Anais...** Lima-Perú: Reencontro de saberes territoriais Latinoamericanos. XIV Encontro de Geógrafos da América Latina. 2013.

LIMA, O. R. ROSA, O. Percepção e topofilia: relações e sentimentos sobre a paisagem da cidade de catalão (GO). 2013. In: SEURB: II Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das

idades e a produção do espaço. Campo Mourão - PR. **Anais...Campo Mourão-PR: SEURB-II Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço.** 2014.

LIMA, O. R. de. ROSA. O. Percepção da paisagem e topofilia: um olhar sobre a cidade de Catalão (GO). 2013. In: X ENAMPEGE – Encontro Nacional da Associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em Geografia. 2013. Campinas-SP. **Anais...Geografias, políticas públicas e dinâmicas territoriais,** 2014. p. 1567-1578.

LIMA, V. B. Os caminhos da urbanização/mineração em Goiás: o estudo de Catalão (1970 a 2000). 2003. 122 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2003.

LINCH, K. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1960. 205 p.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1985. p.103-140.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa:** uma introdução. São Paulo: EDUC, 2005. 108 p. (Série Trilhas).

MARÇAL, P. S. R. **O Clube do Povo de Catalão (GO) - 1984-2011:** histórias contadas, territórios vividos. 2012. 167 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2012.

MARANDOLA, E, J; HOLZER. W. OLIVEIRA. L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. 307 p.

MELLO, J. B. F. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao Positivismo. **Revista Brasileira Geografia,** Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, out./dez.1990. Disponível em: <<http://neghario.wordpress.com/bibliografias/geografia-humanistica/>> Acesso em: 10 julho 2013.

_____. **O triunfo do lugar sobre o espaço.** In: MARANDOLA, E, J; HOLZER. W. OLIVEIRA. L. (Org.). Qual espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 33 – 68.

_____. Valores em Geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttimer. **Espaço e Cultura,** Rio de Janeiro, v. 19-20, p. 48-58, 2005. Disponível em <<http://neghario.wordpress.com/bibliografias/geografia-humanistica/>> Acesso em: 10 jul. 2013.

MELO, V. L. M. O. A Paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas. ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 5., 2005, São Paulo, **Anais...**, São Paulo, 2005, p. 9146-9164. Disponível em: <http://mazinger.sisib.uchile.cl/repositorio/ap/arquitectura_y_urbanismo/h20054111319paisajecultural.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2013.

MENDES, E. P. P.de; PESSÔA, V. L. S. Técnicas de investigação e estudos agrários: entrevistas, registros de observações e aplicação de roteiros de entrevistas. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p. 509 – 537.

MENDONÇA, F. de A.; VENTURI, L. A. B. Geografia e metodologia científica. In: SIMPÓSIO DE GEOMORFOLOGIA. **Revista Geosul**, n. especial, Florianópolis, 2005. p. 36 – 48.

GOMÉZ MENDOZA, J; MUÑOZ JIMÉNEZ, J.; ORTEGA CANTERO, N. **El pensamiento geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales)**: Madrid: Alianza Editorial, 1988. 530 p.

MONTEIRO, C.A. de F. **Geossistemas: a história de uma procura**. São Paulo: Contexto, 2000 127 p.

_____. MONTEIRO, C. A. de F. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: UFSC, 2002. 242 p.

MORAES, A. C. R. **Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico: Alexandre Von Humboldt, Karl Ritter e Frederich Ratzel**, 1983. 246 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. A. C. R. Geografia: **pequena história crítica**. São Paulo. 6. ed. Editora Hucitec, 1987. 138 p.

MORIN, E. **O método 1: a natureza da natureza**. 2. ed. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2005. p.

NBR 6023: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, L. de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. São Paulo: USP-IGEOG, 1979. p.

_____. Percepção e representação do espaço geográfico. In: DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. de (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996, p. 187-212.

_____. Percepção do meio ambiente e Geografia. In: OLAN – Ciência & Tecnologia [arquivo de dados legíveis por máquina]. v.1, n. 2 nov. 2001. Rio Claro: Aleph, Engenharia e Consultoria Ambiental, p. 14-28. 2001.

PESSÔA, V. L. S. **Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo**. 13 p. (Texto apresentado no V Encontro de Grupos de Pesquisa – UFSM, Santa

Maria, nov. 2009).

PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 662p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CATALÃO. **Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável Urbano e Ambiental de Catalão**, 2002. 100 p.

RÊGO, G. S. M. M.; FERNANDES, J. L. J. A topofilia dos cidadãos para com o patrimônio natural urbano: o caso da cidade de Coimbra. **Geotextos**, Salvador, v. 8, n. 1, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13971>>. Acesso em: 10 out. 2012.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Revista Geografia**, cidade da publicação, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr., 1979. Disponível em <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/123>. Acesso em: 28 Mar. 2012.

_____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, W.; OLIVEIRA, Lívia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

RIBEIRO, W. C.; LOBATO, W.; LIBERATO, R. C. Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental, **Sinapse Ambiental**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 42-65, 2009. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13971>>. Acesso em: 10 out. 2012.

RIBEIRO, L. J. **Expansão urbana e derivações ambientais sobre o Ribeirão Pirapitinga em Catalão (GO)**. 2011. 202 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Catalão 2011.

ROCHA, L. B. **O centro da cidade de Itabuna: trajetória, signos e significados**. Ilhéus (Ba): Ed. UESC, 2003. 190 p.

ROCHA, Y. T. Teoria geográfica da paisagem na análise de fragmentos de paisagens urbanas de Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista Formação**, v. 1, n. 15, p. 19-35, 2008. Disponível em <http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/3_rocha.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2013.

ROCHA, I. S. da. S. **Arborização urbana de Catalão (GO): caracterização e proposta para requalificação do sistema viário**. 215 fls. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2011.

ROCHA, S. A. Geografia humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RA'EGA**, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/view/7670>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

ROSA, O. **Geografia e Pedagogia**: o professor dos anos iniciais do ensino fundamental em Catalão (GO). 2008. 216 fls. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

ROSENDHAL, Z.; C. R. L.; (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, (Série Geografia Cultural nº 08). 2001. 227 p.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Finisterra**, cidade da editora, n. 72, p. 37-58, 2001. Disponível em <<http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1620/1315>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 136 p.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. São Paulo: Editora: Universidade de São Paulo - (Coleção Milton Santos; 1). 2006. 260 p.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora: Universidade de São Paulo, 2008. 176 p.

_____. **Por uma Geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008. p.59-76.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense. (Coleção primeiros passos). 1984. p. 50 - 80.

SANTANA, A. T. de. **A Territorialização da indústria automobilística em Catalão e as mudanças no trabalho**. 281 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2011. p. 63 – 97.

SARTORI, M. G. B. **O clima de Santa Maria - do regional ao urbano**. 1981. 167f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

_____. **Clima e Percepção**. v. 2. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA; ROSENDHAL (Org.). **Paisagem tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p.

SCHMIDLIN, E. **Percepção da paisagem urbana**. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006. 15 p. (DVDTECA Arte na Escola-material educativo para professor-propositor; 114). Disponível em: <http://www.fau.ufrj.br/prologar/arq_pdf/Trabalhos%20Acad%EA%20Amicos_Relat%F3rios%20de%20APO/Per_pais_urb.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2013.

SHIER, R. A. Trajetória do conceito de paisagem na Geografia. **Revista RA'EGA**, Curitiba, n. 7, p. 79 - 86 2003. Disponível em <

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/view/3353/2689>> Acesso em: 16 Mai. 2011.

SILVA, M. E. C. **Paisagem e lugar na Amazônia produzidos pela Globalização: uma análise a partir de empresas *fast foods* nos bairros de Nazaré e Umarizal.** 136 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

SILVA, M. V da. **A Indústria automobilística em Catalão/Goiás: da rede ao circuito espacial da produção da MMC Automotores do Brasil S.A.** 2010. 450 f. Tese (Doutorado em Geografia) -Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço.** Tradução de Eduardo de A. Navarro. Coordenação de Antônio Christofolletti. São Paulo: Bertrand Brasil, 1988. p. 1 - 60.

SOARES, M, L, A. Grafias urbanas: a cidade de vidro de Paul Auster. In: MARANDOLA, E, J; HOLZER. W. OLIVEIRA. L. (Org.). Qual espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 173 – 190.

SOUSA, L. G. **Memórias de economia.** Edição eletrônica. Paraíba: Eumed. net, 2004 Disponível em: <http://www.eumed.net/cursecon/libreria/2004/lgs-mem/32.htm>> Acesso em 10 jul. de 2013.

SOUZA S. B. de. **Um discurso sobre as ciências.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 29 p.

SILVA, A. M; PINHEIRO, M. S. F. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses.** 5. ed. rev. e ampl. Uberlândia: UFU, 2008. 145 p.

SUERTEGARAY, D. M. A. Notas sobre epistemologia de Geografia. In: **Cadernos Geográficos/UFSC.** Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências. Florianópolis: Imprensa do departamento de Geociências, vol. 12. p. 23 – 35. 2005.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico.** São Paulo: Editora da UNESP, 2004. 218 p.

TROLL. C. El paisaje geográfico y su investigacion. In: GOMÉZ MENDOZA, J; MUÑOZ JIMÉNEZ, J.; ORTEGA CANTERO, N. **El pensamiento geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales):** Madrid: Alianza Editorial, 1988. p. 323 – 330.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. 260 p.

_____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

_____. **Espaço e Lugar:** a perspectiva de experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

UNESCO. Recomendações sobre a paisagem histórica urbana. Disponível em, http://www.sintraovpm2011.com/ocs/public/conferences/1/docs/UNESCO_RECOMENDA.pdf?PHPSESSID=25f455cc3e79b22f3de89e90062ee414. Acesso em: 15 jun. 2013.

VILLALOBOS, J. G. Filosofia e ciência na Geografia contemporânea: In: _____. **Introdução ao pensamento geográfico.** 2. ed. Maringá: Massoni, 2008. 117 p.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – CAMPUS CATALÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Projeto: PERCEPÇÃO E TOPOFILIA: a paisagem urbana a partir do olhar dos moradores da cidade de Catalão (GO).

Parecer consubstanciado referente ao projeto de pesquisa, protocolado neste comitê sob o nº 069/13.

Mestranda: Ozanir Reinaldo de Lima

Questionário A – primeira parte

1 IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

1 Sexo () masculino () Feminino;

2 Idade (anos); () 18 a 30; () 31 a 42; () 43 a 54; () 55 a 67; () + de 68 anos.

3 Naturalidade: _____.

4 Tempo de residência em Catalão: _____ anos;

5 Bairro em que mora _____.

2 GRAU DE ESCOLARIDADE

Ensino Fundamental Incompleto ()

Ensino Fundamental Completo ()

Ensino Médio Incompleto ()

Ensino Médio Completo ()

Ensino Superior Incompleto ()

Ensino Superior Completo ()

3 DADOS OCUPACIONAIS

Profissão: _____.

Local de trabalho: _____.

Principal meio de transporte utilizado: () Carro () Ônibus () Bicicleta () a pé () motocicleta () outro

Questionário B - segunda parte

1 Você gosta da paisagem urbana de Catalão?

a) (..) Sim

b) Não (..)

Justifique: _____

2) Qual é a paisagem urbana de Catalão que você mais gosta? Por quê? _____

3) Além das citadas, cite mais três paisagens na cidade de Catalão que lhe chame mais a atenção.

1. _____

2. _____

3. _____

4) Que tipo de sentimento você têm por estas paisagens? _____

5) Quais mudanças na paisagem urbana você percebeu na cidade de Catalão nos últimos anos? _____

Assinatura do entrevistado